



Je ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin



















ANO 2 - N. 8

15 DEZEMBRO 1932

# REVISTA NOVA

DIREÇÃO DE PAULO PRADO E ANTÔNIO  
DE ALCÂNTARA MACHADO

GERENCIA DE NELSON PALMA TRAVASSOS

EÇA DE QUEIROZ  
MURILO MENDES  
FRANCISCO ISOLDI

ALBERTO RANGEL  
LUIZ DA CAMARA CASCUDO  
ERMELINO A. DE LEÃO

JOÃO PACHECO

CARTA A EDUARDO PRADO  
BUMBA MEU POETA  
UM ESTUDO A SER FEITO SÓ-  
BRE GARIBALDI

CRUËRA (III)  
O CORPO DO IMPERADOR  
A LUTA DOS PIRES E CA-  
MARGOS

VARIAÇÕES EM SURDINA

## Etnografia

LEOCADIO PEREIRA — ROMANCEIRO DE LAMPEÃO

## Notas

de

SERGIO MILLIET, ROSARIO FUSCO, MARIO DE ANDRADE E  
ORESTES GUIMARÃES

## Brasiliana

RUA XAVIER DE TOLEDO N. 72

SÃO PAULO

# REVISTA NOVA

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

(FEVEREIRO, ABRIL, JUNHO, AGOS-  
TO, OUTUBRO E DEZEMBRO)

Diretores: PAULO PRADO E ANTÓNIO  
DE ALCÂNTARA MACHADO

Gerente: NELSON PALMA TRAVASSOS

Redação e administração:

RUA XAVIER DE TOLEDO, 72

Telefone: 4 - 7547

SÃO PAULO

ASSINATURA ANUAL . . . . 28\$000  
(remessa registrada)

NÚMERO AVULSO . . . . . 5\$000

ESTÃO AUTORIZADOS A  
ANGARIAR ASSINATURAS:

LIVRARIA  
JOSE' OLIMPIO

RUA DA QUITANDA  
SÃO PAULO

PLINIO DOYLE

RUA DO OUVIDOR N. 59, 2.º  
RIO DE JANEIRO

JOÃO MENDONÇA

RUA D'AURORA N. 237  
RECIFE  
PERNAMBUCO

# REVISTA NOVA

NÃO SE RESPONSABILIZA PE-  
LAS IDEAS DE SEUS COLA-  
BORADORES QUE GOZAM DA  
MAIS AMPLA LIBERDADE DE  
OPINIÃO E CRÍTICA

## PORTUCALE

REVISTA ILUSTRADA DE CULTURA  
LITERARIA, CIENTIFICA E  
ARTISTICA

DIREÇÃO DE AUGUSTO MARTINS,  
CLAUDIO BASTO E PEDRO VITORINO

Red. e adm.:

Rua dos Martires da Liberdade n. 178  
PORTO — PORTUGAL

# REVISTA NOVA

em suas NOTAS não se ocupará  
dos livros enviados pessoalmen-  
te aos seus diretores, e pede que  
a mencionem no caso de repro-  
dução ou referencia a trabalhos  
nela publicados.

ANO 2

15 DEZEMBRO 1932

N. 8-10

# REVISTA NOVA

Direção de Paulo Prado e  
Antônio de Alcântara Machado

Gerencia de Nelson Palma Travassos

VOLUME 3.<sup>o</sup>

RUA XAVIER DE TOLEDO, 72  
SÃO PAULO



# Carta a Eduardo Prado (1)

STO. OVIDIO  
Porto 29 Maio 1892

Carissimo Prado

O mundo exterior não existe — como nós já assentámos com robusta filosofia — e portanto só as Intenções, atos do Mundo interno, têm alguma valia no Universo, perante a Razão. Ora desde que cheguei a Portugal ainda um dia não passou sem que eu tivesse a *Intenção* de lhe escrever; — e isto é consideravelmente melhor do que se eu lhe remetesse cartas, que, como fatos do Mundo externo, seriam meras e ôcas *ilusões*. Assim, ao menos, as Intenções, unicas realidades, claramente lhe provam que entre os meus amigos de Lisboa me lembrei sempre do meu amigo de Paris.

De resto, essa estada em Lisboa não merecia Cronica. Passei lá duas semanas, uma Santa, outra profana, e ambas entristecidas pela sombra que projetavam, daí de Paris, o convenio, o emprestimo, os *comètes* e o Burnay. Felizmente o querido O. M. (2) nem sempre *Secretariava-d'Estado* (bom verbo!): e uma noite mesmo tirou da gaveta certo grosso *bouquin*, ainda em letra redonda, chamado a *História de Nun'-Alvares*, que foi “cousa muy deleytosa de ouvir e para muy

---

(1) Publicada agora pela primeira vez, por gentileza do sr. Jorge Pacheco e Chaves, a cuja coleção de autografos pertence.

(2) Oliveira Martins.

grandemente se pasmar” como se diria no tempo do dito Nun’Alvares. Essa constituiu a melhor noitada de Lisboa. De resto séca — e umas vagas bacalhoadas.

Depois vim para o Porto; — e desde então, como se diz em Musset, *un silence parfait règne dans cette histoire*. Aqui é um convento, adormecido dentro de sua cêrca, ou antes do seu roseiral porque agora em Maio tudo são rosas, e tão afastado do Mundo e das suas empresas, que, quando a sineta do portão, anunciando o Correio, quebra êste lento silêncio que só costuma ser quebrado pelo cantar dos repuxos, ha tanto alvorôço, como outrora entre os frades de Tibães ou de Bostelo, ao chegar, com grande guizalhada de machos, o Estafeta da Côrte. De manhã passeio na rua dos Loureiros, que é no meio da cêrca, sem breviario, mas tão pachorrentamente como se levasse os olhos postos num; e á noite leio genealogias e agiologios.

Tambem fiz, com a Benedita (3), uma excursão ao Minho e Douro que eu não via ha muitos anos. Esta nossa terra é sem dúvida a obra-prima do grande paisagista que está nos Céus. Que beleza! E tudo toma o doce estilo da Ecloga. Tudo canta. Cantam, trabalhando, cavadores e ceifeiras; até canta o carro de bois, o velho carro do Latium, levando o mato pelas azinhagas!... O peor são as camas, nas hospedarias. Mas em compensação que maravilhosas caçoilas d’arroz, e que divinos anhos pascais assados no forno! Não posso compreender como êste é um país *falido*. Em toda a parte onde estive não vi um palmo de chão, onde se pudesse assentar o pé sem perigo d’esmagar uma semente. As flores silvestres, não tendo já onde florir, procuram refúgio nos telhados. A terra toda parece prenhe de pão. E no ar tudo é vinha e azeitona em flor... Com mil bombas! Isto parece uma epístola de Desembargador do seculo XVIII, cantando em verso, solto e grave, a *felicidade dos campos!*

---

(3) Trata-se de uma cunhada de Eça de Queiroz.



Salto por isso a cousas da Cidade e da Indústria — que ofereço á sua meditação. Ha dias, conversando com um amigo meu, soube que a antiga fábrica de papel de Ruães, a *magnifica Ruães*, que eu supunha extinta — ainda existe, e prospera, em plena atividade. Mas como a poderia eu agora conhecer sob o seu burguesissimo nome de *Companhia Fabril do Cavado*? Lembrei-me logo do desejo que V. teve ha tempos, em Paris, de se vir fornecer a Portugal de papel para o *Jornal do Comércio* (4). Perguntei ao meu amigo, que é do Conselho fiscal da Fábrica, se ela estava em condições de fazer esse largo fornecimento. O meu amigo afirmou-me *que sim*, e com a maior confiança, porque a Fábrica possui as melhores máquinas que existem para o fabrico do papel — (do grande papel em rôlo contínuo): de fato as máquinas que tem estavam na Exposição de Paris, onde obtiveram o *grand prix*. Da parte dum membro do Conselho fiscal podia haver, nestas informações, parcialidade e vaidade. Indaguei com o Genelioux, que é freguez de Ruães. Genelioux disse-me, (com espanto meu) que Ruães era hoje uma das fábricas de papel mais bem *outillées* de toda a Europa; que até ha pouco sofrera, na realidade, duma má direção tecnica; mas que agora era dirigida por um homem de forte capacidade, e de forte iniciativa. Tomei ainda outras informações — todas identicas, dando a fábrica como excelente. Resolvi então ir ver Ruães, que é perto, ao pé de Braga. As instalações pareceram-me feias (não assim a fábrica nova que se anda construindo ao lado, e que deve abranger, para aproveitar os açudes do Cavado e a sua grande fôrça, uma fábrica de panos crús e abretanhados: — essa é magnífica, quasi artistica). Dentro porê m dessas feias instalações encontrei uma *outillage* esplendida. Sou um profano — mas o maquinismo que faz o papel de jornal, (para o *Comércio do Porto*,

---

(4) Eduardo Prado era então co-proprietario do *Jornal do Comércio*, do Rio.

*Comércio de Portugal* etc.) pareceu-me superior. Examinei lá excelentes tipos de papel. E penso que, em resumo, Ruães está amplamente preparada, como *outillage*, pessoal, etc., para fornecer o *Jornal do Comércio*, e outros ainda. Tanto mais que, segundo me disse o meu amigo, se o *Jornal do Comércio* lhe desse a freguezia, eles imediatamente comprariam e instalariam, se tanto fosse necessario, uma outra máquina: — e isto só pela razão de que, depois da nova pauta do O. M., Ruães está abarbada com encomendas, e trabalha de noite e de dia, sem cessar. Eu fui lá numa manhã de festa e romaria — e estava-se em pleno *fervet opus*.

Aí tem pois V. em Ruães o seu *desideratum*. As vantagens de tomar o papel em Portugal melhor as sabe V. e as sente na algibeira do *Jornal* do que eu; — ainda que elas são bem visiveis, com um cambio do Rio sôbre Londres a 11 e com um cambio regressivo de Londres sôbre Lisboa a 41 1/2. Ha ainda a vantagem de Leixões etc.

O diretor tecnico de Ruães, homem que não perde tempo, logo que eu lhe falei na sua antiga idea, mandou fazer um pequeno rôlo de papel, tipo do *Jornal do Comércio*, não só como estudo, mas para lhe submeter a V. E desejaría saber todos os detalhes — quantos rolos consome o *Jornal*, de quantos quintais, que reserva costuma ter, quais as datas regulares da expedição, etc. Estas perguntas não vão talvez corretamente formuladas — porque as não apontei. Mas V. sabe bem todas as indicações que ha-de dar, para que se possa fornecer um *devis*.

Tambem o meu amigo, notando por essa ocasião, nos numeros do *Jornal do Comércio* (que obtivera para tipo do papel) que a tinta era singularmente parda, me perguntou se o *Jornal* não querería uma tinta melhor de *negro-fixo*, que se não alteraria no clima do Rio. O meu amigo, que se ocupa das artes de imprensa, tem tambem parte numa fábrica de tintas de escrever, que prospera.

Eis aqui, carissimo Prado, o que ha sôbre indústria. Medite V. nestas informações — e responda, e com brevidade, porque nada se perde, nem mesmo tempo, em conversar sôbre estas materias. Eu muito gostaria, por todos os motivos, que V. se entendesse com Ruães; — e era um serviço gentil á Industria Portuguesá, trazer-lhe uma tão alta freguezia, percursora talvez d'outras. Êste pobre país precisa que os seus amigos o ajudem.

A' hora em que lhe escrevo o nosso bom O. M. já não é Ministro. Não comento. Em carta que me escreve hoje, diz que parte para Inglaterra no "Madalena". Estou imaginando que V. irá a Londres. Se fôr — a bom entendedor, meia palavra basta — entendo que V. deverá dizer aqui e alêm, aos jornais que conhece, que O. M. chegou a Londres, e quem é O. M., e que obras tem já atrás de si O. M. O mesmo se deveria fazer em Paris. *A bon entendeur...* Isto é confidencial. V. faria nisto não um serviço ao Filósofo — mas ao País.

Esta carta vai interminabilissima. Não a findarei sem lhe agradecer, querido Prado, a muito boa companhia que tem feito em Neuilly. A Maria e o Zezé (5), todavia, mandaram-me dizer, com queixume, que *M. Prado avait douché la poule!*

Se Mayer (6) ainda aí está dê-lhe valente abraço. Diga-lhe que eu não lhe escrevi logo que cheguei a Lisboa — porque o Serpa me serviu de carta. Mas tudo isso é história antiga, tão antiga como a batalha de Azincourt. Afetuoso abraço ao Paulo, e ao Domicio (7). Eu pouco me demoro. Amanhã ou alêm, partimos Benedita e eu, para Lisboa e daí, para Paris, se Deus quiser, em poucos dias.

*Vale et* (não sei como se diz *recebe*) *amplexum fraternum.*

EÇA DE QUEIROZ

---

(5) Filhos de Eça de Queiroz.

(6) Carlos Mayer.

(7) Paulo Prado e Domicio da Gama.

## Bumba meu poeta

**A família do poeta:** Salvè salvè seu poeta,  
Você hoje anunciou  
que vai dar uma função  
na praia do acaba mundo.  
Juntou-se a família toda  
para visitar você,  
trouxemos alguns vizinhos  
para engrossar a função.

**O poeta:** Se sentem sem cerimonia,  
sejam bemvindos, merci.  
Os mais malucos na frente  
— não têm medo de aplaudir —,  
os ajuizados, no fundo.

**O professor:** Seu moço me dê licença  
de vir arejar um pouco.  
Estou com a cabeça quente  
de tantas aulas que dei.

**O poeta:** Muito obrigado ao senhor,  
não me ensinou coisa alguma.

Sendo assim caí no mundo,  
aprendi foi por mim mesmo  
sem o metodo Decroli.  
Louvada seja a burrice,  
não tentou meu professor  
a me ensinar coisa errada  
no deserto do colegio,  
coisa alguma me ensinou.

**A primeira namo-  
rada:**

Tambem eu vim te revêr...  
Você se lembra de mim?

**O poeta:**

Como não! Si hoje mesmo  
seguro nesta caneta  
para um poema dansar,  
é porque ha quinze anos  
você levantava os olhos,  
olhou com fôrça pra mim,  
depois levantou os braços,  
me abraçou tão carinhosa.  
Como não... si nem um dia  
pude esquecer de você.  
Si a função sair batuta  
deveremos a você.  
Se assente aqui, faz favor,  
neste lugar destinado  
às pessoas de destaque...  
No lugar de honra mesmo!...

**Côro de vitrolas:**

Tem uma pinta na cara!  
O olhar em banho-maria...  
Antigamente seria

uma das nove inspiradoras  
que sopravam nos ouvidos  
tal qual o Espírito Santo...  
No tempo em que os poetas  
inda usavam cabeleira.  
Tem uma pinta na cara.

**O relequim:**

Sou personagem da estranja,  
me transportaram pra cá.  
Para falar com franqueza,  
me sinto melhor aqui  
do que me sentia lá.  
Não permita Deus que eu morra  
tendo voltado pra lá.  
Eu aqui tenho prestígio,  
uso pincel de ouro,  
empresto dinheiro a juros,  
sou ouvido na eleição.

**O poeta:**

Seu diplomata da estranja,  
você manda como diz.  
Quer um pedaço do reino?

**O jazbände:**

Seu dono da festa, aqui  
chegámos meio atrasados.  
Encontrámos no caminho  
um povão em desatino,  
vai derrubar o govêrno.  
Ao povo nos ajuntámos,  
demos concêrto pra ele.  
Êste povo não faz nada  
sem auxílio musical.

**O poeta:**

Chegaram mesmo meio tarde,  
a festa já começou.  
Precisamos de uma música  
mais infernal, violenta,  
para sacudir o povo.  
Enquanto não se fabrica,  
vão tomando seus lugares,  
não deve o povo tardar.

**O deputado:**

(Que multidão oportuna!  
Arranjarei uns mil votos,  
vou ganhar nas eleições.)  
Meus amigos, vim trazer  
uma esplendida notícia:  
as últimas leis sociais  
exigem que o povo mande.  
Derrubemos os tiranos,  
transformemos êste mundo  
num paraíso ideal.  
Eu trago instrução de graça,  
remédios aos pontapés,  
um grande auxílio á lavoura,  
protejo a indústria, o comércio,  
só faço o que o povo quer.  
E' claro que meu rival  
não tem competencia alguma.  
Levarei todos de taxi  
pela estrada do porvir.  
Em troca sómente exijo  
que um votinho aqui me dêm.

**O poeta:**

Passa fóra, esta cantiga  
não pega mais pro pessoal.

Abaixo a democracia.  
Tome cheiro da festança,  
seu deputado de fraque,  
depois vá embora daqui,  
cantar noutra freguesia,  
conosco não violão.

**O deputado:**

(Felizmente neste mundo  
nem todos têm vergonha.  
Vou falar com o imperador,  
vou falar com o relequim;  
providências se darão  
pra minha vitória em regra.  
Esperem um pouco, canalhas.)  
Minha gente, até á volta,  
se divirtam, minhas flores.

**Côro:**

Sujeito pra falar mal!  
Conosco não violão.

**O telegrafista:**

Seu poeta, será possível  
se gozar umas casquinhas  
dessa festa tão famosa?

**O poeta:**

Faça o favor de chegar,  
você é persona grata.  
Talvez uns trinta por cento  
do que o poeta medita,  
foi você que o forneceu.  
Você traz algum suicidio,  
caso de amor cabeludo,



revolução fracassada,  
desastre na lua, o quê?

**O telegrafista:** Tudo isto que o senhor disse  
mais o resto que pensou.

**O dono do carnaval:** Ô abre alas que eu quero passar,  
eu sou da lira do meu natural.  
Não devo pedir licença,  
povo é que tem que pedir  
pra mim poder funcionar.  
Meu rancho já está chegando,  
estão afinando as flautas,  
os violões e os cavaquinhos  
ali no clube da esquina.

**O poeta:** Entre, que a casa é sua!  
Todos nós te desejamos,  
ai vem, nosso amigo, vem!

**Côro:** Entre, que a casa é sua.  
Todos nós te desejamos.  
Ai vem, nosso amigo, vem!

**O doutor:** Desculpem, que sou penetra!...  
Não creio que fui chamado.  
Mas estejam descansados:  
tambem sou meio poeta.  
Mas estejam descansados:  
não vim fazer poesia!...

Vi o poeta na praia,  
me pareceu assim doente.  
Poeta, incline a cabeça:  
abra os olhos bem, assim.  
O diagnostico sibilino,  
esferoidal, apocalíptico,  
acusa sintomas graves  
de loucura neste poeta.  
Este poeta, já o declaro,  
não me cheira muito bem.  
Anda meio hipocondriaco,  
inquietao, mefistofélico.  
Mas já o remédio aplico:  
leia, hoje, os meus tratados,  
que ficará logo bom.

**O filho de Lenine:** Poetas de todos os planetas,  
uni-vos, sinão vocês  
nunca mais se aguentarão,  
com o primado economico  
do nosso mundo atual.  
Já trabalhei muito hoje,  
camaradas, quero entrar.

**O poeta:** Por minha parte, consinto  
que entres nesta função.  
Quanto ao resto da função,  
não sei si concordará.

**Côro:** Qual o quê, o côro serve  
é só pra dizer amen,  
tem mesmo que concordar.

**O submarino:**

Eu sou cavalo marinho,  
danso muito bem no mar.  
Eu vim do fundo do mar  
trazer aqui a mãe dagua  
para neste baile entrar.

**A mãe dagua:**

Pelas teorias modernas  
o homem provém do mar.  
E' por isto que você  
prestava tanta atenção  
aos contos que te contei  
no teu tempo de menino.  
Prestavas mais atenção  
aos meus cabelos cacheados.  
Hoje estão alagarçone,  
me vestiram de maiô,  
não me reconheces mais.

**O poeta:**

Ô mãe dagua de maiô,  
de cabelo alagarçone,  
inda mais bonita estás.

**O avião:**

Urgente das nebulosas  
parti com nevoeiro denso,  
trazer esta alma penada  
pra concorrer á função.

**A namorada morta:**

Não sou mais alma penada...  
Alguem se lembra de mim.

**O rancho Lira do  
Amor:**

Em garridos movimentos  
em belas evoluções  
com escolhidos pensamentos  
viemos saudar o poeta  
cantor de tantas paixões  
salvè salvè vate ilustre  
alma rara de safira  
que o segrêdo da harmonia  
guardaste na tua lira  
de tão divinal poesia  
a ti nossas emoções  
tão amigos corações.

**O poeta:**

Obrigado, minha gente!  
Vocês ajudam um pedaço  
o brilho desta função.

**São Francisco de  
Assis:**

Aproveitei uma folga  
que o inspetor do céu me deu,  
tambem vim aqui dansar  
pra me lembrar do meu tempo.  
Louvado pra sempre o vento  
que nas suas asas me trouxe.  
Louvada seja esta gente  
que de vez em quando esquece  
as tristezas desta vida,  
cái na farra que nem eu  
na minha primeira fase.

**Côro:**

Êste falar contamina  
até quem vem do outro mundo,  
ninguem lhe pode escapar.

**O poeta:**

Cáia tudo ajoelhado  
pra louvar o bruto poeta,  
nosso amigo, nosso irmão.  
Quero às vezes imitar  
outro poeta neste mundo,  
escolho então São Francisco:  
mas não consigo imitar,  
nem de longe, tal poeta.  
Meu consôlo é que não imito,  
afinal, poeta algum.  
De qualquer forma pareço  
com São Francisco, senhores:  
não ha dúvida que sou,  
ai! São Francisco às avessas.  
Louvemos o bruto poeta,  
nosso amigo, nosso irmão.

**Côro:**

Louvemos o bruto poeta,  
Nosso amigo, nosso irmão.

**A rima:**

Eu sou órfã, ninguém mais  
me dá atenção no mundo.  
O meu dó é bem profundo.  
Deixem-me entrar... não escutais?

**O poeta:**

Pode entrar, mas se comporte:  
não insista nas melodias.

**A mulher atôa:**

Si a turma aí tem escrupulos,  
não faço questão de entrar:  
eu sou reserva do rancho...

**O poeta:**

Pode entrar, que nesta casa  
todo o mundo lhe quer bem.

**Côro:**

Pode entrar, que nesta casa  
todo o mundo lhe quer bem.

**O aviador:**

Aqui é casa de poeta,  
deve ter estriquinina,  
eu quero me suicidar:  
minha noiva me deixou.

**O poeta:**

Estriquinina não tem,  
mas não faz mal, pode entrar:  
aqui tem um avião.

**O anjo da guarda:**

Mas que festa extraordinaria,  
nem lá no céu tem assim.

**O poeta:**

No tempo que eu precisava  
de você pra me guardar,  
você estava tentando  
as garotas mais sublimes  
que nasceram da mulher.  
Agora que me tornei  
um sujeito tão importante,  
um poeta matriculado  
com poder discricionario,  
é que você me aparece.  
E's o tipo do adesista.  
Em todo o caso, consinto

tome parte na festança,  
mas dobre as asas direito,  
se comporte muito bem.

**O anjo da guarda:** Que sujeito pretencioso,  
não sou seu anjo da guarda,  
você nunca teve tal.  
Sou o anjo de São Francisco,  
trago um radio para ele  
voltar para donde veio.

**São Francisco:** Meus amigos, até á volta,  
esmola para uma igreja  
que estou construindo no céu.

**O poeta:** Meu santo, sentimos muito,  
nossa pobreza é bem grande,  
nem mesmo o senhor é assim.  
Temos crise do café.

**Côro:** Temos crise do café.

**O poeta:** (Tantas pessoas declaram  
que vão embora da festa,  
que esta festa não está boa...  
Acabam todos ficando,  
com exceção do deputado.  
Aliás o prazer é meu.)

**O deputado:**

Senhores, o povo êvem,  
ganhou a revolução.  
Saudemos o arreboi  
dos novos tempos pro reino.  
Chega aí o ditador  
com seu luzido cortejo,  
precedido de clarins.

**Côro:**

Sujeito pra falar bem!  
Esta turma é que nos serve,  
o resto só tem garganta.  
Conosco sim bandolim,  
conosco sim bandolim,  
conosco sim bandolim.

**O agitador:**

Ou o poeta entra na roda  
ou nós liquidamos ele.  
Ocupa lugar demais  
aqui no centro do reino.

**Ditador mascates  
camponeses sol-  
dados povo:**

Tomemos conta depressa  
dêste reino universal  
antes que alguém mais esperto  
passe na frente da gente.  
Tomemos conta depressa  
dêste reino universal.  
Eletrifiquemos o reino;  
distribuiremos chuchús  
aos pobres e torcedores,  
bananas aos discordantes.



**O deputado:**

Esta casa está se enchendo  
de gente a mais não poder.  
Que calor, que confusão!  
Não ha duvida, não sobra  
uma casquinha pro poeta.

**Côro:**

Não tem lugar pro poeta!  
Não tem lugar pro poeta!

**O poeta:**

Fiquem quietos, vou sair.  
Estão todos na sua casa!...  
Me acostumei ha bem tempo  
a ceder o melhor quarto  
pro relequim repousar.  
Só me admiro do côro  
a quem ensinei o abecê!...  
Eu que voluntariamente  
até adotei agora  
o seu modo de falar,  
não estabeleci distinção  
pra maior facilidade  
desta festa universal!...  
... Mas que sujeitos ingratos.  
Tirei-os desta cachola,  
é natural que se zanguem,  
acabo me conformando.  
Vou-me embora pra folhinha.  
Recorrerei ao Senhor  
meu supremo tribunal.  
Mas antes de dar o fora  
faço questão de avisar:  
êste assobio que agora  
vocês usaram pra mim,

eu vou usá-lo também.  
Vocês me apupam, maltratam,  
mas acabam me elevando  
um busto na praça pública,  
inda precisarão de mim.  
Pois bem, apurem os ouvidos:  
desde já estou vaiando  
meu busto que se erguerá  
na posteridade remota.

**O doutor:**

Êste poeta adstringente  
continua, meus senhores,  
a não me cheirar muito bem.  
Incline a cabeça, moço,  
deixe-me vêr a esclerótica...  
E' mesmo um caso perdido.  
O diagnóstico, pelo menos,  
se salvou, é o principal.

**Côro:**

O meu poeta morreu!  
Que será feito de mim?  
Vamos buscar outro poeta  
em qualquer lugar, — aqui!

(1931).

MURILO MENDES.

## Um estudo a ser feito sôbre Garibaldi

No quinquagesimo anniversario de sua morte, Garibaldi foi comemorando como o Heroi dos Dois Mundos. E assim permanecerá na história. Nenhuma referencia se fez ás suas qualidades de verdadeiro e grande general, senhor de uma tecnica singular, pelo seu genio apreendida nos Pampas americanos. Os altos dignatarios das academias militares, seus contemporaneos, nele viram tão sòmente um anacronico capitão de aventuras. Entretanto, esse juizo, que vem sendo repetido pelos historiadores, deve ser revisto pelos competentes no assunto, de forma a ficar evidenciado o extraordinario valor do Heroi dos Dois Mundos como estrategista militar.

Garibaldi possuia, de fato, todas as qualidades que caracterizam um grande cabo de guerra. Assim, o conhecimento profundo e quasi divinatorio do terreno onde agia, um instinto de orientação que não errava, como nos passos perigosos de Las Pedras. Assim, o poder de improvisação, os recursos inesgotaveis de um espirito inventivo que não se alterava ainda nos momentos mais dificeis, como quando, não podendo arribar com a *Luiza*, devido aos ventos dos Pampas, fabricou com duas pipas uma especie de jangada. Assim, o animo forte, a extraordinaria resistencia, de que ele deu provas no incêndio de Galpon, no naufragio do Rio Pardo e, mudo perante a dôr, na horrivel tortura ordenada por Millan. Movendo-se com a mes-

ma facilidade na terra e na agua, devolvia "le anitre all'aqua", como costumava dizer, e sôbre carros colocava lanchas.

Com essas qualidades, adquiridas, não nas academias militares, mas percorrendo o mundo, navegando e batalhando, Garibaldi formou uma arte de guerra toda sua. Quando chegou ao Brasil, só conhecia a vida maritima, á qual se dedicara por amor á liberdade. Nas diversas viagens pelo mar do Oriente, enfrentara com denodo e habilidade os celebres e audaciosos piratas do arquipelago grego. E ao mesmo tempo formara seu espirito ao contato das ideas dos Sansimonianos expulsos da França e estabelecidos no Oriente Europeu, pois, no dizer de Blanc, parecia favoravel áquelas doutrinas. Inscreveu-se na *Carboneria*, umas das sociedades secretas que provocaram na Italia os motins revolucionarios do comêço do seculo 19. Sendo já capitão de marinha mercante, alistou-se como simples marinheiro de 3.<sup>a</sup> classe na frota do Rei da Sardenha, alistamento que coincidiu com a expedição de Savoia e o motim de Genova de 1834. Envolvido neste, Garibaldi evitou a pena de morte com o exilio. E depois de uma vida errante, de Nice a Odessa e a Tunis, desembarcou no Rio de Janeiro.

O Brasil estava sendo agitado então por forte crise politica, uma daquelas tantas fases caracteristicas do continente americano, de que resultou, com tendencias democraticas, a sua particular constituição sociologica. Pondo de parte a rudimentar e imperfeita república dos Palmares no seculo 17, o ideal democratico se revelou melhor com a Inconfidencia Mineira, a revolução de Pernambuco, a célebre Confederação do Equador e outros movimentos de menor importancia, que, apesar da Independencia de 22, continuaram até a abdicação de Pedro I.

Nessa epoca agitada, chegaram da Italia, onde tambem apontava uma consciencia nova, varios desterrados pelos mesmos ideais: Libero Badaró, o conde Tito Livio Zambeccari, o veronês Dalecazi, L. Rossetti, F. Anzani, Cuneo e outros mais.

Garibaldi veio ao tempo em que se desenrolavam os acontecimentos da grande revolução democratica dos Farrapos, consequencia da provocação feita ao tradicional orgulho militar gaúcho, humilhado na batalha de Ituzaingó. A revolução findou com a derrota da ilha de Fanfa e os chefes Gonçalves e Zambecari foram recolhidos prisioneiros ao forte de Santa Cruz.

O jovem niçardo, com o auxílio de Rossetti, pôde visitar Zambecari em sua prisão. Combinou-se nessa entrevista que a Garibaldi caberia o comando da frota. Para tal fim arranjaram-lhe logo os documentos necessarios. E na lagoa dos Patos, pela primeira vez na America, demonstrou ele a sua bravura, ganhando a fama de heroi. Aí, com duas lanchas, sob o seu comando e o de John Griggs, enfrentou a esquadra imperial, composta de trinta navios de guerra e um barco a vapor.

O primeiro combate em terra foi na defesa de Galpon de Chayoncada. Durante cinco horas, com doze companheiros, resistiu ao assalto de cento e cincoenta cavaleiros comandados pelo bravo coronel Moringue. A perda de Laguna encerrou a fase da luta dos Farrapos de que participou Garibaldi por terra e mar, dando provas sobejas de eximio estrategista. A retirada era inevitavel. E ele, com prudencia e coragem, guiou-a por mais de dez meses. A historia dos dez mil de Xenofonte dá uma idea muito palida dos quadros de sofrimento e heroismo da chefiada por Garibaldi, cuja narração está a desafiar a pena de um artista de talento. Mulheres e crianças seguiam a tropa. Menotti, de três meses apenas, envolvido em um lenço e carregado a tiracolo, era aquecido pelo halito do pai. Os guias erravam constantemente o caminho na tremenda floresta das Antas.

O verdadeiro comandante revela-se nos ataques e sobretudo nas retiradas. Foi o que aconteceu então com Garibaldi. Mais tarde, a prática adquirida no sul brasileiro lhe haveria de auxiliar grandemente para conduzir os seus depois da queda da República Romana e na campanha dos Vosges.

No Uruguai foi nomeado comandante da flotilha e da legião italiana. Em Salto de S. Antonio levou a cabo seu mais glorioso feito na America, com tanta bravura e pericia que chegou a ecoar na Europa. Veja-se, a proposito, a narração feita pelo general Sacchi, simplesmente admiravel. Igualmente brilhante foi o ataque de cavalaria em Las Vacas, após haver subido o Uruguai com a flotilha e as tropas. Depois, a guerra deixou de ser nacional para degenerar numa luta mesquinha de partidos.

As novas condições da Italia, com as célebres jornadas de Milão e a declaração de guerra do Piemonte á Austria, fizeram-o regressar á patria. Tendo-se apresentado ao quartel general, o rei C. Alberto, irresoluto, enviou-o ao ministerio da Guerra. Por preconceitos de tradição, julgaram-o aí simples aventureiro e aconselharam-o a partir para Veneza, afim de repetir os caprichosos e fantasticos feitos americanos. Compreendeu então Garibaldi a falta que lhe fazia, para que fosse tomado na devida conta, o diploma de uma academia militar. E se dirigiu para Milão, onde o conceito da guerra popular e revolucionária surgira do seio das barricadas.

Em Milão, Manzini sustentava com o ardor apostolico de sua eloquencia a necessidade de implantar a guerra popular. Garibaldi era o homem indicado para conduzi-la. A luta não foi, porém, favoravel aos piemonteses, que se viram obrigados a aceitar o armisticio de Salasco e a voltar para o Ticino. A Lombardia curvava-se deante de Radetzki. Garibaldi não se conformou. E, publicado um manifesto aos italianos, novamente subiu contra a correnteza o lago Maior e desembarcou em Luino, onde estabeleceu seu acampamento. Nada pôde dissuadí-lo de seu firme proposito: nem o número reduzido de seus soldados, nem a insuficiencia dos meios, nem o desânimo cada vez maior do povo, nem o tormento de uma febre terrivel. Estava decidido a não deixar a terra lombarda sem medir fôrças com o estrangeiro que a golpeava. Entretanto, a audaciosa e rapida manobra planejada por Garibaldi foi denunciada ao comandan-

te austriaco por um espia. E tornando-se insustentavel a sua posição, especialmente em virtude do número diminuto de suas forças, não lhe restava senão resistir até alta noite. Depois, a passo de carga, atirou-se sôbre os inimigos em campo aberto e conseguiu alcansar a fronteira suissa.

O melhor juizo sôbre esta campanha, foi dado pelo proprio general austriaco d'Aspre, que, percebendo na tatica do adversario a fôrça de um genio militar, dissera a um diplomata italiano: "O homem, que vos podia ter auxiliado na luta pela independencia de 1848, vós o desconhecestes; era Garibaldi". E assim foi sempre. Nem por ocasião da defesa de Roma o seu excepcional valor de chefe militar foi compreendido. Mais uma vez, por preconceito de tradição, puseram-o sob o comando de Rosselli, que se revelou incapaz de dirigir com exito a difficil empreza. E quando Cavour o chamou a Turim, em dezembro de 1858, nas vespervas da segunda guerra da Independencia, foi para que chefiasse a revolta, que deveria estourar em Massa e Carrara, alastrando-se em seguida.

Entretanto, Garibaldi nunca cessou de dar provas incontestaveis de sua excepcional capacidade militar. Na campanha da Sicilia, deante de Palermo, Gibilrossa e Milazzo, agiu como estrategista consumado. Durante a campanha da França, os prussianos, que com poucos ulanos haviam podido devastar e dominar o país, com a chegada de Garibaldi foram obrigados a cessar o divertimento das alegres devastações. Mas todas essas façanhas foram insuficientes para quebrar o preconceito existente contra ele. Nos Vosges não teve sob seu comando senão uma legião heterogenea de poucos milhares de guardas moveis, soldados regulares, voluntarios, recrutas reunidos á fôrça, franceses, espanhois, polacos, gregos e algerianos. Além disso, não possuia cavalaria e seus recursos de artilharia eram insuficientes, por desleixo do govêrno em satisfazer seus pedidos. Mas não esmorecia na luta. E em Dijon, não querendo permanecer em posição inerte de defesa, pôs em ação a tatica

adquirida nos Pampas americanos; atacou inesperadamente, surpreendeu e desnordeou o inimigo, golpeando-o ora pela frente, ora pelos flancos, ora pela retaguarda. Os alemães recuaram; e no terceiro dia de luta, apesar do ataque de artrite que o prendia ao leito, Garibaldi ordenou a captura de uma bandeira prussiana, o unico trofeu da infausta campanha dos franceses que figura, ao lado dos de Iena e Auerstardt, no templo dos Invalidos. Veiu depois o armistício de Versailles e excluiu da tregua o exercito dos Vosges. No entender dos bachareis de estrategia, Garibaldi não passava de mero aventureiro, sem direito aos privilegios pela tradição concedidos aos diplomados pelas academias militares! E essa clausula do armistício obriga o Heroi dos Dois Mundos e estrategista desprezado a uma retirada, que ele realiza sem perdas, em perfeita ordem.

A humilhação, porém, era inutil. O mundo inteiro aclamava em Garibaldi o Heitor de Montevideo, o Camilo de Roma, o Argonauta de Marsala. E confirmando o sentimento universal, resta agora que os tecnicos militares e os historiadores imparciais, isentos de quaisquer preconceitos de tradição, restituam a Garibaldi a sua verdadeira grandeza, completando-lhe a figura com reconhecer no niçardo um estrategista admiravel, dono de uma tatica de guerra propria, adquirida nos Pampas americanos.

Mesmo porque, nas operações de campanha, Garibaldi seguiu sempre os conselhos dos grandes capitães: marchar á noite; dormir durante o dia; evitar a luta quando a vitória se mostrar incerta; resistir, na contingencia de aceitar o combate em condições desfavoraveis, até a noite, quando a retirada é mais facil; preferir, em ataque de cavalaria, a massa compacta ao quadrado vasio; reunir para o combate o maior número de forças possiveis no ponto tatico ou objetivo do campo de batalha; deixar que o inimigo se aproxime, alvejá-lo com poucos tiros certos e, uma vez proximo, confiar no sabre e carregar. Tais foram os metodos taticos que sempre usou. E se não desenvol-



veu maiores planos estrategicos foi porque nunca teve sob seu comando grandes massas, estado-maior preparado, generais de divisão experimentados e outros elementos que não faltaram a Napoleão, Wellington, Moltke, Eugenio von Savoie, etc.

Com nenhum dêsses elementos indispensaveis pôde contar Garibaldi. Sem diploma expedido por qualquer academia militar, tinha contra si a opposição formal dos generais de carreira e a má vontade dos governos. Mas nem por isso deixou de se revelar um estrategista á altura dos maiores. Os Pampas americanos lhe serviram de academia. Neles é que adquiriu e aprimorou a tatica invencivel que o mundo batizou de Garibaldina.

FRANCISCO ISOLDI

## Cruêra (III)

(Extratos da correspondencia particular)

### Sôbre um discurso de Martim Francisco

Acabo de lêr o discurso que V. ontem pronunciou. Palavras de razão e de fogo, quanto hão de contentar o Futuro, quando êste tiver de operar, entre nauseas, com o seu ciscador no circo de cavalinhos de nosso parlamento! Salvar-se-ão a honra e a intelectualidade dessa assemblea legislativa povoada, na sua maioria, de saltimbancos, palhaços, ursos e macacos domesticados, num pequeno pelotão de escol, de que V. ocupa atualmente a frente gloriosa e faiscante.

A oração foi habil e brilhante; não se deliu em prolixidades ruisidicas, não se embostelou de trivialidades roncantes capazes de entusiasmar a um juri ou a um comicio eleitoral em S. Gonçalo das Tabocas. V. tem o segrêdo de, com as menores cordas resonantes de seu verbo implacavel, acordar todos os écos nobres e adormecidos das grandes causas abandonadas.

As boas ideas precisam dos melhores padrinhos. Falar em patria, em História, em Brasil e em outras cousas santas e dedenhadas, parece que só V. em nossos dias pode fazê-lo sem com isso entarar ou ser risivel. Na bôca de outros, militantes da exploração em todos os sentidos, Deus, Virtude, Lealdade,

por exemplo, são chavões de ridicularia e rotundidade, na sua ficam assunto sério, provocando arrepios na espinha ou lagrimas nos olhos. Atribúo isso menos aos seus dotes de tribuno e parlamentar natos, que a esse preparo de humanismo, tamisado numa envergadura de são e inamolgavel, cimentada na herança do melhor sangue andradino.

Os temas graves que V. costuma tratar em quê se tornariam debatidos por um Floro Bartolomeu? Quando o passaro canta, não será preciso saber qual seja. Na gaiola da política não é assim. Imagine V. o grande Bernardo de Vasconcelos, do qual dizia em 1837 o barão Rouen: "qu'il est aussi distingué par ses talens, que decrié pour ses moeurs" fazendo a apologia do amor casto ou o visconde de Alburquerque, ambicioso conspirador da secessão do Brasil, berrando uma lôa em favor da integridade do nosso territorio!

### **A Marquesa de Santos e os Estados Unidos.**

Quão interessantes, meu amigo, os bastidores do trabalho dos escritores, buscando refôrço e desenvolvimento aos seus temas e observações, tratando de documentar o que viram, o que sabem! Se houvesse sempre ocasião e gôsto de tambem contar-se tudo isso!

Tive que implorar fossem buscar ás chancelarias da maior parte dos Estados europeus a correspondencia diplomatica que me serviria ao estudo da personalidade da marquesa de Santos. Seria, pela insuspeição das testemunhas, a substância principal para que essas páginas não se limitassem ao quasi vazio do ouvir dizer, ás roseas hipoteses do apologista ou ás tiradas denegativas do cronista mais ou menos simpatico a essa mulherzinha. Um trabalho de fuinha ou de cão de caça, remontando por vezes a grosseira ou a imprestabilidade alheia, esbarrando em tolices, desviando de inconveniencias, correndo atrás do possivel e mesmo do impossivel.

Quanto prazer, quanta decepção e quanto aborrecimento em seguir essa dama no seu triplice disfarce de adúltera, de amante e de bem casada! Não deixara ela a ponta da saia em papeis de Estado, em laudas particulares, na lembrança fugitiva de uns e outros? Se um dia me resolver a contar a história dessa história hei de ainda me divertir bastante, divertindo os amigos...

Vá agora especialmente para V. êste episodiozinho da grande caçada, quando me botei para cima do fantasma da formosa paulista, hoje reduzida a poucochito de pó, debaixo de um Cupidinho desconsolado no cemiterio da Consolação, em S. Paulo.

Foi a chancelaria da America do Norte a unica dentre aquellas a cujas portas se bateu reclamando a meu pedido noticias de D. Domitila, que exigiu não fossem aproveitados todos os dados por ela mesmo fornecidos.

Das monarquias mais reavizadas do Velho Continente nenhuma exigencia semelhante. As reservas verdadeiramente metodistas da democracia norte-americana chegaram ás raias desdenhadas mesmo pela alta e classica prudencia do proprio Vaticano! A Santa Sé chegou a permitir que se ultrapassassem as disposições de Leão XIII, consentindo para o caso marquesa de Santos se levassem as pesquisas dos arquivos secretos da Curia Romana até 1840, quando de ordinario só se permitiam até 1815. Que honras pontificias para a caçula do Coronel João de Castro!

A Casa Branca abra os seus arquivos com uma rolha por contrapêso. Nem o Papa, nem o Kaiser puzeram paraventos á memoria da Marquesa, enquanto que o caturra Tio Sam, confiando a sua pêra de melindre e cavilação, deu os papeis e atravessou um dedo na bôca em marca de silêncio, acendendo uma vela ao Deus da condescendencia e outra ao diabo de seus escrupulos diplomaticos...

## O jardim de Micromegas

Todos os dias, seja de marcha para meus arquivos ou para um giro de vadia higiene por êste Paris multiface e sempre inedito, que V. conhece em seus meandros e larguezas, raspo a janela de minha porteira. Vale a pena que lhe dê notícia de mais um exemplar dêsse genero de sentinela tão popular e arre-negado. E' uma velhota arruivascada e incomodaticia, como todas as que o francês, administrativo e burguesento, teima em pôr ao pé dos domicilios para facilitar a polícia e perturbar a boa paz dos tetos mais morigerados. O seu longo nariz, aceso de roixos reflexos da vinhoca quotidiana, presta-se admiravelmente ao encargo de cheirar e reconhecer seus locatarios no corredor em que são eles forçados a expremem-se, sob o inquerito visivel ou invisivel dêsse ente de espiagem, do qual a propria Revolução de 89 não teve a fôrça de libertar o domicilio do francês e cidadão.

A imagem de Cérbero acode logo, porque os olhos pesquisadores dessa criatura têm o brilho sombrio das do classico canzarrão, com os colmilhos arregaçados no seu canzil do inferno.

Mas, talvez em si mesmo não seja a arripiada megéra tão displicente, como se aplica no seu mister de vigia de nossos costumes menos aparentes ou dos nossos habitos mais caseiros. Ha inocentes officios humanos que exigem mascaras desproporcionadamente severas. Ha mascaras que qualificam o seu emprêgo e vice versa, o que não impede devam ser trocadas de vez em quando.

Ora, esse animal tipico de suas funções de desconfiança e vigilancia por fas ou por nefas, á soleira de nossa porta, por uma tradição que vem do *Cave canem*, na vivenda da antiga Roma, imaginou criar, ao alcance de seus dedos, nesta rúa poeirosa e completamente guarnecida por casarões regulares, alguma cousa que fosse um contraste absoluto a essa côr tediosa do asfalto, da pedra e do cimento com que nos emuramos neste canto desencantado do encantado Paris. Porque tudo aqui em torno é

viuvo de pitoresco e surpresa. Moro num beco de Vulgaripolis. Os relogios dão horas certas e os habitantes do quarteirão se movem em entradas e saídas reguladas pelos mesmos e bem contados minutos. A taboleta do barbeiro dir-se-ia uma sanefa de pompas funebres, estiradas sôbre o luto dos pentes sujos e a caspa da indomita freguesia...

Mas, como lhe ia narrando, no canto do parapeito dessa janela da minha gordurosa e carapinhenta porteira distingo, sempre com dobrado prazer, um caixote de terra, de menos de um palmo cubico, sôbre o qual vegetam sete plantinhas gordas. Conto-as diariamente, no gôzo de supô-las multiplicadas e transbordando do seu leito, pequenino, invadindo com seus rebentos rua afora, pendurando-se pelos balcões, do rés do chão ao friso das mansardas insipidas, cobrindo de um manto esmeraldino a sensaboria cinzenta dêstes paredões, onde o Tédio, o Egoismo e o Sofrimento parecem ter erguido a sua colmeia, corrida numa dupla galeria de sete andares por cada lado.

Não lhe quero empanzinar o miolo com a classificação dos vegetais do jardinzinho da porteira, para lhe dizer que são crassifoliados e cada qual parece bom para um alfinete de gravata e têm a resistencia dos nossos jaracatiás dos cerrados, contentes do seu bocado de areisco. Como sorriem essas plantinhas urbanas ás poeiras que as recamam e bailam, no ar lucteciano, de braço com a microbeira dos hospitais e as ondas ubiquas da trepidante T. S. F.!

Amo esse jardinzinho retirado e quasi comico. Deve limitar o horizonte dessa furna onde range os dentes a terribilissima *Piplette*. Quando a porteira se enrosca no azedume de sua má vontade, quando lhe chega aos labios o fel de uma respostada injusta, essas plantazinhas falar-lhe-ão das ervas pacificantes de sua aldeia, do verde imarcessivel dos pinheirais da duna, dos platanos de defronte da igrejoca onde a megéra brincava em menina, rodando o arco ou palmeando a pelota. E isso deve amansar a harpia, torná-la pensativa, dar-lhe dois dedos

de ilusão, ducificar-lhe um momento a vida, sobressaltá-la num acesso de humanidade e complacência...

Aliás se sente que o jardinete teria nascido da necessidade da porteira sedativar um pouco a sua consciência amarga e crespa de onça-tigre de guarda ás idas e vindas dos locatarios, nascidos sob o signo atroz de existirem com uma bruxa espetada no caminho de casa e mais indiscreta que a esfinge tebana, a qual não importunava o proximo reclamando gorgetas...

Benditas sejais, plantinhas humildes e que me parecem um jardim suspenso de Semiramis ou o bosque de Bolonha, concentrados numa palma de mão cheia de terra, parque de trazer no bolso, o jardim de Micromegas...

ALBERTO RANGEL

(Continúa)

## O corpo do Imperador

D. Pedro II nasceu ás duas e meia horas da manhã de 2 de dezembro de 1825. Era o setimo filho da Imperatriz que tinha 28 anos e o marido 27.

D. Pedro I.º casara em maio de 1817. Em abril de 19 nascia dona Maria da Glória, em abril de 20 dom Miguel, em março de 21 dom João Carlos. Cada ano cada filho. Dona Januaria em março de 22, dona Paula em fevereiro de 24.

O Imperio estava sem principe imperial. Dom Miguel vivera horas e dom João Carlos, febril, com um ataque de influenza, possivelmente de fundo paludico, fôra levado numa noite de chuva para a fazenda de Santa Cruz. O Rio estava sob as ameaças da Divisão Auxiliadora. O Imperador resguardara a familia mas perdeu o filho. Seu odio ao general Jorge de Avilez tornou-se feroz. Chama-o, numa carta a D. João VI, “assassino de meu filho, neto de Vossa Magestade”.

No palacio de Boa Vista tudo estava preparado. O Imperador prometera ao médico Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto “o que ele pedisse”, se annunciasse a vinda dum menino. O médico era de confiança. Assistira o nascimento de dona Januaria e de dona Francisca. Morreria em 46 como barão de Iguarassú. Tivera a honra de embalsamar o cadaver do principe da Beira, o pequenino dom João Carlos. O processo inda era o classico do embalsamento a sêco. Envasiara e lavara as cavidades esplâncnicas com terebentina. Depois enchera com as gomas odorosas. Era tudo.



Naquela madrugada de 2 de dezembro de 1825 a Imperatriz sofrera cinco horas acompanhada pelo doutor Guimarães Peixoto. Lá em cima o Imperador passeava mordendo o lenço, contendo o choro que nele, epiletico, era facil e sonoro.

Nasceu finalmente o menino. Doutor Guimarães correu a dar a notícia. “Peça o que quizer”, diz-lhe dom Pedro, radiante. Doutor Guimarães pediu uma comenda da Ordem de Cristo para o filho. O filho tinha seis anos. Foi o mais moço comendador de todo o Imperio.

O guri media 23 polegadas e um quarto com a extensão dum a outro ombro de seis polegadas e três-quartos. Fôra parto natural mas difficil pela “posição do tronco à entrada do estreito superior da bacia, que não deixava sem grande difficuldade descer a cabeça (primeira parte que se apresentou) aliás bem situada (posição occipio-cotiloide esquerda) como pela distancia dos ombros”, rezava o boletim do médico do Paço, o alvorçado Guimarães.

Alimentação humana. É uma suissa, Catarina Equey, que já amamentara dona Paula. Debret tem um “Pedro II ao colo de sua ama” (coleção Rego Barros), dando-a como negra autêntica. Mania supersticiosa da côr local.

Às 10 e um quarto do dia 11 de dezembro de 1826 morria a Imperatriz Leopoldina. Expelira um abôrto. Féto masculino que mostrava ter de dois e meio a três meses, dizia o barão de Inhomirim, médico de sua magestade. A febre puerperal complicara-se com fenomenos cerebrais, aritmismo, queda do coração, espasmos, tosse rouca. Ataques successivos, crises inconcientes de choro alarmaram o Paço. O Imperador andava para o Sul onde ia vigiar a guerra com a Cisplatina. A eclampsia surgiu terrífica. Dom Pedro ficou órfão.

Começa a dentição tardia e difficil. Tem convulsões, diarréas verdes, gastro-enterite ritual. Em 1827 o Imperador mostra o Principe Imperial ao marquês de Barbacena que o acha “magrinho e muito amarelo”. A 18 de outubro de 1832

adoece com varicelas. A 2 de dezembro já está bem porque passa revista a quatro legiões da Guarda Nacional envergando a farda dêste corpo.

Logo cái em tosse prolongada. Naturalmente coqueluche. Seu médico é quasi sempre o que o viu nascer, e assistiria o nascimento do seu primeiro filho, doutor Guimarães Peixoto.

No ano da Maioridade o Imperador está doente. O relatorio publicou-o o "Jornal do Comércio", do Rio, em 30 de março de 1840, datado de 28. Ignoro a marcha do mal. O médico foi o dr. Joaquim Candido Soares de Meireles, médico-de-semana. Não podia ter sido grave porque em fins de abril Sua Magestade recebia interessados no reconhecimento de sua Maioridade antes do tempo.

A educação era sedentaria. Poucos habitos de exercicios fisicos. Aprendera a nadar e montar a cavalo mas rarissimamente usava destas habilidades. Gostava pouco de jardinar. Passeava sempre a pé. Até sua morte conservou o costume das caminhadas com passo ritmico, infatigavel e miudo. Não bebia alcool nem fumava. Idiosincrasia pelos perfumes fortes. O cravo dava-lhe dor de cabeça. O fumo provocava vertigens. Um gole de champanhe trazia-lhe hipercloridria, salivação abundante, nauseas, tonturas. Hiperacidez gastralgica. Sofria de subitas coceiras, vermelhidões que vergoavam a epiderme branca. Eram denúncias do artritismo naquele homem de 14, 15 e 16 horas de trabalho mental sem as compensações regulares da ginastica. Andava muito. Mais de duas leguas diarias em visitas officiais ou imprevistas aos estabelecimentos de educação, arsenais, quartéis, hospitais. Dormia às 11 horas e acordava às 5. Quasi sempre seu criado-de-quarto encontrava-o dormindo na cadeira em que recostara para ler, despida apenas a sacramental casaca vestida pela manhã. Parco nos prazeres da mesa. A canja de galinha ou de macuco era prato preferido. Sobre-mesa, a goiabada eterna. Vinte minutos de passeio na varanda de Boa Vista. Comia mal. Depressa, sem gôsto, numa ansia

de acabar. Como a etiquêta mandava levantar todos quando o Imperador terminava a refeição, o convite para jantar no Paço exigia uma colação prévia para enfrentar a manducação elétrica do imperial convidador.

Sujeito a cismas, abstrações, desvaneios quando rapaz. Homem, substituiu todos pelo livro inseparável de seu pince-nêz.

Alto e gordo não era forte. Andava pesadamente, num aritmismo de pendulo descompassado, pendendo para o lado direito. Face pronunciadamente austriaca. As melhores e mais positivas influencias de familia vinham-lhe da parte materna. Membros superiores extremamente desenvolvidos. Mão ampla, mole, dedos bem marcados e distantes. Cabeça fortemente desproporcionada do tronco que era massiço e largo. Testa concava que com a saliencia do queixo, realçada pela convexidade da região sub-mentoidiana, permitia aos caricaturistas a idea da castanha como modêlo da imperial cabeça como a pera o fôra para Luiz Felipe. Nos dias de gala notavam a finura das pernas num desequilibrio à robusteza do torax.

Fala fina, nasalada, destacando silabas quando desejava ferir um tema a serio.

A 28 de fevereiro de 1887 o Imperador foi acometido duma congestão hepatica, acesso febril, inapetencia, dôres agudas ora esparsas. Entre melhoras e peioras andou dias, vomitando, tendo frio, subidas da febre para a casa negra do quatro e zéro. Estava em Petropolis. Levaram-no para Aguas Claras. Eram medicos do Paço, então em serviço junto ao Imperador, os drs. Mota Maia e Figueira de Saboia, ambos agraciados com as coroas de viscondes e o conselheiro Alvarenga depois barão e visconde. Em fins de abril chamaram o professor Torres Homem, lumiar e luminar da clínica carioca, magestoso, lento, doutoral, tipo que Charcot elevou ao padrão. Torres Homem encontrou uma congestão no lobulo direito do figado e baço, sensível esplenalgia, estado suburreal da lingua, preguiça intestinal,

anorexia, subictericia. O depauperamento de fôrças era visível. Torres Homem não achou anormalidade nos sistemas circulatório e respiratório nem as esperadas perturbações funcionais no sistema nervoso, técla batida pelos jornais de opposição. Diagnosticou "intoxicação paludosa com acessos febris irregulares". Recomendou cautela com o aparelho hepato-biliar. Louvou os colegas e com eles proclamou um prognostico favoravel.

O dr. Olimpio da Fonseca, indispensavel em seu estudo "Molestia do Imperador", nota que

"Por essa época o diagnostico microscopico do paludismo ainda não havia entrado na prática médica. Embora os trabalhos de Laveran datassem de 1879 e 1880, as suas asserções eram geralmente reputadas meras hipoteses, tendo tido o pesquisador a penosa necessidade de, em França, convencer, um a um, os seus contraditores. Ao tempo da molestia do imperador, Marchiafava e Celli ainda se esforçavam por demonstrar que os elementos por eles designados em 1886 sob o nome de *plasmodios* eram verdadeiros parasitos do paludismo, muito diferentes dos descritos pelo seu antagonista, sendo preciso chegar a 1889 para ver Celli e Guarnesi, fazendo uma evolução completa, admitirem a existencia de todos os elementos descritos por Laveran e, com ele, os considerarem diferentes estadios do mesmo parasito.

Todavia, a clínica médica falou, escudada pelos grandes meios propedeuticos da época, sendo o diagnostico por todos aceito como verdadeiro. Da possivel coexistencia do diabetes ninguem suspeitou, atribuida a congestão do figado unicamente ao paludismo".

Continuou dom Pedro sujeito a acessos febris, nauseas e a inapetencia assustadora para seus intimos. Nem mais a canja o tentava...

Impunha-se a viagem a Europa. A Princesa Imperial visitava cidades illustres. O barão de Cotegipe chamou-a de Paris. A 30 de junho o Imperador e a Imperatriz partiam. Mota Maia acompanhou-os. A 21 de julho estavam em Paris. Mas aí começou a tratar-se passeando, conhecendo nomes reboantes, sendo aclamado, visitado, citado, explorado. Mota Maia fazia-se de todas as côres do espectro solar.

Decidiram o Imperador a pedir a visita de Petter, então dominante e do grande Brown-Séquard. Os dois sabios examinaram-no e concordaram com Mota Maia. "Fica sendo êste o maior dia de minha vida", disse o vitorioso médico brasileiro.

Emagrecera, perdia a memoria, apanagio sedutor dos Braganças. Levam-no para Baden-Baden. Submetem-no às duchas. Bouchard positivara a diabetes. Mota Maia concorda. Bouchard indica valeriana, estriquinina e o emprêgo da hidroterapia.

A 27 de outubro de 1887 vai visitar Charcot, hierofante misterioso, reinando sob o palio de mil vitórias neuropaticas. A perda de glicose atingia às vezes 60 gramas diarias. Repouso para a imperial curiosidade anomala em seus colegas coroados.

Mesmo assim viaja, visita, assiste a aulas, trepa ao Vesuvio, demora nos museus. Em Napoles faz amizade com o professor Semmola. Parte para Milão. Maio de 1888. No Rio de Janeiro a campanha abolicionista chegava ao final apoteotico. Dom Pedro caiu com uma pleurite sêca. Febre alta, subdelirio, prostração, desânimo. A 22 aparecem complicações alarmentes de fenomenos bulbares. Atonia. Mal pode inalar o oxigenio. Os doutores Semmola, Giovanni e Mota Maia desesperam. Injeções de eter. Semmola aplica injeções de cafeina, alcaloide de novissimo surgimento e parcamente recei-

tado. Apesar de tudo pede-se que Charcot venha de Paris. Com os telegramas das festas cariocas pela lei de 13 de maio o Imperador melhora, reanima-se, dita um telegrama á Filha. Charcot vem apenas declará-lo melhor e dizer-se "mascote". Meu cicerone nesta fase é o dr. Olimpio da Fonseca, onde terão minúcias ("Rev. Inst. Hist. Bras.", t. 98. v. 152, 1925).

No mesmo dia 22 dom Pedro confessa-se, toma a Extrema Unção, vê o termometro ir a 40 ½ graus e quasi fica bom. Tudo em 24 horas. A 28 voltam os sintomas. Febre, delirio, apatia. Perturbações bulbares. Debelam o acesso com dosagens altas de caféina por injeções hipodermicas e estriquinina por via gastrica. Melhora vagarosa. Convalescencia lenta. O diagnóstico fôra de uma pleurisia sêca com fenomenos nervosos de origem bulbar, transitorios. Em "transitorios" acalmaram-se os politicos suspeitosos dum colapso na imperial mentalidade. Em julho está em Aix-le-Bains e a 22 de agosto via seu nome numa saudação gigantesca no alto do Pão de Assucar.

Voltando para a Europa sem a corôa e com uma fama maior, dom Pedro levou vida folgada e milagrosa sem recordar-se de regime especial. Um diabetico é homem que assinou promissoria à Morte e sabe quais as possibilidades de pagamento. Dependerá dele certas precauções para distanciar o credor infalivel e às vezes retardador. Dom Pedro não esperava perder tempo com estas explicações apesar de Mota Maia. Estudava linguas mortas e cuidava pouco do organismo vivo.

No inverno de 1891, com mil pedidos, Mota Maia não pode levar o Imperador para Cannes. Ficou ele em Paris, no Hotel Bedford, 17 rua da Arcada. Neve, vento, frio. Uma noite entendeu o imperial estudante que Gaston Boissier merecia entrar para o Instituto e ele, associado, podia auxiliá-lo com seu voto. Foi e votou. Veiu para casa a pé, conversando, exposto ao vento agudo e fino do boulevard. Tal qual Fradique Mendes. A gripe apanhou-o com mão de aço. A festa íntima de seu aniversario não pode ser realizada. No dia seguin-

te, 3 de dezembro, um seu colega de Instituto, o abade David, confessou-o. Febre alta e 24 horas melhores durante o dia de 4. O conde d'Eu e a princesa Isabel deixaram sua cabeceira e foram para Versailles. Às 10  $\frac{1}{2}$  da noite de 4 chegou a 41 graus de febre. Perdeu a fala. Ungido pelo vigario de Madalena melhorou um pouco. Depois o pulso enfraquece, a respiração desce a um sopro insensível, uma palidez cobre-lhe de neve o rosto impassível. Lá fóra o vento, neve e frio. A pneumonia declarara-se dominadora e senhora absoluta do organismo. Meia noite. Pulso filiforme, respiração inescutável. Imobilidade. Silêncio. Derredor os derradeiros fieis esperam o fim do Rei... Morreu trinta e cinco minutos depois...

Na manhã de 5 de Dezembro, Charcot, Bouchard e Mota Maia assinaram o atestado de obito. Deram como causa-morte uma pneumonia aguda no pulmão esquerdo.

LUIZ DA CAMARA CASCU DO

# A luta dos Pires e Camargos

## I

### VISTA RETROSPETIVA

A situação da vida de São Paulo do Campo, no momento da tragica vingança dos Camargos, sepultando, vivo, no oceano, o matador de Leonor de Camargo Cabral e de Antonio Pedroso de Barros, era francamente revolucionaria. Os paulistas se achavam fóra da lei e da grei catolica, divididos em facções tumultuarias e poderosas, graças aos exercitos de indios escravizados, que haviam preado, nas jornadas ao sertão poentino, em audazes assaltos ás molocas do numeroso gentio vermelho.

A luta travada contra os padres do Campanhia de Jesus, da qual resultou a violenta expulsão dos jesuitas do Colegio de Santo Inacio de Piratininga, havia dividido as familias em duas bandas, e uma delas, menos numerosa, se tornára fiel aliada dos missionarios. Eram membros das familias Taque e Pires, os principais partidarios dos jesuitas, que, aliás, tinham contra si a maior parte da população, chefiada pela numerosa e preponderante familia Camargo.

Os jesuitas, querendo chamar a si, o exclusivo dominio sobre os indigenas, haviam obtido da corôa espanhola, novo alvará decretando a liberdade do gentio americano; e, bem



assim, uma bula pontificia, excomungando os bandeirantes que tomaram parte na campanha contra as reduções de Guairá.

A camara da vila de São Vicente, capital da Capitania, logo que teve sciencia de tais fatos, convocou os procuradores de todas as camaras da donataria; e deliberou a expulsão dos jesuitas, deprecando á camara de São Paulo para que expulsasse do seu collegio, os religiosos da Companhia de Jesus.

A 2 de Julho de 1640, a camara paulista convidou os moradores para tomarem conhecimento da deliberação da camara vicentina. O povo e a camara, de acordo com o resolvido dirigiram-se ao Collegio de Santo Inacio e notificaram ao reitor, Padre Nicolau Botelho para que, dentro de seis dias, despejasse a terra, com os seus companheiros e se recolhessem ao Collegio do Rio de Janeiro, dando como motivo de tão audaciosa attitude, o perigo que ameaçava á Capitania, com o levante do gentio e outras causas, que seriam expostas á corôa, ou a quem pertencesse saber.

Abstiveram-se de tomar parte nessa numerosa assembléa, os seguintes membros da facção dos Pires: João Pires — o velho, Henrique da Cunha Gago, Innocencio Fernandes Preto, Nuno Bicudo de Mendonça, Lourenço Castanho Taques, Pedro Taques, etc.

Os jesuitas não obedeceram a intimação, permanecendo na vila, sem denunciar o proposito de abandoná-la.

A 10 de Julho, novamente o povo requereu que fossem expulsos das vilas das Capitancias de São Vicente e de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaen, os reverendos padres da Companhia de Jesus, pelas razões já alegadas e outras que dariam a sua Majestade e a sua Santidade.

O reitor P. Nicolau Botelho não se achava no Collegio: a notificação foi feita ao P. Antonio Ferreira. Os jesuitas, porém, tinham o formal proposito de desobedecer as intimações populares, ou porque confiavam no prestigio do sacerdocio, ou porque desejavam as glorias do martiriologio.

A 13 de Julho, grande massa popular requereu á Camara a immediata expulsão dos padres: os jesuitas foram expulsos da vila; e o reitor passou uma procuração ao Vigario Manuel Nunes para representa-lo e tomar posse do Colegio.

No termo da vereança geral, então lavrado, o unico Pires, que o subscreveu foi o bandeirante Manoel Pires, sogro do famoso capitão mór Antonio Raposo Tavares e seu companheiro nas bandeiras contra as reduções do Guairá.

A camara nomeou o P. Thomaz Coutinho, capelão das aldeias, que estavam confiadas ao zelo apostolico dos jesuitas.

O vigario P. Manoel Nunes, antigo jesuita, recusou-se a celebrar os officios religiosos e procurou apossar-se dos bens dos jesuitas, como seu procurador. Este sacerdote exercia tambem as funções de juiz eclesiastico e os paulistas alegavam que, por esse motivo, não podia ser procurador. O vigario exhibiu a procuração passada pelo reitor.

Logo após a expulsão dos missionarios, chegava a São Paulo, a noticia que Santos os havia acolhido no seu colegio de São Miguel. Essa attitude dos santistas causou vibrante indignação aos paulistas; e o procurador do conselho requereu ao ouvidor da Capitania José Simões, que os procuradores da camara de Santos — Lucas de Freitas Azevedo e Francisco Pinheiro Paes, que haviam representado Santos na reunião que resolveu a expulsão, fossem tidos por falsos procuradores e traidores á patria, o que o ouvidor mandou tomar por termo, para posterior resolução.

A camara de São Paulo nomeou seus procuradores em Santos, a Gaspar Gomes e a Paulo do Amaral para defende-rem os seus interesses.

Os jesuitas de Santos enviaram uma minuta do acordo que propunham aos paulistas; e tais eram os termos dessa proposta, que a propria camara a considerou aceitavel. Não foi, entretanto, viavel o concerto: a camara de São Vicente opinou que, debaixo de clausulas boas e firmes, fossem os jesuitas restitui-

dos aos seus collegios. A camara de São Paulo, com assistencia do ouvidor Francisco Pinheiro Raposo e do procurador do povo, capitão Francisco Rodrigues Guerra, foi de opinião que se aceitassem as condições propostas, dando os jesuitas fiança idonea. (Vereança de 18 de Maio de 1641).

No dia seguinte, o povo amotinado recusou o acordo; mandou fechar o caminho do mar e impedir todas as communicações com Santos.

O vigario Manoel Nunes fugiu de São Paulo.

Os paulistas elegeram procuradores para a defesa dos seus interesses; e resolveram mandar a Lisboa a Amador Bueno para obter do rei de Portugal, o perdão.

Em todas essas deliberações contra os jesuitas, não se deparam as assinaturas de João Pires, de Henrique da Cunha Gago e dos Taques, o que demonstra que eram, francamente partidarios dos jesuitas.

Narra o historiador Pedro Taques que, em 1640, tendo surgido uma discussão entre Fernando de Camargo — o Tigre — e Pedro Taques, ambos desembainharam as espadas e adagas, no largo da Matriz, e travou-se renhido combate, no qual tomou parte numerozo concurso de parentes e amigos dos dois contendores. Travada a luta á porta da igreja, percorreram as ruas, sempre pelejando, até voltarem ao pateo da matriz, tendo morrido muitas pessoas, saindo, porem, feridos os dois principais contendores.

Passado tempo, já convalescidos dos ferimentos os dois inimigos, achava-se Pedro Taques conversando com um amigo e tendo as costas para a parte da travessa da Matriz, veio, a falsa fé, Fernando Camargo e correu a adaga pelas costas de P. Taques, que logo perdeu a vida “a rigor do golpe dirigido mais pela vileza do animo do que pela tirania do odio.”

Esta tragedia ocorreu em 1641, segundo informa Taques; mas pensa o Dr. Silva Leme que a morte do velho Taques foi perpetrada com o concurso de outras pessoas, tendo em vista o perdão concedido por Ana de Proença, representada pelo

seu filho capitão Guilherme Pompeu Taques a Maria Gonçalves, viuva do capitão Pedro do Prado, pela morte causada por este, na pessoa de Pedro Taques.

Este triste episodio, naturalmente se relaciona com a questão jesuita, que tão vivamente apaixonava o espirito da população paulista.

Assim, pois, o ambiente historico, francamente revolucionario, parece demonstrar que a causa da guerra civil que, por tantos anos, ensanguentou São Paulo, não reside no duplo assassinio atribuido a Alberto Pires; mas deparo fontes mais remotas ligadas ao movimento contra os jesuitas.

A maioria dos paulistas, todos proprietarios de indios escravizados nas jornadas do sertão e quasi todos bandeirantes incursos nas penas da bula da excomunhão, era francamente hostile á Companhia de Jesus. Os Camargos predominavam na vila e chefiavam o movimento contra os jesuitas.

Os poucos partidarios dos padres se abstinham; e, quando não se ocultavam, nas ocasiões das vereanças gerais, eram obrigados a subscrever os termos das vereações, pela populaça amotinada. Estes mesmos, somente aceitavam a volta dos missionarios, nas condições propostas, que eram, aliás, humilhantes para a Companhia.

A facção dirigida por Fernando de Camargo — o Tigre, irreconciliavel com os jesuitas, repelindo qualquer acordo, contava com a maioria dos habitantes e impunha-se pelo numero e pela violencia.

Os Taques e Pires constituíam uma minoria, pois nem sequer podiam contar com o apoio de todos os seus parentes.

A morte de Pedro Taques de Almeida, seria, pois, o inicio da guerra civil, que iria agitar e enlutar São Paulo por mais de quarenta anos; e os crimes atribuidos a Alberto Pires, vieram causar nova explosão, aumentando a facção partidaria dos jesuitas; e tornando-se uma luta entre as duas familias mais numerosas e preponderantes de São Paulo — os Pires e os Camargos.

## II

## OS CRIMES DE ALBERTO PIRES

Os memoráveis acontecimentos, que revolucionaram São Paulo, na ultima metade do seculo XVII, a luta dos Pires e Camargos, precisam ser analisados á luz dos documentos, somente aproveitando as referencias parciais dos linhagistas, quando comprovadas e verdadeiras.

Segundo o notavel cronista Pedro Taques, a causa primaria da guerra civil foi o duplo assassinato de Leonor de Camargo Cabral e do seu cunhado capitão Antonio Pedroso de Barros, por Alberto Pires, levado por infundados ciumes e persuadido, que vingava a sua honra, ultrajada pelas relações adulterinas mantidas pelas suas vitimas. Alberto Pires, passionalmente guiado pelos seus instintos, interpretou qualquer gesto do seu cunhado, durante os brutais folguedos do entrudo, como ofensivo ao seu brio marital. Interrogando a esposa, esta, “brincando com o marido”, talvez justificasse os seus impulsos delituosos; e foi, então, vitima da cega paixão do esposo.

Alberto Pires, cometido o crime, mandou chamar o seu cunhado; esperou-o no caminho, de emboscada e o assassinou a tiro de bacamarte. Consumado este delito, conduziu para a estrada o cadaver da esposa; e mandou chamar os seus parentes, com a maior urgencia. Comparecendo estes, declarou que castigara os “adulteros, que lhe ofendiam a pureza do tálamo sacramento”, no proprio local em que a torpeza tivera lugar.

Os Pires louvaram, como ação briosa, o feito criminoso do seu parente; mas “a Divina Providencia não quiz que a innocencia fosse manchada, escreve Taques; e se veiu a descobrir a realidade do acontecimento sucedido de Leonor Cabral, brincando com o marido e a sugestão que nele produzira tanto desacordo”.

Os irmãos das vítimas — os Camargos e os Barros, armados, em numeroso bando, procuraram exercer a vindita, reclamando a vida de Alberto. Este buscou refugio no lar materno, á sombra bemfazeja da famosa matrona D. Inez Monteiro, viuva do capitão Salvador Pires de Medeiros, prestigioso paulista, que tão preponderante papel desempenhou na sua terra.

D. Inez, conhecedora do respeito que infundia aos seus contemporaneos, estava crente que o seu lar seria respeitado. O odio, porém, não permitiu que a casa da respeitavel senhora fosse asilo inviolavel do filho.

Os Camargos e os Barros, sedentos de vingança, cercaram o sitio de Dona Inez e exigiram a entrega do criminoso. A matrona, levando na dextra um crucifixo, abriu as portas e rogou pelas chagas do Redentor, que fosse poupada a vida do filho, alegando que a justiça já tinha devassado as suas culpas e só a ela cabia lavrar sentença para o castigo.

Atenderam as supplicas maternas.

Alberto Pires foi entregue á justiça e enviado para o Rio de Janeiro, onde deveria ser julgado.

D. Inez Monteiro, logo que soube que o seu diléto filho tinha sido levado para o Rio de Janeiro, tomou caminho do sertão, em demanda da vila de Pirati, onde esperava poder encontra-lo. Ventos contrarios fizeram com que a sumaca arribasse á Ilha Grande. Ai souberam que D. Inez já se achava no Rio; e receiosos que ela lograsse o livramento do filho, resolveram liquida-lo, lançando-o, vivo, ao mar, com uma grande pedra ao pescoço.

Pedro Taques lealmente declara que colheu a noticia de tão triste acontecimento da memoria dos velhos, comunicada de pais a filhos; e afirma ser verdade a prisão e a funesta morte de Alberto, a ida da sua mãe ao Rio de Janeiro e o rompimento de armas. Entretanto, embora reproduzindo a tradição oral, diz: “E só não pode ser que a causa produtiva de tantos desconcertos fosse pela morte do cunhado de Antonio Pedroso de

Barros”; dizendo mais que seria outra a vitima de Alberto Pires, quando viu morta a sua esposa, pela causalidade referida.

O Dr. Gonzaga Leme, na “Genealogia”, destroi, com certo fundamento, a versão taqueana, reproduzindo topicos do inventario de Antonio Pedroso de Barros, pelo qual pensa que foi ele vitima de um levante de indios escravizados, tendo, porem, tempo de fazer o seu testamento, em que declara que “deixo aos meus herdeiros que perdoem aos meus mata-dores, porque foram os meus pecados”.

Pedro Vaz de Barros, irmão, inventariante e tutor dos filhos de Antonio Pedroso, em 1653 declarou que não tinha requerido partilhas porque a morte de Pedroso causou grande alvoroço. Disse mais que foi “tanto o numero de gentio que naquella ocasião acudiu a morte de seu amo e *outros alheios*, que não deixaram cousa viva que não destruissem e matassem e comessem, por serem do seu natural daninhos, como é notorio em toda a Capitania. Que o gentio seriam umas 500 peças, pouco mais ou menos, como diz o testamento, das quais em tal ocasião se mataram uns aos outros e se amontaram tantos que até agora, hoje em dia não ha sido possivel ajunta-los, por se haverem espalhado pela matas e outros fugido para as casas de alguns brancos, que não podia saber”...

Parece, pois, provado o levante do gentio na ocasião da morte de Pedroso: entretanto o trecho do inventario acima transcrito não autoriza a versão de terem sido os indios os autores do crime. Estes acudiram á morte do capitão e se fossem os autores do assassinio, Vaz de Barros teria usado de outras expressões.

O Dr. Gonzaga Leme, desfazendo a narrativa de Pedro Taques, conclue declarando que Pedroso não foi a vitima do crime de Alberto Pires, em traiçoeira emboscada, pela prova direta de que faleceu com testamento.

Os linhagistas paulistas estão, portanto, em completo desacordo. Para a tradição oral colhida por Taques, foi o duplo assassino de Leonor Camargo Cabral e do capitão Antonio

Pedroso de Barros, a causa primordial da luta dos Pires e Camargos. Mas Pedro Taques acredita que não foi a morte de Alberto Pires (do cunhado de Antonio Pedroso de Barros, como escreve) a causa de tantos desacertos. Pensa mesmo que tenha sido outra a vitima dos ciumes maritais; e Gonzaga Leme adota a mesma hipotese.

Não se pode acreditar que a tradição tivesse deturpado completamente os fatos. Os genealogistas estão acordes em declarar que Leonor Camargo foi morta pelo marido; os documentos atestam que Pedroso foi morto sucedendo um levante de indios. Pedro Taques afirma que a morte de Alberto Pires ocorreu nas circunstancias descritas.

Ha, pois, um consorcio de circunstancias aparentemente contraditorias, que podem ser conciliadas, concorrendo para o restauração do episódio.

Antonio Pedroso de Barros era viuvo de Maria Pires de Medeiros, quando foi assassinado. O inventario de Mario Pires teve inicio aos 20 de Maio de 1651; e nessa data, o juiz mandava intimar Pedro Vaz de Barros, para servir de inventariante por estar ausente, o capitão Antonio Pedroso, seu irmão.

Pedroso estava viuvo quando foi assassinado.

Afonso Taunay, com a rara competencia com que vem estudando o passado paulista, deduz do inventario de Pedroso, que a sua morte poderia ter ocorrido a 1.º de Maio de 1652 e não em igual data de 1651. Esta dedução está comprovada pelo inventario da sua esposa Maria Pires, processado durante a ausencia do marido e pelo proprio inventario de Pedroso, iniciado a 14 de Maio de 1652.

Antonio Pedroso, mortalmente ferido, ditou o seu testamento ao seu concunhado Francisco Dias Velho, cuja data ignoramos por não possuirmos o volume XX dos "Inventarios e Testamentos" editado pelo Arquivo Publico de S. Paulo, e por não ser ela mencionada nem por Gonzaga Leme, nem pelo ilustre Afonso Taunay.



Este notavel historiador, contrariando a versão de Gonzaga Leme, que afirma “não ter sido morto em emboscada; e sim morreu, com tempo de fazer o seu testamento, em consequencia de ferimentos recebidos numa revolta de seus indios, na sua fazenda na paragem denominada Apoterebu” estranha que em seu testamento autorisasse aos herdeiros a perdoar os seus “matadores, pois foram os seus pecados”. Ora um bandeirante, que acabava de vir do sertão do sul, com grande leva de indios carijós preados, talvez em Santa Catarina, poderia considerar como pecado, o escravizamento dos indios, justamente quando ainda tinha no sertão mais tres “armações” destinadas á empreza escravizadora?

Diz mais Taunay, que o proprio inventario de Pedroso não traz uma referencia positiva que haja falecido vitima da revolta dos indios de Apoterebu, como quer Gonzaga Leme. Ha no inventario topicos, que até certo ponto, justificam a interpretação de Gonzaga Leme na “Genealogia Paulistana”.

Por exemplo, Pedro Vaz de Barros, inquerido sobre o destino do algodão, mencionado no testamento, respondeu que “na revolta queimara, furtara e espalhara o gentio, de maneira que nada se aproveitou.” Houve, pois, uma revolta dos indios e “*foi tanto o numero do gentio que naquela ocasião acudiu a morte de seu amo e outros alheios*” como afirma o inventariante, que não se pode nega-la; e que, aparentemente, justifica a hipotese de Gonzaga Leme.

Estamos, pois, a frente de tres versões contraditorias: a de Pedro Taques, a de Gonzaga Leme e a de Taunay.

Qual a verdadeira?

Não ha duvida que Pedro Taques possa ser suspeito, em virtude de vinculos de sangue, pretendendo emprestar a Alberto Pires, todo o colorido odioso dos seus crimes; mas não se pode deixar de reconhecer que Taques, levado pela lealdade de historiador, formulou a hipotese de ter sido outra a vitima do crime passional de Alberto Pires. E tinha razão de assim pensar, porquanto a tradição dramatizára o sucesso, fazendo co-

incidir as mortes de Leonor e Pedroso, no mesmo dia, collocados juntos, os cadaveres. Cremos, entretanto, que embora adulterada e parcial a tradição conservada, por Pedro Taques, não é ela de todo desprezível, como mera fabula.

Admitem os geneologistas que Alberto Pires assassinou a esposa, ou voluntariamente, levado pelo ciume ou “acidentalmente num brinquedo de entrudo” como pensa Gonzaga Leme, que igualmente se me afigura parcial. A morte de D. Leonor causada pelo marido, é, pois, admitida como um fato incontestante.

Por outro lado, incontestavel o assassinio de Antonio Pedroso, seguido de um levante do gentio selvagem, que havia descido do sertão. Como diz Taunay, nenhuma referencia positiva existe afirmando que Pedroso foi morto pelos seus indios. Ao contrario, o proprio inventario narra que na ocasião da morte, foi numeroso o gentio proprio e *alheio* que se reuniu, havendo combate entre eles, matando-se uns aos outros.

Não teria sido Alberto Pires, o matador de Pedroso, que mantivera relações adúlterinas com a sua esposa? Não seria dele e dos seus aliados o gentio alheio que tomou parte no levante? Não é o proprio Pedroso quem confessa lealmente que a causa da sua morte, foram os seus pecados?

Admitida esta hipotese, as versões contraditorias, até certo ponto, despidas de fantasias, se conciliam.

Assim, pois, pode-se admitir que Alberto Pires fosse o autor de ambos os assassinios — de sua esposa e do seu cunhado Pedroso, que confessa ter pecado; e que os parentes do assassino justificassem a sua ação; e a mãe, a matrona D. Inez Pires Monteiro tomasse, ao seu cargo, a defeza do filho ultrajado na sua honra.

Era tambem crível que os famosos Camargos — o Tigre e seus irmãos e os poderosos Barros procurassem exercer a vindita e levassem a efeito o assalto ao sitio de D. Inez, o que seria uma represalia ao assalto que Alberto Pires levou ao sitio de Apoterebu.

Preso Alberto, remetido para o Rio, poderia ter ocorrido o seu assassinio; a viagem de D. Inez, nas circunstancias que Pedro Taques narra, assegura a veracidade. Assim, pois, pode-se admitir que a versão de Pedro Taques, despida da dramaticidade que a coloriu e da natural parcialidade, é, nos seus delineamentos principais, verdadeira; e que a duvida que ele sugere de ter sido outro o assassinado por Alberto Pires nasce de ter confundido a era de 1632 com a de 1682, mencionada como sendo a do casamento com Leonor Camargo. Era logico que nessas condições, não se poderia justificar em sua plenitude, a tradição oral que colheu.

A conjectura que formulamos concilia as versões contrarias e explica os fatos, como eles deveriam ter-se dado.

A morte de Pedroso, foi seguida da luta entre Pires e Camargos.

Pedro Vaz de Barros depõe no inventario que “todas as peças que ficaram do defunto seu irmão andavam espalhadas com o terror da morte do defunto” afirmando mais que esse crime “havia causado notavel alvoroço e roubo dos seus bens, por não haver em sua fazenda cabeça de casal”.

Ora, se os indios fossem os autores da morte, não se teriam espalhado e sim fugido pelo temor do castigo; e não pelo terror que causara a morte de Pedroso, nas tragicas circunstancias em que ocorrera. Era natural que Alberto o assassinasse de emboscada, com os seus indios e aliados, resultando a luta entre os indios das duas fações; o levante e a dispersão do gentio que Pedroso trazia do sertão.

E', pois, uma simples conjectura que se nos afigura verosimel, a que deixamos formulada.

Entretanto, os crimes de Alberto Pires foram simplesmente o pretexto para a luta que se vinha travando, na politica aldeã de S. Paulo, como procuramos provar no capitulo anterior. Agravaram as inimizades figadais que dividiam os paulistas na questão dos jesuitas.

## III

## O AMBIENTE HISTORICO

No momento da tragica vindita dos Camargos, lançando ao mar o assassino da sua sobrinha e do capitão Antonio Pedroso de Barros, São Paulo se achava fora da lei e da grei catolica, como já demonstramos.

Os jesuitas, expulsos do Colégio de Santo Inacio, haviam sido recebidos em Santos, no Colégio de São Miguel; e aí, armados da bula pontificia da excomungação; do breve papal, decretando a liberdade do gentio; das sentenças dos sindicantes, dos ouvidores e vigarios da vara, de acordãos da Relação do Estado do Brasil, condenatorias dos bandeirantes, constituam uma perene ameaça aos habitantes de São Paulo de Piratininga.

Nessa emergencia, a luta dos Pires, tendo a frente a matrona Inez Monteiro, contra os Camargos, que dispunham de chefes como Fernando de Camargo — o Tigre, do inteligente e opulento capitão José Ortiz de Camargo, não poderia deixar de ser explorada pelos jesuitas e seus partidarios. Os padres da Companhia bem conheciam a obra de Machiavel; procuraram dividir para governar; e assistiam, com intimo júbilo, a sizania que lavrava entre os seus tenazes adversarios. Os seus amigos de São Paulo não deixariam de agir a seu favor, aproveitando a guerra civil para obter a vitoria dos inacinos.

Dom Antonio Mariz Loureiro, prelado fluminense, achou oportuno sondar os animos dos paulistas, enviando a São Paulo o padre Domingos Gomes de Albernás, no carater de visitador ordinario, vigario da vara e da parochia. O enviado de Dom Antonio chegou a São Paulo em Junho de 1652; e, desde logo, procurou dar desempenho á missão pacificadora, que o levou a Piratininga. Soube a camara, dominada pela fação camarguista, dos passos dados pelo sacerdote; e resolveu intima-lo a com-

parecer á vereança de 19 de Junho para apresentar os seus documentos. Albernás declarou que trazia a proposta dos padres da Companhia de Jesus; e, alem disto, provisões nomeando-o visitador ordinario, vigario da vara, vigario paroquial e ouvidor eclesiastico, que deixava de apresentar por ter de visitar as outras freguezias, e, mais tarde, se quizesse, exhibiria.

A attitude do padre Albernás era a resultante da propria missão, que desempenhava; somente poderia registrar as provisões, depois de suspensa a interdição em que se encontrava São Paulo, mediante a aceitação da proposta dos jesuitas, dando absolvição plenaria aos bandeirantes.

A camara nada resolveu sobre o concerto com os jesuitas; mas permitiu que Albernás proseguisse a sua campanha. Entretanto, o padre logo reconheceu que nada poderia obter da facção Camargo, então dominante, sendo necessario modificar a situação politica, entregando a camara aos Pires.

Não era facil esse objetivo: os Camargos, aliados aos Barros, dispunham de largo prestigio, nascido dos grandes exercitos de indios escravizados que possuíam e da adesão dos bandeirantes. Impunham-se pela força, infundindo terror aos seus adversarios.

Albernás, aliou-se ao capitão Francisco Rodrigues Guerra, que já havia tentado a conciliação com os jesuitas, em 1641, como procurador do povo, sendo, naquela ocasião, repellido o acordo e proibidas as comunicações com as vilas da marinha, pelo povo revoltado. O partido dos jesuitas não dispunha de elementos capazes de enfrentar o poderio dos Camargos.

O unico recurso seria apeia-los do poder, contando, previamente, com o apoio do ouvidor geral da Repartição do Sul. Cabia aos jesuitas da metropole conseguir a nomeação de um magistrado amigo para a ouvidoria do Rio de Janeiro. A 10 de Julho de 1651, tinha sido provido para o cargo de ouvidor, o Dr. João Velho de Azevedo; e, a 13 de Abril de 1652, entrava em exercicio no Rio de Janeiro.

Assediado pelos jesuitas e pelo prelado Mariz, o Dr. João Velho, levado pelos seus próprios sentimentos religiosos e pelas suas conveniências, aliou-se á Companhia de Jesus, empenhando todo prestigio do seu cargo para a restauração dos padres no Colégio de Santo Inacio.

Quando a camara camarguista de 1652 quiz abrir o cofre dos pelouros para constituir a camara de 1653, appareceu Antonio Lopes de Medeiros, com embargos firmados por outros partidarios dos Pires, requerendo que não se abrisse o cofre e se sustivesse a eleição. Os officiais aceitaram os embargos, pois nenhum transtorno lhes acarretava, visto como continuariam no exercicio dos cargos.

Os embargos obedeciam a um plano perfeitamente delineado pelos jesuitas: iriam servir de instrumento para a consecução dos seus objetivos. Caberia ao ouvidor Dr. João Velho decidir dos embargos; e seria fatal a queda dos Camargos. Estes, porem, estavam persuadidos que quem decidiria a questão, seria o capitão José Ortiz de Camargo, ouvidor da Capitania de S. Vicente, nomeado por provisão de 5 de Abril de 1652 passada pelo Conde de Castélo-Melhor, governador-geral do Brasil e que havia tomado posse a 6 de Outubro do mesmo ano.

Bandeirante notavel, irmão do famoso Tigre e do juiz ordinario, o capitão José Ortiz de Camargo foi um juiz parcial, vingativo e apaixonado. As perseguições que moveu contra os Pires e seus aliados, tinham a virtude de engrossar o partido dos jesuitas, fornecendo-lhe adeptos entre os mais tenazes adversarios da vespera.

Era natural que Ortiz desprezasse os embargos e desse vitoria aos seus correligionarios.

A situação continuava inalteravel. Jeronimo de Camargo presidia a camara, composta de amigos.

Em Março, a camara recebeu duas cartas regias a favor dos jesuitas. Era de crer que os Pires, igualmente culpados pela expulsão dos padres, tendo incorrido nas mesmas penali-

dades como bandeirantes, não admitissem a restauração dos jesuitas. Somente os velhos tinham sido leais amigos dos padres, em todos os tempos.

Jeronimo de Camargo convocou alguns membros da facção adversa, entre eles João Pires, o velho, para ouvir o parecer sobre as cartas regias. Opinaram os convocados que, como leais vassallos, só lhes cumpria obedecer as ordens regias, o que foi aceito por todos.

João Pires fez questão que constasse do termo de vereança que declarou “que, com partido, viessem os padres”.

Em Abril chegava a São Paulo o ouvidor Dr. João Velho de Azevedo e abria devassa geral, anulando os livramentos dados pelos sindicantes e pelo ouvidor Ortiz Camargo. Contra esse proceder, reclamou o procurador da camara. Nas malhas da devassa caíram os principais vultos do partido dos Camargos, sendo alguns pronunciados em crimes de pena capital. O juiz ordinario Jeronimo de Camargo fugiu da vila, levando as chaves da casa do conselho e do cofre dos pelouros.

O ouvidor geral recebeu os embargos e mandou proceder a nova eleição para os anos de 1653, 1654 e 1655. A vitoria do partido dos jesuitas era infalivel: os seus adversarios, pronunciados pelo ouvidor, estavam foragidos. O proprio ouvidor José Ortiz de Camargo partira para a Baía, a reclamar providencias.

A 8 de Maio de 1653, o ouvidor mandou arrambar a porta da camara e o cofre dos pelouros; e tirando os pelouros e um papel cerrado e lacrado, mandou-os queimar e proceder a nova eleição. Saíram eleitos Domingos Garcia Velho e Domingos Roiz de Mesquita — juizes ordinarios; capitão Francisco Cubas, Calixto da Mota, Gaspar Correa — o moço — vereadores; Sebastião Martins Pereira, procurador do conselho.

Conseguido esse objétivo, tratou o Ouvidor de celebrar o acordo com os jesuitas. A 12 de Maio firmava ele com a camara as clausulas principais do concerto que, dois dias depois, seria firmado pelos representantes de São Paulo — padre

Domingos Gomes de Albernás e capitão Francisco Rodrigues Guerra.

Não estava finda a missão do Dr. João Velho, cumpria-lhe assistir a entrada solene dos padres no Colégio de Santo Inacio; e não seria prudente precipitar os acontecimentos, dada a prevenção geral contra os jesuitas.

Em fins de Maio ou 1.º de Junho eram os jesuitas restituídos ao seu Colegio, tendo a camara na carta de 2 de Junho dirigida a el-rei, declarado que tratara “de vencer todas as difficuldades que se opunham para conseguir este negocio” e louvava o ouvidor geral, “como um ministro tão cabal e tão cuidadoso do real serviço, que com o seu conselho, prudencia e cristandade concluiu este negocio de maneira que, com paz, uniformidade e satisfação de todos veiu a concluir”.

Somente depois dessa formalidade, o ouvidor Dr. João Velho deu por terminada a visita de correção. Ainda assim, a 15 de Junho, oito dias depois de ter baixado os seus providimentos, se achava em São Paulo; e atendia a um requerimento da camara, pedindo que o cofre dos pelouros fosse recolhido a um dos mosteiros da vila, porque a casa da camara não offerecia segurança e já, por duas vezes, tinha sido roubado. Defe-rindo o pedido, designou como depositario, o Colegio dos Jesuitas.

Não era tranquila a situação de São Paulo. José Ortiz tinha seguido para a Baía; e os Pires receiosos que ele obtivesse os mesmos favores concedidos pelo Conde de Castélo-Melhor, resolveram enviar á capital da Colonia Francisco Nunes de Sequeira, como seu procurador.

O acordo com os jesuitas tinha sido firmado pelo provincial do Brasil, padre Francisco Gonçalves e pelo reitor Francisco Paes; e era humilhante para a Companhia: bulas, breves pontificios, cartas regias, sentenças etc. que haviam conseguido contra os paulistas, ficavam reduzidos a letras mortas; e, nem ao menos, obtiveram a mais insignificante esmola para o concerto do seu mosteiro, ha tantos anos abandonado. Entretanto, era



questão de honra para os padres a volta ao Collegio de Santo Inacio, um dos mais antigos do Brasil, onde os vultos mais notáveis da Companhia tanto se engrandeceram, no periodo heroico da catequese.

A vitoria era pura e simplesmente dos paulistas de ambas as facções, embora a luta dos Pires e Camargos oferecesse oportunidade para que a volta dos jesuitas se tornasse possível, com a ascensão dos Pires á governança da vila. Estes tinham como principais chefes: João Pires — o velho, Francisco Nunes de Sequeira — o Redentor da Patria, e enviado dos Pires á Baía; Henrique da Cunha Gago e Fernão Dias Paes, que mais tarde iria celebrar-se como caçador das esmeraldas.

O partido contrario contava com os vultos preponderantes do capitão Domingos Barbosa Calheiros, do ouvidor José Ortiz de Camargo, de Henrique da Cunha Lobo e do capitão Fernão de Camargo — o Tigre, apontado como o matador de Pedro Taques, versão esta contrariada pelo Dr. Gonzaga Leme.

O Conde de Atouguia, governador geral do Brasil, que havia conseguido celebrar um convenio conciliador entre Ortiz de Camargo e Nunes de Sequeira, mostrava grande empenho na reconciliação dos paulistas. A pendencia e o espirito de tolerancia do Redentor da Patria tinham contribuido eficazmente para a pacificação desejada. Era, porem, necessario que a matrona Inez Monteiro perdoasse aos assassinos do seu filho, cuja culpa recaia sobre o capitão José Ortiz de Camargo. Este, o principal obstaculo para a execução do acordo.

Tinha D. Inez fundados motivos de indignação e revolta contra José Ortiz. Fora ele quem conseguira do governador Conde de Castélo Melhor ordem para prender Alberto Pires e outro vulto da facção contraria. Cabia-lhe, portanto, a responsabilidade do afogamento do preso, nas crueis condições descritas por Pedro Taques. Para a diligencia das prisões, o Conde recomendara ao capitão mór e ao provedor da fazenda de São Vicente, que prestassem ao Ouvidor Ortiz todo o apoio e ajuda necessarios.

Inez Monteiro não podia perdoar quem concorrera para tão crua morte do seu filho, preso e indefezado, pelo crime passionnal que cometera, desagrandando a sua honra. O proprio testamento de Antonio Pedroso, dizendo que os seus matadores foram os seus pecados, valia como uma confissão da culpa.

A' mãe dolorosa faltaria, quiçá, a virtude do perdão, mas sobrava a justificativa da pungencia.

#### IV

### A PROVISÃO DO CONDE DE ATOUGUIA

A partida do capitão José Ortiz de Camargo para a Baía, como já dissemos, alarmára os seus adversarios, que bem tristes recordações conservavam da anterior viagem, quando obteve a nomeação de ouvidor da Capitania e a ordem de prisão de dois dos seus mais odiados adversarios. Uma dessas vítimas deveria ser, segundo supomos, o proprio Alberto Pires.

Nas cartas que o governador geral Conde de Castélo Melhor dirigiu ao capitão-mór de São Vicente, Bento Fernão Castello Branco e ao provedor da fazenda real Sebastião Fernandes Corrêa, datadas de 6 de Abril de 1652, recomendava, como de grande conveniencia e importancia que dessem todo o apoio ás diligencias que Ortiz iria realizar, de acordo com um secreto alvará. Essas diligencias consistiam na prisão de dois homens, que eram causadores da intranquilidade do povo, para que no seu castigo "fique" o exemplo para os que a quizerem imitar. Conjeturamos que foi em virtude desse alvará secreto que ocorreu o cêrco do sitio da Matrona, resultando a prisão de Alberto Pires.

Como narramos, os Pires enviaram á Baía um procurador e a escolha recaiu em Francisco Nunes de Siqueira, genro de João Pires — o velho, e vulto de valor.

Siqueira partiu de São Paulo, levando documentação e disposto a travar, com o tenaz e habil adversario, o debate a favor dos seus parentes e amigos. Chegando a Baía requereu audiencia ao governador geral Conde de Atouguia, apresentando queixas contra os seus adversarios. O mesmo fez Ortiz, após ter gasto muito tempo no Rio de Janeiro, procurando documentar-se no cartorio da Ouvidoria Geral.

Era o ouvidor Ortiz homem que não vacilava em despendar a sua fortuna para atingir os seus objétivos. Sabia ele que se encontrava em uma luta de vida ou morte, na qual a preocupação de evitar gastos avultados não podia prevalecer. Além desse predicado, possuía uma vontade energica aliada a uma intelligencia vivaz e a um raro tino diplomatico.

O Conde de Atouguia, assediado pelos dois paulistas, procurou uma formula conciliatoria, que dirimisse a luta, que revolucionava São Paulo, enlutando as familias. (Depois de numerosas audiencias com os dois enviados, resolveu ouvir o parecer da Relação do Estado e adotou o criterio do parecer do chancelér e mais desembargadores. Baixou a provisào de 20 de Novembro de 1655 em virtude da qual a camara de São Paulo seria constituida com tantos officiais de um bando, como de outro. Determinava o processo da eleição, que seria presidido pelo ouvidor da Capitania, recomendando este que os eleitores votassem em tres nomes de cada facção, excluidos os chefes dos partidos e preferidos os mais cordatos e timoratos. Estes eleitores organisariam os 3 pelouros; e as camaras assim eleitas deveriam ficar compostas de um juiz e dous vereadores Pires; 1 juiz, 1 vereador e 1 procurador Camargos, no 1.º ano; no 2.º ano proceder-se-ia inversamente. No 3.º ano a camara deveria ser constituida de um juiz e um vereador de cada partido, um vereador e o procurador, neutrais. Recomendava que, se houvesse pessoas imparciais aptas e suficientes, então os pelouros deveriam ficar constituidos por tres Pires, tres Camargos e tres neutros. O mesmo processo observar-se-ia na escolha das almotacés.

Como, porem, os camarguistas estavam pronunciados; e bem assim, varios adversarios, em virtude da devassa do ouvidor Dr. João Velho era mistér haver perdão geral, sem exclusão dos que se achavam condenados á pena capital, como os principais membros da familia Camargo, para o que apelava para ambas as familias em luta, rogando que mutuamente perdoassem uns aos outros, concitando ás partes a esse ato de clemencia. O Conde concedia, mesmo aos condenados a penas capitais, especialmente aos Camargos, o direito de ocuparem livremente os cargos publicos, suspendendo as execuções das sentenças, caso a obstinação dos seus inimigos denegasse-lhes os perdões; concedendo seguro para livrarem-se, soltos, das culpas.

Declarava o governador geral que a provisão somente teria efeito enquanto el-rei não resolvesse o contrario, dizendo que embora sua majestade tivesse aprovado tudo quanto o ouvidor João Velho havia feito na Capitania de São Vicente, ia apelar para a corôa pedindo o perdão de todos os culpados de uma e outra familia, concedendo-lhes o perdão e suspensão temporal das sentenças.

Como medida excepcional, o Conde considerava como desprovida do posto, qualquer autoridade que impedisse a execução do determinado, ordenando que seja presa e remetida para a Baía, afim de responder pelos crimes de "confidente e amotinador do povo" e nas mesmas penalidades incorreriam os particulares que se opuzessem ao cumprimento da provisão.

Este ato do governador geral importava em novo triunfo de José Ortiz de Camargo, que tudo obtinha, inclusive o perdão dos crimes em que se achava incurso.

Quando os Pires procuraram impedir que Ortiz exercesse o cargo de ouvidor, no seu regresso da segunda viagem a Baía (e Ortiz entrou em S. Paulo com a vara alçada, á frente de um bando armado), o concerto e amigavel composição celebrado a 9 de Fevereiro de 1654 estabelecia que se mantivesse o statu quó, até a vinda do sindicante, esperado da Baía, ficando reconhecidas e, em exercicio, todas as autoridades, sem

que, contudo, Ortiz pudesse executar papel ou ordem que tivesse trazido ou viesse do governo geral. Seria nessa ocasião que os dois partidos resolveram levar a questão ao conhecimento e á decisão do governador geral do Brasil.

O Conde de Atouguia mostrou-se muito empenhado na fiel execução da sua provisão. Escreveu á camara de São Paulo avisando e apelando pelo seu cumprimento. Identicas cartas dirigiu ao capitão-mór Gonçalo Couraça de Mesquita e ao ouvidor Miguel de Cabedo de Vasconcelos.

A João Pires, o velho, ao capitão Domingos Barbosa Calheiros e a Henrique da Cunha Lobo, os dois ultimos chefes camarguistas, dirigiu exortações, pedindo empenhassem todos os esforços no sentido do cumprimento da provisão, que iria contribuir para a paz e a felicidade do povo.

O Conde de Atouguia não agira com muita imparcialidade. Em carta que escreveu a 6 de Maio de 1656 ao capitão-mór de São Vicente, dizia ele que considerava Ortiz “mui benemerito de todo o favor”, pelo zelo com que, por duas vezes foi á Baía solicitar providencias para a restauração da paz dessa capitania. Pedia ao capitão-mór que embora não desejasse que se tornasse partidario de Ortiz Camargo, não o desfavorecesse, com manifestação que dá a entender que se inclina para o lado dos Pires, pedindo que agisse com imparcialidade e justiça, de forma a não descontentar Ortiz.

Embora a provisão fosse obedecida politicamente, os seus efeitos juridicos dependiam dos perdões das partes.

A matrona Inez Monteiro se mantinha irredutivel. Não atendêra aos pedidos da camara, que aliás não seriam muito sinceros, nem aos do Redentor da Patria, seu proximo parente e partidario. Ambos comunicaram ao Conde a relutancia de D.Inez; e o governador, em resposta, pedia que duplicassem os esforços para obter o perdão, encarecendo o grande serviço que prestariam, conseguindo-o.

A Matrona contava com “influencias” que a induziam a não conceder o perdão. Estas influencias poderiam ser os je-

suitas; ou os parentes do Rio de Janeiro, de D. Inez; ou ainda o Dr. João Velho de Azevedo. Parece-nos que os jesuitas não seriam estranhos á attitude da Matrona.

José Ortiz de Camargo escreveu ao Conde, queixando-se do procedimento dessa senhora. O governador respondeu mostrando-se esperançado da mudança da resolução de D. Inez e dizendo que tinha escrito a João Pires, a Francisco Nunes de Siqueira, ao capitão-mór e ao ouvidor, insistindo pela obtenção do perdão; e informava que ia mandar um desembargador para syndicar de tudo.

De fato, dirigiu missivas a todos os citados e bem assim á propria Matrona pedindo que preferindo "as conveniencias do bem comum ao seu sentimento particular" cedesse da accusação, perdoando os seus inimigos. Prometia todo o seu valimento no sentido de fazer grandes mercês a ela e a sua familia (Carta de 8 de Dezembro de 1655).

D. Inez alegava que não podia conceder o perdão porque os Camargos deviam á sua fazenda; e o Conde, em carta a João Pires — o velho, afirmava que embora concedesse o perdão, não ficaria privada de reaver, pelos meios judiciaes, seus haveres e dividas.

As atas da camara de São Paulo comprovam que não foi muito facil a execução do convenio negociado pelo Conde.

Em 1656, a camara foi constituída de acordo com a eleição procedida pelo Dr. João Velho, tendo sido convidado o ouvidor da Capitania para apurar a eleição, mas não pôde comparecer por estar de cama ungido e sacramentado, delegando essa incumbencia ao juiz mais velho. A 1.º de Janeiro foi a camara ao Collegio dos Jesuitas buscar o cofre dos pelouros, que em seguida abriu, apurando a eleição.

Em 1657 ainda a camara conservava o cofre dos pelouros no mosteiro da Companhia.

A partir do ano seguinte, o cofre dos pelouros ficou guardado na propria camara, parecendo que nesse ano, a eleição obedeceu ao criterio da provisào. Foi agitado esse periodo: o gen-

tio revoltou-se em Agosto e manteve a luta até Dezembro. Os indigenas, ao que nos parece, obedeciam aos intuitos das duas facções em guerra, pois quando a camara poudo reunir-se a 24 de Dezembro, fez constar do termo que não tinha celebrado vereanças por causa das muitas sedições e tumultos que haviam nesta vila os moradores uns contra outros, o que obrigou aos camaristas ausentarem-se pelo “risco que corriam suas pessoas e vidas por causa do gentio andar rebelado”. Alegavam os camaristas que compareciam á vereança “por estarem as cousas mais moderadas e consultarem os moradores desta vila se fizesse a eleição de amigavel composição para paz e quietação deste povo”.

Entretanto, a situação não se modificou com a eleição, que não tinha corrido muito calma. A 25 de Janeiro, Paulo da Fonseca requeria o concerto do caminho do mar pelos indios das aldeias, “visto este povo estar desunido um com o outro”.

O governador geral Francisco Barreto teve de intervir, ordenando que fosse inviolavelmente executada a provisão do Conde de Atouguia, como já havia recomendado ao assumir o governo.

O ouvidor da repartição do Sul do Brasil Dr. Pedro de Mustre Portugal a 1.º de Janeiro de 1660 procedia á eleição, visando “a paz e a união entre os moradores desta vila e republica”, sendo eleitas tantas pessoas de um bando, como de outro. Procedida a eleição mandou lançar pregões convidando a quem tivesse embargos, que apresentasse. Não havendo embargos, foram abertos os pelouros e constituída a camara.

Em 1661, o ouvidor Antonio Lopes de Medeiros, partidario dos Pires e dos jesuitas, comparecendo á camara, com assistencia dos capitães Francisco Dias Velho, representante dos Barros e José Ortiz de Camargo, requereu que se procedesse á eleição de acordo com a lei; mas, tanto os officiais, como os dois chefes presentes, opinavam que a eleição fosse feita de acordo com a provisão do Conde. Convocada a eleição para 26 de Dezembro, o capitão Francisco Dias Velho declarou que, em-

bora muitos Pires estivessem inclinados pela facção Camargo, entendia que a eleição deveria ser feita de acordo com o alvará do Conde; o ouvidor, a quem inquinava de ser também Pires, protestou, requerendo que se não fizesse a eleição até vir ordem do ouvidor geral, pelo que não se fez a eleição.

Somente a 13 de Março de 1662, a requerimento do povo, achando-se presente o capitão José Ortiz de Camargo, como cabeça dos Camargos, Sebastião Cardoso de São Paio e João Pires Monteiro, cabeças dos Pires alvoradas pelos camarguistas, a camara resolveu proceder á eleição, que se achava marcada para a vespera pelo ouvidor Antonio Lopes de Medeiros, de acordo com o alvará e a carta de diligencia do ouvidor geral. Medeiros deu parte de doente e delegou poderes aos juizes ordinarios. A camara, porem, não se conformou com a alegação do ouvidor e mandou intima-lo pelos serventuarios da justiça, a comparecer e proceder a eleição, ao que declarou Medeiros que somente faria a eleição, se além de João Pires Monteiro, se achassem na vila Antonio Pires e Henrique da Cunha Gago. Em tal caso, não fazia duvida em comparecer. A' vista desta resposta evasiva, resolveram os dois chefes presentes, com voto do prelado, lavrar um termo sustando a eleição até a vinda do ouvidor geral, para evitar lutas e ruinas.

O governador geral Francisco Barreto achou que convinha afastar de São Paulo, os vultos mais proeminentes da facção Camargo, convidando-os a ir ao sertão da Baía bater as insolencias dos indios, que desciam ao reconcavo; faziam suas *razzias* e retiravam-se, sem serem castigados. Logo que o capitão-mór Jeronimo Pantoja Leitão recebeu a ordem de mandar 200 indios com 20 bandeirantes experimentados, partiu para São Paulo, e convocou uma reunião na camara para a escolha do capitão da léva. Foram convidados pelo capitão-mór, os capitães Domingos Barbosa Calheiros, Bernardo Sanches de Aguiar e Fernando de Camargo — o Tigre, todos do partido camarguista. Foi escolhido comandante Domingos Calheiros, por



ser um dos indicados pelo governador, seguindo os outros dois como adjuntos.

A bandeira de Calheiros chegou á Baia em 1658, com menos dos 500 homens prometidos e foi infeliz, pois em vez de desbaratar o gentio inimigo, traida pelos indios paiaiaes, jamais deparou as tribus tapurás; e foi, aos poucos, dizimada pelos infieis aliados.

Calheiro e Fernando de Camargo voltaram a São Paulo, antes de 2 de Novembro de 1660.

O intuito do governador Francisco Barreto, incumbindo aos paulistas o castigo dos tapuias baianos, estava expresso na carta de 21 de Setembro de 1657 dirigida ao capitão-mór de São Vicente, na qual dizia: “Será serviço de sua majestade, converte-las (as Armas dos moradores de São Paulo, que andavam tão ocupadas em reciproca ofensa de uns aos outros, como escrevia em topico anterior) contra estes inimigos, em beneficio publico desta capitania ficar quieta e utilidade particular dos que vierem á preza dos que cativarem”. Terminando as considerações sobre as vantagens do socorro dos paulistas, afirmava: “E sobretudo ficará esta Republica com a conveniencia de se divertirem as armadas que ai a trazem inquieta”.

Era ilusão do governador. Em São Paulo ficavam José Ortiz de Camargo e o ouvidor Medeiros para prosseguir na ingloria luta civil, não obstante as sucessivas bandeiras enviadas á Baia e aos sertões do sul e do ocidente.

#### IV

#### O EPILOGO

A 1.º de Janeiro de 1660 foi celebrado um acôrdo pelo ouvidor geral Dr. Pedro de Mustre Portugal, com assistencia do capitão-mór Antonio Ribeiro de Moraes, do ouvidor da Capita-

nia Antonio Lopes de Medeiros, dos prelados das religiões: Frei Geraldo, da Ordem de Santo Antonio, visitador da provincia do Brasil, do reitor dos jesuitas, padre Manoel Pedroso e do Padre Frei Angelo, prior do convento do Carmo, pelo qual convenio os capitães Fernão Dias Paes, José Ortiz de Camargo e Henrique da Cunha Gago, chefe dos bandos em luta, se comprometiam solenemente a reconciliar-se, por si e pelas familias, amigos e aliados, tomando a responsabilidade da continuação dos disturbios, sendo considerados desnaturalizados, tidos e havidos como rebeldes, levantados e desobedientes, se continuassem os danos, motins, mortes e outros maus sucessos, que agitavam e ensanguentavam a vila. Os tres chefes declararam que se submeteriam ás penas cominadas e faziam o acordo espontaneamente, sem serem compelidos e obrigados.

O Dr. Mustre Portugal fez com que os tres inimigos apertassem as mãos "uns aos outros" para maior firmeza e estabilidade da paz e união que prometiam guardar e conservar.

Este acordo, que consta do Registro Geral, sem ser firmado pelas partes, deveria por termo á guerra civil. Assim, porem, não succedeu: em Novembro do mesmo ano, o ouvidor da Capitania Antonio Lopes de Medeiros tinha obtido uma carta de diligencia, mandando proceder á eleição de conformidade com as Ordenações do Reino, o que foi impugnado pela camara.

Em 1661, Medeiros tentou novamente fazer a eleição para o ano seguinte, por maioria de votos, mas os capitães Francisco Dias Velho e José Ortiz de Camargo, se opuzeram, reclamando que a eleição fosse feita de acordo com o alvará do Conde de Atouguia. Em virtude da divergencia, para evitar novas lutas, resolveram não realisar a eleição até a vinda do ouvidor-geral da Repartição do Sul do Brasil.

Sairam vencedores os Camargos.

José Ortiz tinha projetado uma entrada ao sertão, levando indios do Convento do Carmo para auxiliar o aprezamento do gentio. Nesse mesmo ano falecia, com testamento, o notavel

paulista e perdiam os Camargos a cabeça dirigente e inteligente do seu bando.

José Ortiz tinha conseguido a adesão de alguns Pires, entre os quais João Pires Monteiro, filho da matrona D. Inez Monteiro, a quem pretendia alvorar em chefe da facção contraria.

As eleições de 1664 correram sem novidade; mas no ano seguinte, eleitos juizes José Ortiz de Camargo — o sobrinho, filho de Fernando de Camargo — o Tigre e Garcia Rodrigues Velho, ambos se escusaram de servir os cargos, pelo que foram presos em suas casas, até que a ouvidoria se pronunciasse sobre as escusas.

José Ortiz alegava sofrer “de grande detrimento nos olhos e tinha muito pouca vista para acudir ás suas obrigações e que não podia sair fora á noite e com o sól, alem de muitos trabalhos e infortunios”.

A 18 de Fevereiro, o juiz João da Cunha Gago, mandou intimar os juizes eleitos José Ortiz — o sobrinho e Garcia R. Velho, que disse estar aguardando decisão da ouvidoria, a assumirem as varas, sob pena de 200 cruzados para o conselho e responderem pelo crime de desobediencia.

Ortiz respondeu á intimação, dizendo que era leal vassallo e que somente deixára de tomar posse do cargo por ser cego e sofrer outros incomodos. Não obstante, no mesmo dia entrou em exercicio e o seu primeiro cuidado foi o de preencher as vagas de officiaes da camara, presidindo as eleições de barreto.

O regimen das eleições continuou a ser processado como prescrevia a provisão do Conde de Atouguia, não obstante a tentativa feita, em 1670, pelo ouvidor geral Dr. João de Abreu e Silva, que pretendeu proceder á eleição a mais votos, como preceituava as Ordenações do Reino, encontrando franca opposição dos paulistas.

Em 1679, o ouvidor Dr. Pedro de Unhão Castelo Branco proveu que as eleições observassem os dispositivos legais, e a

camara assim procedeu a 26 Dezembro. O capitão Francisco Nunes de Siqueira — o Redentor da Patria, procurador da familia Pires, opôs embargos á eleição, alegando a inobservancia da provisão de Atouguia, dizendo que não fora ouvido, nem convocado para o pleito. A' frente de numerosos partidarios, conseguiu ele, violentamente, que a camara procedesse a nova eleição, o que fez embora protestando contra a coação e resolvendo abrir devassa sobre esses acontecimentos tumultuarios. Já estavam queimados os pelouros e feita a nova eleição, quando compareceu á camara o capitão Fernando de Camargo — o Tigre, reclamando e oferecendo embargos.

A camara, sem força moral, agindo sob a coação dos partidos, resolveu, no mesmo dia em que anulára a eleição, dar posse ao Tigre do cargo de juiz para o qual fora eleito pela eleição anulada.

O Redentor da Patria foi acusado, como procurador “dos levantados e cabeça de todos eles nas violencias e temeridades que obraram”. Levados os sucessos ao conhecimento do ouvidor-Geral da Repartição do Sul, Dr. André da Costa Moreira, este baixou a carta de diligencia de 25 de Março de 1680, ordenando que os officiais da camara mandassem o Redentor da Patria retirar-se da vila sete ou oito leguas; e, na sua ausencia, procedesse a nova eleição, na forma das provisões, com toda a ordem e isenção. Caso Nunes de Siqueira recusasse a retirar-se da vila, deveria ser preso e remetido para o Rio de Janeiro, procedendo-se, em seguida, á eleição. Esta teve lugar a 21 de Abril, sendo eleitos juizes o capitão Antonio de Godoi Moreira e João de Toledo Castelhanos.

Estavam satisfeitos os desejos do Redentor da Patria: embora ameaçado pelo ouvidor-geral conseguiu todos os objétivos, afastando da presidencia da camara o tremendo adversario, capitão Tigre e conseguindo eleger officiais de sua facção.

Os animos, porem, não serenaram.

Em 1687 tinham sido eleitos, segundo informava o escrivão e tres eleitores, varios membros do partido camarguista.

Aberto o cofre dos pelouros, que apresentava vestígios de ter sido arrombado, depararam, em vez de votos com bilhetes, contendo palavras deshonestas. O ouvidor Dr. João de Souza expediu uma carta de diligencia, ordenando que a camara anterior continuasse e procedesse a nova eleição. Os oficiais, receiando que a eleição dêsse lugar a novos tumultos e mortes, não a realisaram.

Somente a 29 de Dezembro do mesmo ano, o ouvidor geral Dr. Thomé de Almeida e Oliveira presidiu as eleições triennais, que decorreram em perfeita ordem.

A luta ia declinando lentamente, pela morte dos chefes e pela mudança de grande numero de habitantes. Uma numerosa leva dos Pires, atraída por Gonçalo Pires Bicudo, que havia fugido de São Paulo para evitar perseguições, veio estabelecer-se em Curitiba, fundando a Vila Velha ou Côrtes. Por outro lado, o capitão Francisco Dias Velho, chefe camarguista, com a sua familia e amigos foi povoar a Ilha de Santa Catarina.

A facção dos Pires tinha perdido João Pires — o velho, Fernão Dias Pais — o caçador das esmeraldas, Henrique da Cunha Gago e a matrona D. Inez.

O Redentor da Patria havia assumido, na ultima faze, a chefia incontestada do seu bando. Genro de João Pires o velho; primo irmão por afinidade de Antonio Lopes de Medeiros sobrinho de Henrique da Cunha Gago e da Matrona, reuniu em torno da sua prestigiosa pessoa, todos os parentes e seus sequazes.

Dos Pires, somente João Pires Monteiro, filho de D. Inez e Francisco Dias Velho, seu primo, genro da Matrona, mas socio e cunhado do capitão Antonio Pedroso, tinham divergido dos parentes.

Pedro Taques attribui ao Redentor da Patria ter conseguido do Conde de Atouguia, a favor das duas familias em luta, o perdão geral, graças ao seu tino e diligencia. Narra ele que logo que Nunes de Siqueira obteve a provisão, deixou a Baía, a cavallo para São Paulo, onde fez sua entrada, no dia

25 de Dezembro, um mês depois de concedido o alvará de anistia, tal o empenho que fazia em pacificar o seu torrão natal.

Fez a entrada publica na vila, a cavallo, vestido de armas brancas, trazendo bigodes á fernandina, em séla jeronima, com lança ao ombro. Os seus conterraneos, em sinal de gratidão, ofereceram-lhe um retrato, com os dizeres — Redentor da Patria.

Faleceu este varão em 1681, segundo informa o Dr. Gonzaga Leme. A facção Pires perdeu um chefe prestigioso, que não teve substituto.

Era natural que a ação calmante do tempo fosse amortecendo os velhos odios e implantando a paz em São Paulo. Entretanto, dois casos alheios ás lutas intestinas, vinham agitar a população, provocando novas sedições: — a liberdade do gentio e a quebra da moeda. Ambas, porém, serviam mais de élos do que de sizania entre os paulistas, todos comungando as mesmas ideias e defendendo os mesmos interesses comuns.

Parece-nos que a resistencia da camara e os tumultos constantes dos termos de vereança visavam simplesmente isentar os camaristas das responsabilidades que pudessem resultar das resoluções tomadas.

O notavel causidico Dr. João Mendes de Almeida atribue a situação de turbulencia da Capitania de São Vicente, á incerteza dos direitos do verdadeiro donatario dela, desde que começara a demanda entre os herdeiros de Pedro Lopes de Souza, que eram os descendentes do almirante Martim Afonso de Souza; e acresce que contribuiu para o seu incremento, a fraqueza do Conde de Atouguia, provendo que, nas eleições da camara, entrassem, dai em diante pessoas das familias Pires e Camargos, em numero igual.

Essa conclusão é contrariada pelas fatos: o motivo da turbulencia residiu nos interesses contrarios dos bandeirantes e dos jesuitas. Durante o periodo agudo da luta, São Paulo se tornara, verdadeiramente, independente, recusando obediencia ás autoridades constituídas.

Concluindo, acreditamos que o adulterio de Leonor Camargo Cabral com o seu concunhado capitão Antonio Pedroso de Barros, punido pelo assassinio, não simultaneo, de ambos, foi um triste episodio que veio agravar a discordia entre os paulistas. Causas mais remotas — a luta contra a Companhia de Jesus e a demanda entre os donatarios dividiam os vicentinos em duas fações: a dos escravagistas ou dos bandeirantes versus os jesuitas; e as dos partidarios dos Vimieiros contra os dos Monsantos.

Os jesuitas aproveitaram-se da situação criada pelo crime passionnal de Alberto Pires, que veio dividir e enfraquecer a resistencia uniforme da maioria dos paulistas, procurando favorecer a causa dos Pires, que lhes eram simpaticos, ao passo que os Camargos mantinham com os frades carmelitas, rivais da Companhia, as mais estreitas relações; e empenhando todos os seus esforços para serem reintegrados ao Colegio de Santo Inacio, o que aliás conseguiram mediante uma capitulação vergonhosa.

Foram alguns dos Pires, chefiados por João Pires — o velho, os mais devotados amigos dos padres da Companhia, tendo como aliados o grande Fernão Dias Paes, segundo afirma Vilela (o que, todavia, os termos das vereanças desmentem) e Lourenço Castanho Taques.

Depois da divulgação dos documentos de origem baiana, que o benemerito Dr. Afonso Taunay inseriu no terceiro tomo dos "Anais do Museu Paulista", não se pode duvidar da tragedia que vitimou Alberto Pires, em vista da relutancia da sua mãe D. Inez Monteiro em conceder o perdão aos Camargos.

Paulo Prado, estudando o episodio concluiu com fundamento, que houve o adulterio, e, acrescentamos, a delicadeza de Pedro Taques, para não ofender milindres, embora conservando a tradição romantizada, procurou cobrir com o "véu diafano da fantasia, a nudez rude da verdade". Convem notar que o notavel cronista herdara estreitos vinculos de sangue

com os Pires e seus partidarios e que o seu avô Pedro Taques foi assassinado por Fernando de Camargo, no Largo da Sé, então Pateo da Matriz. Tinha, portanto, fundas razões de parcialidade; entretanto, como historiador, guiado pela nobreza dos seus sentimentos, não quiz colocar a sua pena a serviço do odio, já amortecido e procurou subterfugios para narrar a verdade atenuando as arestas.

A luta dos Pires e Camargo, que, durante quasi meio seculo revolucionou São Paulo, obedeceu não só a uma preocupação oligarquica, visando o dominio de um das familias em guerra, como a motivos politicos, que importaram na restituição dos jesuitas ao mosteiro de São Paulo, e, quiçá, na vitoria da casa dos Monsantos contra a dos Vimieiros, na questão da donataria.

(dos "Episodios do Passado Paulista")

ERMELINDO A. DE LEÃO



## Variações em surdina

Depois que o marido saiu, d. Marianinha veio sentar-se á mesa de jantar, de onde ha pouco a criada acabara de tirar o almoço. O seu olhar passeou por cima da mesa e caiu ao chão, onde descobriu uma códea de pão; pensou em levantar, pegá-la, atirá-la pela janela, depois pensou em chamar a criada para fazê-lo, censurando-a por esse descuido para que de outra vez tivesse mais cuidado no tirar a mesa. Mas o seu olhar, erguendo-se da crosta, fê-la esquecer tudo. De repente ecoou no fundo do seu pensamento:

— Todos nós havemos de morrer um dia; basta estarmos vivos!

E sem a menor solução de continuidade, cantarolou na sua memoria:

*Jacaré comprou cadeira,  
não tem bunda pra sentá!*

De novo o seu olhar caiu em cima da códea de pão. Lembrou-se de catá-la ou de chamar a criada para fazê-lo. Aproveitaria a ocasião para censurá-la. Não gostava que o chão ficasse sujo de resto de comida. Quem sabe não valia a pena passar pito na criada, por causa de um pequenino pedaço de pão que ela deixara cair ao chão. Teve piedade da criada. Tambem a coitada fazia todo o serviço de casa: cozinhava, lavava e era arrumadeira. Não lhe diria nada. Ela mesma,

Marianinha, ia jogar fóra o pão. Mas, afinal, não haveria mal em que ela pedisse á criada mais cuidado, ao tirar a mesa, para não acontecer mais como hoje, que ela deixara cair pão ao chão. Não iria ficar brava, não carecia ficar. Podia ser que a criada ficasse. Aí ela ficaria tambem. Porque em sua casa mandava ela. Pegou por aí, e imaginou uma grande briga com a empregada. Chegou a sair safanão e descompostura. Mas a criada decerto não ficaria brava; era boa de genio. Sentiu gratidão por ela. Havia de dar-lhe uma gratificação no fim do mês. Agora ia catar o pedaço de pão.

Foi levantar, o esforço fez escapar-lhe dos labios:

— Aiai! e suspirou fundo e largo.

Quando os labios foram se fechar sôbre o suspiro, tremaram de emoção, de uma emoção que subira num apice do fundo do ser:

— Todos nós havemos de morrer um dia; basta estarmos vivos!

Então d. Marianinha estremeceu. Penetrou-lhe de subito, porque repercutindo em todos os seus sentidos, a significação da frase terrivel. Teve uma fria e forte sensação de aniquilamento, aniquilamento brusco e radical, de quem se atira a um abismo insondavel. D. Marianinha sentiu a atração da morte, uma atração imponderavel e irresistivel, como a de um tunel, para o qual, corre um trem, em desabalada carreira, e em que mergulha, engolfando-se em treva. D. Marianinha sacudiu a idea, ela como que se levantou no ar e caiu de novo no seu pensamento:

— Todos nós havemos de morrer um dia; basta estarmos vivos!

Proferiu mentalmente a frase, sem o menor vislumbre de emoção; não lhe acordava nada. Tentou recompor na sua sensibilidade a emoção anterior, mas não conseguiu. Não conseguiu mesmo compreendê-la. A frase lhe parecia quasi sem sentido, ou por outra, com sentido, mas um sentido vago de coisa inverosimil. Repetiu-a em voz alta:

— Todos nós havemos de morrer; basta estarmos vivos!

Teve a mesma sensação de indiferença. Compreendia, sabia o que a frase queria dizer, mas não a sentia, ela não descia ao seu íntimo, ficava na intelligencia, que compreende, mas não sente. Parecia-lhe que era outra pessoa que lhe estava falando. Parecia-lhe que as palavras vinham de fora e não de dentro de si, eram um som estranho, não uma expressão sonora do seu pensamento oculto, capaz de fazê-la vibrar á sua audição. Mas ocorreu-lhe que era hora de cuidar da vida, e não de andar ali cogitando de coisas que não têm solução. Até podiam pensar, se a vissem falando alto, como falara, até podiam pensar que ela estava virada do juizo. Sorriu de manso. Sorriu de si e de tudo quanto imaginara. Dispondo-se já a ir tratar das suas tarefas domesticas, fez um balanço das suas locubrações anteriores. Pensara uma porção de coisas, sôbre a vida, sôbre a morte, dissera aquella frase:

— Todos nós havemos de morrer um dia; basta estarmos vivos!

Disse-a sorrindo, despreocupadamente, mas estremeceu em seguida, sem querer. Aguda como uma dôr, rapida como um choque electrico, a frase, a significação da frase, penetrára-lhe de novo o ser, sacudindo a sua sensibilidade com um jeito imprevisto e dolorido. Voltou-lhe uma fria sensação de morte, de aniquilamento total e completo. Como que sentiu, ao ouvi-la, o seu ser diluir-se ao contato de uma força poderosa e delinquescente. De maneira vertiginosa, mas nitida, passou-lhe pela retina tudo o que fôra a sua vida, os seus sonhos, as suas alegrias, e que iam se afundar no nada, como um grande esforço perdido. Paralisaram-lhe de subito as suas fôrças, amoleceram; sentia-se maleavel a todas as sensações, ás mais subtis e contraditorias! Veiu-lhe vontade de ser ninada, de ser embalada em berço ideal, suspenso sôbre o espaço, e veiu-lhe vontade de rir. E riu com gôsto.

Suavemente, despercebidamente, o seu pensamento se foi desviando para outras coisas, e o seu ohar deu com a códea de pão no chão. Ah! lembrou-se, precisava catá-la.

Levantou-se, catou-a, jogou-a pela janela, e enveredou por um corredor, sem dar tino de si. Quando viu, estava na cozinha, nem sabia porquê. Saira da sala levada por um movimento inconciente e por uma vaga intuição de que tinha um serviço a fazer na cozinha. Tão evidente lhe parecia que nem cuidara de indagar o que era esse serviço. Agora que, para pô-lo em obra, precisara indagar, não conseguia relembrá-lo, percebia um hiato repentino na memoria. Olhou em roda para ver se algum objeto o traria á lembrança. Ao fundo da cozinha, perto da pia, atarefada e de manga arregaçada, a Emilia, que era preta, lavava as panelas. Do lugar onde estava, D. Marianinha avistava a janela, que era defronte, e através dela, um pedaço de quintal, onde roupas, dependuradas ao varal, secavam ao sol; e avistava os fundos da casa de um vizinho e o céu azul, por cima das casas e dos homens. Um cachorro latiu no quintal pegado, outro respondeu mais longe, outro ainda mais longe, como um eco, cada vez mais brando, repetindo-se indefinidamente e indo acordar resonancia no íntimo de D. Marianinha, de onde brotou um murmúrio exquisito, suave e subtil, que foi subindo e foi subindo, e desabrochou nos seus labios, como um alívio:

— Pois é, Emilia, todos nós havemos de morrer um dia...

— E' cuidar da vida que a morte é certa, filosofou a Emilia, começando a lavar uma outra panela.

Muito atenta, pegou de uma bucha ensaboada, e enquanto a esfregava com fôrça na panela, continuou, num admiravel exemplo de pensamento e ação:

— Gente, aí, arrotando grandeza... Pensa que não morre; não respeita Nosso Senhor. Morre sim. A morte é para todos. Não tem rico, nem pobre. Os ricos fazem pou-

co dos outros. Aqui a gente sofre. Mas no outro mundo Nosso Senhor foi pobre, tem dó de nós. Os ricos morrem como a gente. Como o dr. Fausto Pinto. A snra. se lembra? Jantou bem, vestiu-se para ir ao baile, ao baile da Camara, no dia 15 de Novembro, mas Deus não quis, deitou-se para dormir, e morreu assim mesmo... Nem precisou trocar de roupa para ser enterrado. Ouvi dizer que foi castigo, D. Marianinha, crédo, Deus me perdôe. Mas ele era hereje; blasfemava contra Deus (que me perdôe). Blasfemar é ruim. Quando nós trabalhavamos, no tempo de meu pai vivo ainda... Ele sempre falava nesse caso para mim. Havia um italiano na fazenda de sô Inacio, bom moço tava ali, simples, sem luxo... O italiano só falava "porco Dio", "Dio ladro", "Capellon de la Madona"... Deus que me perdôe, amen, (e fez o sinal da cruz). Pois um dia, D. Marianinha, ele brigou com um mulato, tomou uma enxadada na cabeça que abriu em dois pedaços... A Snra. viu? Morreu na hora, coitado, que Deus tenha. Agora ouvi dizer que "Capellon de la Madona" não é pecado... Será que não é, D. Marianinha?

Assim falou a cozinheira. D. Marianinha, chamada para as questões terrenas, sentiu revigorar-se toda a sua energia. A' noção obscura de instabilidade e insegurança em que se sentia perdida e indefesa, em meio do Infinito, alto, profundo, ameaçador e indiferente, sucedeu uma nitida sensação de estabilidade, em que, contraindo a periferia, cada coisa se arrumava em seu devido lugar. Readquiriu a posse de si mesma. Todas as suas ideas e conceitos ganharam consistencia novamente. Voltou a ser ela mesma, com todas as suas preferencias e quisílias. Ia responder, explicando a pergunta da Emilia, mas enxergou no quintal qualquer coisa que lhe prendeu a atenção, e observou:

— Olhe o frango de D. Paula de novo no quintal... Eu já falei para ela que cortasse as asas do frango para não pular para cá... Eu acabo matando esse frango para comer. Já

avisei bastante. Vou avisar de novo, mas se pular mais uma vez não aviso mais... A gente também não é empregada de ninguém.

Voltou resoluta para a sala. Teve uma grande raiva de D. Paula. Todo o dia era aquilo: pulava o frango, precisava avisar, ela mandava a criada buscar, enfim, por causa do frango, acontecia uma porção de coisas aborrecidas que vinham modificar os hábitos de D. Marianinha que agora se encontrava de veras enraivecida. Acabaria cortando relações com d. Paula. Via-a, através da lente deformadora da sua raiva, com uma cara rispida, inspirando odio. Disse-lhe alguns nomes feios. Ia sair á janela para ver se encontrava algum filho dela brincando na calçada para mandar avisá-la, e abriu a janela, e deu justamente com d. Paula, á janela da casa ao lado, com um largo sorriso prazenteiro nos labios e uma expressão geral de cordialidade. Operou-se no cerebro de d. Marianinha uma rapida transmutação de valores. Áquela impressão de aversão sucedeu, num abrir e fechar de olhos, uma larga simpatia. Tal é a fôrça poderosa das apparencias, na frase lapidar do Juca da farmacia.

Mas d. Paula disse á d. Marianinha, assim que a viu abrir a janela:

— Boa tarde. A snra. como está passando? Passou aquela dor de cabeça de ontem?

— Ah, passou, d. Paula. Tomei uma capsula, foi um tiro, passou logo.

— Capsula é um santo remédio. Um dia o Totó (1) estava com dor de cabeça. Coisa de constipação, a snra. sabe, mudança de temperatura, mas não havia meio de passar. Fiz chá, arranjei suador, nada. Pois a Eugenia do Homero que esteve em casa nesse dia, me aconselhou uma capsula, dei, foi um porrete. Capsula é um santo remédio.

— Ah! é?

---

(1) Totó é o marido de d. Paula.

D. Marianinha então contou á d. Paula que o frango dela estava no quintal. E acrescentou naturalmente, nem sabia se por hábito, ou se por desejo real de cortezia:

— Quer que mande a Emilia levar?

— Não, não, d. Marianinha; eu mando a minha criada... Não vá se incomodar.

— Não é incômodo nenhum.

E tanto ofereceu que d. Paula acabou aceitando. D. Marianinha recolheu-se. Lembrou-se que precisava remendar uns pares de meias do marido, e já estava na hora. Se demorasse mais, não daria tempo. Sentou-se á maquina, preparou-se para principiar a tarefa. Reparou nos pares de meias que precisava remendar. Eram, ao todo, seis. Quando acabaria? Quanto trabalho não teria? Se fossem ricos, não teria dêsses trabalhos; comprava logo meias novas. Mas o marido era apenas escrivão da coletoria estadual de Araraguetá, que não rendia muito. Rendia aí uns quinhentos, seiscentos mil réis por mês. Viviam vida de pobre. Mas sonhava vagamente com uma fortuna imprevista. Um milhar no bicho, que jogava sempre, uma herança repentina, um acontecimento qualquer, em suma, que a tornasse feliz. Parecia-lhe tão certo que viria esse acontecimento que não cansava de esperar. Ela tambem tinha o seu sonho; ela tambem aspirava a ser feliz como os outros. Aparecia aos proprios olhos tão merecedora da felicidade que lhe parecia que esta não poderia falhar; parecia-lhe que, no meio dos mortais, trazia uma marca distintiva que faria a felicidade descobri-la. Uma confiança íntima, uma certeza de que não merecia a desgraça, a fazia pensar assim. De repente sentiu dentro de si crescer imponderavelmente essa confiança na vida, acordando-lhe todas as fibras, na vibração unisona de um entusiasmo criador sem limite. Seria feliz! Seria rica! Realizaria todos os seus sonhos! Pensava tudo isso com tanta convicção que parecia que já conseguira o que queria. Percebia uma fôrça empolgando-a, elevando-a acima das contingencias adversas. No mundo não queria outra coisa se-

não realizar o seu sonho. Não fazia mal a ninguém, desejava o bem a todo mundo, contanto que a deixassem realizar o sonho dela sossegada. E parecia-lhe que ninguém levantaria obstáculo contra si, porque tudo o que desejava era bom e justo. Mas, se levantassem, achava que com enorme facilidade o demoveria. A vida era amena e agradável; era um espetáculo lindíssimo, onde as paisagens eram coloridas e os espíritos tranquilos. Sentia a euforia do próprio eu, transbordando-se em impulsos generosos e altruísticos. Ela era capaz de todas as bondades, de todas as renúncias, de todos os desprendimentos, cuja efetivação não dependia mais do que de uma palavra. Imaginou que uma desgraça cairia sobre Araragueta. Uma epidemia devastadora. Ela se desdobraria em empreendimentos caridosos. Via-se prestando socorros a ricos e pobres, indo da choupana ao palácio, sempre solícita, sempre atenta, sempre bondosa. Sentiu a grandeza da própria pessoa; e ficou contente de si. Lembrou-se de que a doença poderia atacá-la, ficaria doente então, morreria. Teria um grande cortejo no enterro. Araragueta inteira choraria a sua morte. Chegou a ficar comovida com a própria morte, e uma lagrima apontou-lhe nos olhos, quente, quente, depois correu pelas suas faces, e outras lagrimas vieram atrás daquela. Até que, enchendo a sala toda, transbordaram pela janela, jogando D. Marianinha á sargeta da rua, e inundando Araragueta, de cujas casas saía gente, fugindo de canoa.

Então d. Marianinha caiu em si. E enxugou as lagrimas. Olhou para as meias. Precisava remendá-las. Tomou da primeira e principiou a tarefa.

Ocorreu-lhe de repente:

— Todos nós havemos de morrer um dia; basta estarmos vivos!

Atirou para longe o pensamento. Sentiu uma subita necessidade de agitação, de vida exterior, de fugir do seu íntimo. Crispava-lhe os nervos uma surda irritação, exigindo movimento para acalmá-la. Teve vontade de sair, de ir a casa



das amigas, de andar, andar, mexer, fazer qualquer coisa, de atirar-se ao teto e cair de ponta-cabeça ao soalho, dando um salto no espaço, como um funambulo adextrado. Queria uma porção de coisas, nem sabia o que queria.

Houve de improviso um clarão na sua memoria: Que cabeça a minha! Fui á cozinha falar com a Emilia a respeito do pedaço de pão que encontrei na sala, e me esqueci...

Gritou para os fundos:

— Emilia, ó Emilia!...

Quis ver a Emilia aparecer depressa, como num passo de magica, mas ela custou, irritando-a:

— Anda surda? Eu já não disse a você que não quero que deixe cair pão no chão? Quantas vezes precisa que eu fale?

A Emilia fez uma cara estúpida. Não vira pão nenhum.

— Como não viu? Deixou cair no chão, ali, perto do armario...

A Emilia olhou para o lado do armario. D. Marianinha continuou:

— Agora não está; não está mais. Queria que ficasse lá a vida inteira? Eu já tirei. Mas estava.

E depois de um silencio:

— Bom; póde ir... Tenha mais cuidado.

Voltou a atenção ás meias. Quantas meias que tinha para remendar! Quanta, quanta coisa que tinha que fazer na vida. A sua vida era trabalhar. Trabalhar, comer, dormir. Não se recordava de um momento bom em sua vida. Quando o teria? Sentiu-o inatingivel, e sentiu levantar-se de dentro de si uma ansia de atingil-o, uma ansia inexprimivel que bulia com os sentidos, tamborilando sôbre os seus nervos, como uma música, traduzindo-se em sons miudinhos e penetrantes. E suspirou, em desafôgo:

— Todos nós havemos de morrer um dia; basta estarmos vivos!

E repetiu com raiva, como para arrancá-la da cabeça:

— Todos nós havemos de morrer um dia!! Todos nós havemos de morrer um dia!! Todos nós havemos de morrer um dia!!

E continuou repetindo-a, até que se surpreendeu, cantando-a com a música do Hino Nacional:

— Todos nós havemos de morrer...

Espiou pela janela. Estava querendo chover. O céu agora ameaçava chuva. Lembrou-se da roupa no varal, e gritou para a Emilia:

— Olhe a roupa no varal, Emilia! Vai chover. Recolha ela. Tudo precisa que eu mande você fazer! Arre, também!...

Quando parou de falar, uma vizinha, eco sumido de muitas vozes, ajuntou, em surdina quasi imperceptivel:

— Todos nós havemos de morrer um dia; basta estarmos vivos.

JOÃO PACHECO

# E t n o g r a f i a

## Romanceiro de Lampeão

O cantador nordestino tem duas formas principais de poesia cantada: o Desafio e o Romance. O primeiro é a forma dialogada, em uso sempre que dois ou mais cantadores se encontram; é a que mais se presta á improvisação. Porém mesmo no Desafio grande número das estrofes surgidas como de improviso, são, na realidade estrofes decoradas, extraídas da abundantíssima literatura de cordel nordestina. O Romance é a forma solista por excelencia, poesia historizada, relatando fatos do dia. Qualquer caso mais ou menos impressionante sucedido no Brasil, e ás vezes mesmo no estrangeiro é colhido nos jornais por algum poeta popular praxeano, versificado e impresso em folheto. O cantador rural, a infinita maioria das vezes analfabeto, decora o folheto, com auxílio de algum intermediario alfabetizado, e lá se vai cantando o romance, brejo, catinga e sertão fóra.

Os casos e herois do cangaço interessam muito particularmente trovadores e ouvintes nordestinos. Os romances do ciclo dos cangaceiros são numerosíssimos e só Antonio Silvino produziu vasta literatura de cordel. Lampeão o segue imediatamente atrás nessa literatura e mui provavelmente ultrapassará o rival. Gustavo Barroso nas suas *Almas de Lama e Aço*,

apenas dá noticia dum romance sobre Lampeão, intitulado "Historia do Bandedeiro Lampeão". Vou adiantar um bocado o romanceiro do grande bandedeiro.

Eis o tipo de Lampeão tal como o relata João Martins de Athayde em *A Entrada de Lampeão* (veja bibliografia no fim dêste artigo):

Estatura mediana  
O corpo bem comedido  
O rosto bastante oval  
E queicho muito comprido,  
Eis os traços principais  
Dêste que entre os mortais  
Torno-se tão conhecido

(Corrigi os numerosos erros de grafia, só conservando os mais curiosos.)

Ele traz o seu cabelo  
Americano cortado  
Traz a nuca descoberta  
Usa o pescoço raspado,  
Os dedos cheios de aneis  
Boa alpercatas nos pés  
P'ra lhe ajudar no serrado.

Tinha a calça de bom pano  
Palitô de brim escuro  
No pescoço um lenço verde  
De xadrez e bem seguro  
Por um anel de brilhante  
Que se via faiscante  
Por ter um metal mais puro.

Usava oculos também  
 P'ra encobrir um defeito  
 Molestia que Lampeão  
 Sofre no olho direito,  
 Mesmo assim encherga tudo  
 Pois no sertão tem estudo  
 Faz o que quer a seu jeito.

Eis o homem. O início da sua vida de criminoso é mais ou menos vago, embora os romances concordem com o caso relatado por Erico de Almeida de se ter... decidido a profissão de Virgulino numa feira. O anonimo da **História do Capitão Lampeão** relata assim os principios do cangaceiro:

Depois que Antonio Silvino  
 Se entregara á prisão,  
 Ficou substituindo-o  
 Virgolino Lampeão,  
 Um cangaceiro ilustrado  
 Que com um grupo bem armado  
 Domina o alto sertão.

Dos sertões de Pernambuco  
 E' natural Virgolino,  
 Nasceu no mesmo torrão  
 Em que vivera Silvino,  
 Nas margens do Mochotó  
 Onde o homem vive, só  
 Pensando em ser assassino.

Seus pais eram quasi ricos,  
 Botaram-o no Seminario,  
 De Alagoas onde êle  
 Pretendia ser vigario,  
 Mas sendo outra a sua sina  
 Ele rasgou a batina  
 E tornou-se um temerario.

(Essa história de Lampeão semina-  
 rista não vem referida por ninguem,  
 parece lenda.)

Lampeão era parente  
 Do grande Antonio Silvino  
 E trouxe quando nasceu  
 De ser bandido o destino.  
 A parteira que o pegou  
 Um dia profetizou  
 Que ele seria assassino.

(E' a unica referencia a parentesco  
 entre Lampeão e Antonio Silvino, que  
 conheço.)

No Riacho dos Navios  
 Teve ele o berço natal,  
 No centro de Pernambuco  
 Bem longe da capital,  
 Terra onde impera o cangaço  
 Aonde a fôrça do braço  
 Maneja o rifle e o punhal.

(De fato: Lampeão nasceu no sítio  
 Passagem de Pedras, distrito de Car-  
 queijo, zona do Riacho do Navio.)

Tinha quinze anos de idade  
 Quando um dia foi a feira  
 Junto com dois irmãos seus  
 No Afogado de Ingazeira,  
 Um cabra deu-lhe um bofete,  
 Ele puxou um canivete  
 E passou-lhe uma rasteira.

O cabra desaprumou-se  
 E foi de ventas no chão,  
 Lampeão com o canivete  
 Apunhalou-o no vão,  
 Tomou-lhe então o punhal  
 Uma pistola central  
 E bastante munição.

Chegaram seus dois irmãos  
 Que também estavam armados, ...  
 Disseram vamos embora  
 Si não estamos desgraçados,  
 Mas, por seis cabras valentes  
 Que eram do morto parentes  
 Estavam eles cercados.

Então feichou-se o comercio  
 E choveu bala meia hora;  
 Lampeão pulava mais  
 Do que burro na espora,  
 Perdeu na luta um irmão,  
 Mas deixou mortos no chão  
 Seis cabras e foi embora.

(Deixou na realidade dois mortos e  
 não perdeu nenhum irmão.)

Quando ele chegou em casa  
 Seu pai botou-lhe a bênção,

Deu-lhe um abraço e lhe disse:  
 Meu filho do coração,  
 Serás como teu avô  
 Que cento e tantos matou  
 E nunca foi a prisão.

Segue o fechamento de corpo de  
 Lampeão e os admiráveis conselhos  
 do feiticeiro, compadre Macumba. Ve-  
 jamos alguns passos:

Foi a casa de Macumba  
 E ele fez o serviço,  
 Feichou o corpo do rapaz  
 P'ra bala, faca e feitiço,  
 Então disse a Lampeão:  
 Não haverá valentão  
 Que pise no teu toitiço.

Primeiro êle sujeitou-se  
 A um processo arriscado,  
 Em um caixão de defunto  
 Passou uma noite trancado  
 O feiticeiro o ungiu  
 E quando êle de lá saiu  
 Estava de corpo fechado

Disse-lhe o velho Macumba:  
 Agora podes brigar,  
 Bala não te fura o couro,  
 Faca só faz arranhar,  
 Feitiço não te ofende  
 E a polícia só te prende  
 Depois que eu me acabar.

Porém depois que eu morrer  
 Ficarás de corpo aberto,  
 Tudo pode acontecer-te  
 Deverás andar alerta,  
 Pelos maus serás vencido,  
 Deves viver prevenido  
 Que a morte terás por certo.

E dado o "patuá de oração":

Disse o feiticeiro a êle  
 Isso é p'ra te defender  
 Dos soldados de policia  
 Que procuram te prender  
 Toda resa é valiosa  
 Mas a oração mais forçosa  
 Que sei é a de S. Correr.

A oração de S. Correr  
 Consiste em seres esperto,  
 Teres pernas resistentes  
 Pé ligeiro e pulo certo;  
 Não quereses resistir...  
 Teres fôrça p'ra fugir  
 Até sair do apêrto.

A oração de S. Ligeiro  
 Resai si fores brigar;  
 Essa oração é tão forte  
 Que te ansina a pular;  
 E faz bala não te romper  
 Cacete não te bater  
 E faca não te furar.

Essa oração consiste  
 Em teres agilidade,  
 Saberes dar grandes pulos  
 Com muita velocidade;  
 Só desempenha êle bem  
 O cangaceiro que tem  
 Pericia e habilidade.

Todo o dia te encomendes  
 Ao velho S. Traioeiro,  
 S. Brado, S. Vigilante  
 E a S. Escopeteiro,  
 Com êste has-de aprender  
 A' munição não perder

Teu tiro será certo.  
 Encomendar-se a S. Brado,  
 Consiste em ser valente,  
 Arruaceiro e perverso,  
 Atrevido e insolente;  
 Orar a S. Vigilante  
 E' viver a cada instante

Pronto para o acidente.  
 Orar a S. Escopeteiro  
 Consiste em ter a mão certa  
 O indicador ligeiro  
 Vista boa e bem esperta,  
 Orar a S. Traioeiro  
 E' ser sagaz e matreiro

E ir sempre em hora incerta.  
 Tambem tenhas devoções  
 Com santo Desconfiado,  
 Não te esqueça de resar  
 Para o velho S. Cuidado.  
 Não tenhas o ouvido môco,  
 E ao velho S. Dorme Pouco

Deves ser afeiçoado.  
 E' viver sempre acordado  
 Enganando o proprio sono.  
 A oração de S. Cuidado  
 Consiste em viver ativo,  
 Com o olhar sempre vivo  
 Como quem vive assombrado.

Lampeão resolveu logo  
 Dos intrigados dar cabo  
 E saiu de ali peor  
 Do que Roberto do Diabo,  
 Não houve no Pageu'  
 Outro assassino tão cru'  
 E outro bandido tão brabo.

E' o encontro de maravilhas como essa que compensam o estudo da literatura de cordel... Mas o exímio colocador de pronomes dêsse romance, produziu realmente uma peça interessantissima pelos assuntos tradicionais com que bordou a sua história. Nele vêm a descrição de individuos façanhudos tão peculiar aos Desafios nordestinos; a luta de Lampeão com o Diabo, mito de Orfeu tão universalizado e que é absolutamente geral na tradição dos cantadores nordestinos; e a descrição do Marco de Lampeão, a sua fortaleza, tradição singularissima, que tem dado ao romanceiro nordestino alguns dos seus romances mais notaveis como riqueza de invenção.

Eis alguns dos asseclas de Lampeão:

Entra em fogo e não se queima  
 Pega corisco com a mão  
 Vidro ralado é p'ra êle  
 Um excelente pirão  
 Só bebe sangue de gente  
**Matta** qualquer inocente  
 Sem raiva nem precisão.

O segundo é um negro  
 Que acode por Caçote  
 Este é uma onça na furna,  
 Uma oficina de morte,  
 Seu rifle não mente fogo,  
 Seu punhal não perde o jogo,  
 Seu facão não falha o corte!

No dia em que se zanga  
 Come pedra e não se entala,  
 Fuma polvora com pimenta  
 Por bolacha come bala!  
**Matta** a quem falar com ele  
 E atira até na mãe dele  
 Si em sua frente encontra-la!  
 Para êste (Onça Brava) não existe  
 Nem afago nem carinho,  
 Diz que chumbo derretido  
 P'ra êle é melhor que vinho,  
 Bebe sangue de serpentes  
**Matta** cobra com os dentes  
 E dá murro em porco-espinho!

O sexto é um cabra fulo  
 Que acode por Dragão,  
 Este pegando um soldado  
 Arranca-lhe o coração,  
 E sem do fogo ter medo  
 Assa-o na ponta do dedo  
 P'ra come-lo com pirão.

Continua descrevendo façanhas e mais façanhas até a famosa luta do Serrote Preto em que morreram os tenentes Oliveira e Joaquim Aduato. Então Virgulino foge e encontra o seu marco:

Lampeão com o seu grupo  
 Para bem longe arribou,  
 E na serra do Araripe  
 Uma fortaleza achou  
 Toda feita de granito  
 Em um lugar exquisito  
 Onde êle se arranchou.

Segue a descrição do marco inatingível, cercado por um rio "que a braço não se atravessa", uma terra com "mil feras malvadas", um descampado ao pé da rocha do marco, tão amendrontador que "fica-se all parado"; uma tribu de caboclos (indios) adestrados por Virgulino e prontos para destruir qualquer exercito, e emfim dentro do forte, Lampeão só com vinte companheiros mas que "são vinte feras humanas, vinte lobos carniceiros":

Ele ensinou a seus cabras  
 A comer de mês em mês,  
 Beber agua por quinzena  
 Dormir no ano uma vez  
 E mesmo sem estar zangado,  
 Atirar em um soldado  
 E derrubar dezeseis!

Aliás no mesmo voluminho vem outro romance intitulado **O Marco de Lampeão**, mas que é poeticamente bastante inferior a êsse de que falo e infelizmente não pude citar na integra pra não alongar excessivamente esta notícia. E' então que aparece o Diabo e Lampeão briga com êle:

Aí o negro partiu  
 E disse vamos a ela  
 Você hoje vai comigo  
 Já deixei pronto a panela;  
 Vou comer-te em panelada,  
 Do facto faço buxada  
 E do sangue cabidela.

Lampeão atirou nele  
 Mas quando a bala partiu,  
 Na boca o negro aparou-a  
 Cuspiu-a fóra e sorriu.  
 E disse: bala p'ra mim  
 E' comida de festim,  
 Foi quem sempre me nutriu.

Então êle com o punhal  
 Tentou furar o diabo  
 Porém a ponta da arma  
 Envervou até o cabo  
 Sem que lhe arranhasse o couro,  
 Satanaz por desaforo  
 Deu-lhe uns cascudos com o rabo.

Lampeão hi benzeu-se  
 E chamou por S. Cipriano,  
 Dizendo ao santo livre-me  
 Dêsse negro desumano;  
 Disse o diabo com espanto:  
 — Não precisa chamar santo  
 Porque já mudei de plano.

Acalma-te Lampeão  
 Que não mais te ofenderei,  
 Machoca êsses quatro dedos

Que teu amigo serei;  
 Desejo ser um teu socio  
 Vamos entrar em negocio  
 Pois eu te protejerei.

E fazem o pacto selado com sangue de Lampeão que o Diabo bebe e leva um pouco pro Maioral (nome que dão no Nordeste pro chefe dos diabos). O Diabo protegerá sempre Lampeão em troca da alma deste e porquê dos quinhentos individuos que Lampeão matar sempre uns dois centos de almas... irão pro inferno. São dignas de se escutar as reflexões que o Cão faz partindo:

Não entrarás na igreja,  
 Fugirás da confissão  
 A calunia e a falsidade  
 Tu terás por divisão  
 Orações não resarás,  
 E por santos não chamarás  
 Nem que tenhas precisão.

Os bens dos ricos pertencem  
 A quem os puder furtar,  
 Portanto é feliz aquele  
 Que rouba até enricar,  
 Serás ladrão e humicida  
 Pois só deixarás com vida  
 O que não puderes matar.

E afinal o romance acaba, Lampeão indo caçar e encontrando uma tigre (onça preta). A luta entre ambos é admiravel de vigor e movimento:

Entrou numa grande furna  
 E dentro ouviu um rugido.  
 Foi o ronco duma tigre  
 Que o deixou aturdido;  
 O rifle apertou na mão,  
 Porém nessa ocasião  
 Foi pela fera agredido.

Deu inda um tiro na tigre  
 Que sobre êle se lançou,  
 E deu uma tapa no rifle  
 Que bem longe o atirou;  
 O monstro não foi ferido,  
 E quando ouviu o estampido  
 Mais assanhada ficou.

Ele pulou para trás  
E da garruncha puxou,  
Porém no mesmo momento  
Que um tiro lhe disparou,  
Por meio de outra bofetada  
A arma lhe foi tomada  
E desarmado se achou.

Pulou p'ra trás novamente,  
Puxou da cinta um punhal,  
E apertou-o na mão  
Com uma ira infernal;  
Menejou ligeiro o braço  
Mas só furava o espaço  
E errava sempre o animal.

A onça era tão ligeira  
Como uma exaltação;  
Lampeão sempre pulando  
Mal sentava os pés no chão.  
Não conseguia fura-la  
Porém somente em mata-la  
Estava a sua salvação.

Pulou para trás, e o chapéu  
Numa das mão segurou  
E quando a onça partiu  
Ele os olhos lhe tapou  
E marcando-lhe o pé da guela  
Seu punhal enterrou nela  
E dentro a arma deixou.

A tigre ao ver-se ferida  
Um enorme salto deu  
E por cima dum lageado  
O corpo em cheio estendeu  
E mortalmente ferida  
Rugindo enraivecida  
Ali mesmo ela morreu.

Esse é o mais bonito dos romances de Lampeão e certamente um ótimo exemplar da literatura de cordel nordestina. Sem abandonar a verdade histórica, é admirável a destreza com que o cantador se transporta da verdade pro lendário, fundido história e liberdade de invenção com uma pureza excepcional. Quanto aos versos que estão com os pés errados pela métrica erudita, convém notar que a dicção cantada os reduz sempre ao metro certo, pois são obras fei-

tas pra serem cantadas e não lidas. E além disso muita conjugação dando oito sílabas reais ao verso (“(E) marcando-lhe o pé na guela” por ex.) na verdade não existe no canto. Surge por atrapalhação gramatical do poeta quando, em vez de cantar desprendidamente, ele dita pra cópia ou, mais raramente, escreve os versos que inventou.

Possuo ainda oito folhetos com romance sobre Lampeão. Todos eles se prendem mais particularmente á verdade histórica. Uma coisa que impressionou bem os cantadores foi um possível anúncio que Lampeão pôs em jornal do Recife pedindo cangaceiros decididos. Um folheto também anônimo, que traz a mais a história do Valente Vilela, dá Os Decretos de Lampeão, se referindo a esse anúncio. Mas o “decreto” vem milhormente parafraseado por João Martins de Athayde no seu romance Lampeão foi cercado.

O Nordeste brasileiro  
Vive sempre aflagelado  
Pelo o analfabetismo  
Que assola pelo o estado  
Pagés e catimboseiros  
Criminosos e cangaceiros  
Que os sertões têm criado.

A cinco do mês corrente  
Retumbou pelo sertão  
Um boato alviçareiro  
Que alegre a população  
Quem a notícia iaouvindo  
Gritava logo sorrindo  
Está cercado o Lampeão.

Mas o boato era falso, como seria ainda a famosa fita do Governo de Pernambuco no ano seguinte... (1926), mandando espalhar que o anspessada Liberato Correia ferira grave Lampeão. Pelo que se baixou um decreto, escrito com pena de ouro, promovendo o anspessada a cabo. Reconhecida a fita, ficou logo o soldadinho designado pelo povo com o apelido de Cabo Decreto.



Depois duns comentarios mais ou menos sem vida, segue o cantador:

Em um jornal do Recife  
Eu li com toda atenção  
Uma notícia escabrosa  
Que chegava do sertão  
No jornal tinha um decreto  
Lançado por Lampeão.

Lampeão pede trinta cabras pra completar seu grupo e exige certas qualidades:

Primeiro é ser criminoso  
Dar provas que é valente  
Romper tres horas de fogo  
E nem siquer sair doente  
Nunca ter se acovardado  
E ter seu rifle marcado  
Com a morte de muita gente.

O segundo é ser bem moço,  
Mau, assassino e tirano,  
Conhecer brenha e caverna  
Do sertão pernambucano  
Conhecer bem as pessoas  
Desde do estado de Alagoas  
Ao centro paraibano.

(.....)

Sexto é saber atirar  
Dentro da capoeira escura  
Mostrar sua identidade  
Pelos os atos de bravura  
Enfrentar qualquer perigo  
Baliar seu inimigo  
Com tres leguas de lonjura.

Setima é não confiar  
Em quem trazer distintivo  
E' melhor viver sozinho  
Sempre alerta e muito ativo  
Temos aí um espêlho  
Seguro morreu de velho  
Desconfiado está vivo.

Depois que esta notícia  
Retumbou pelo sertão  
Teve cabra que seguiu  
Rasgado e de pé no chão  
De pistola e bacamarte  
P'ra vê si tomava parte

Lampeão bem avisado  
Alem disso escopeteiro  
Via si o tal cabra tinha  
Jeito p'ra ser cangaceiro  
O que servia ficava  
Não servindo êle expulsava  
Depois de apanhar primeiro.

E' curioso a gente notar que no geral o que interessa os cantadores são as lutas de Lampeão com a policia, as mortes descritas simplesmente, ou então o que liga Lampeão com a lenda. Os refinamentos, os suplicios, as anedotas históricas ou não de Virgulino raro entram no romancero. Os proprios casos de moças estupradas, que fazem o sucesso do noticiario dos jornais, raro são referidos nos romances. O anonimo de Os Novos Crimes de Lampeão conta de passagem o famoso caso dos noivos e um menos conhecido de 3 normalistas, tudo em apenas duas estrofes:

No distrito de Cajazeiras  
Perto do lugar Tatús  
Em um casamento eu fiz  
Os noivos dançarem nús,  
Pintou-se o sete e o bode  
E no meio do pagode  
Mandei apagar a luz...

Depois encontrei três moças  
Todas da Escola Normal  
De Cajazeiras, e um velho  
De aspeto paternal,  
Ao velho eu amarei  
E o que fiz as moças não direi  
P'ra não ferir a moral.

Se percebe desde logo que um pudor ou melhor, um certo lado grego destes rapsodos nordestinos faz eles se desinteressarem dos casos de sexualidade, e se preocuparem mais com as lutas e as grandes linhas tragicas em que o Fado dum heroi tem uma finalidade mais social, mais coletiva. Nos Conselhos do Padre Cicero a Lampeão apenas tres estrofes seguidas, como que pra acabar logo com o assunto, referem violações de mulheres:

Lampeão todas as portas  
 A' coices de arma arrombou  
 O saque então foi completo  
 De tudo ele se apossou...  
 E de seis mulheres casadas  
 Que estavam apavoradas  
 Ele a honra violou.

Uma mocinha honesta  
 Passou pela mesma dor !  
 Com uma infeliz viuva  
 Praticaram tal horror  
 Que ela desfalecida  
 Ficou quasi que sem a vida  
 Dos monstros sob o furor!

Dos sertões de Pernambuco  
 Lampeão já se apossou.  
 Ali vinte fazendeiros  
 No mês de abril assaltou  
 Perseguindo as moças belas  
 De mais de vinte donzelas  
 A honra prejudicou!

Só o cantador Manoel Thomaz de Assis Limão na *Entrada do Reprobo Lampeão no Rio Grande do Norte*, demonstra os seus instintos pessoais, insistindo nos defloramentos dos canageiros:

Vamos tratar dos horrores  
 Que êsse monstro tem feito  
 Um perverso desordeiro  
 Nem mesmo a Deus tem respeito  
 E' um grupo de profanos  
 Meninas de 12 anos  
 Ele preverte sem jeito.

Uma pobre viúva  
 Possuia 3 donzelas  
 Lampeão chegou com o grupo  
 Deflorou todas elas  
 Quarenta homens com as tres  
 Mataram então desta vez  
 Sangraram mais a mãe delas.

Um velho tinha uma moça  
 Lampeão pôde ver ela  
 Obrigou o pai a ver  
 Roubar êle a honra dela  
 O velho não quis olhar  
 Ele conseguiu furar  
 Os olhos e sangrou na guela.

Uma fazenda do centro  
 Ele cercou uma tarde  
 Na casa tinha seis moças  
 E no cativo arde  
 Mataram u'a das seis  
 As 4 para 43  
 E uma para o cobarde.

E o resto do romance ainda continua lembrando de vez em quando os crimes contra virgindade porque:

Lampeão traz assombrado  
 Desde o rico a populaça  
 Vale dez anos de sêca  
 No lugar onde êle passa  
 Sendo casada ou donzela  
 Lampeão derrota ela  
 O mundo fica em desgraça.

Os dois fatos porventura mais curiosos da vida de Lampeão são incontestavelmente a ida a Joazeiro e o assalto a Mossoró em 1927. Ambos os fatos estão variamente cantados no romanceiro de Lampeão. Já no *Marco de Lampeão* o cantador relatando o caso engraçado que se passou com um representante da Standart Oil, dá a salvação dêste como devida ao padre Cicero:

O homem pediu em nome  
 Do padre Cicero Romão  
 Que lhe poupassem a vida  
 E o bandido Lampeão  
 Que obedece temeroso  
 A êsse padre virtuoso  
 Ao homem deu o perdão.

A tradição é essa: que Lampeão respeita o "nosso padim". E "nosso padim" a Lampeão... O padre Cicero deve ter ficado bastante assombrado com o sublime desplante de Lampeão, e de-certo achou melhor não se meter com êle, apesar da apparencia de facilidade em prende-lo numa cidade importante, policiada e o santo rodeado dos seus fanaticos. Martins de Athayde inicia o seu romance sobre a *Entrada de Lampeão na Cidade do Padre Cicero* assim:

O dia doze de março  
Foi alegre alviçareiro  
Porém para o sertanejo  
Tornou-se quasi agoureiro  
A polícia protestou  
Quando Lampeão entrou  
Na cidade Joazeiro.

Continua relatando a entrevista de  
Lampeão com um jornalista, a descri-  
ção é viva:

Num tamborete sentado  
Lampeão só respondia  
As perguntas que o reporter  
Com acento lhe fazia  
Sempre de arma na mão  
Prestando muita atenção  
Ao movimento que havia.

Assim naquela titude  
Rosto firme olhar insano  
Quem o visse não dizia  
Ser um ente deshumano  
Prestava atenção a tudo  
Com um carater sisudo  
Parecia um soberano.

/ Na estrofe que segue surpreende-se  
ao vivo a origem etimologica das pa-  
lavras Cangaco e Cangaceiro:

Suas armams pesam muito  
Porém Lampeão não sente  
Mais de quatrocentas balas  
Carrega sobsalente  
As vezes doi-lhe o espinhaço  
Porquê o grande cangaco  
Empina êle p'ra frente.

O reporter perguntou  
A Lampeão sua idade  
Tenho vinte e sete anos  
Com toda serenidade  
Sinto-me bastante forte  
Não tenho medo da morte  
Nem fujo da autoridade.

Relata o episodio da velha:

Disse a velha aqui eu trago  
Remedio p'ra sua dor  
Guarda consigo esta imagem  
E tenha fé no Criador,  
Pelo poder do Micias

Inda brigando dez dias  
Bala não fere o senhor.

Recebeu êle a imagem  
Da forma que lhe convinha  
Acreditando o milagre  
Que a velha disse que tinha  
Pegou um dos seus aneis  
E mais um conto de réis  
Botou na mão da velhinha.

E então conta que Lampeão salvou  
um contingente legalista num combate  
contra os revoltosos de Luiz Carlos  
Prestes, a inquietação do povo e a fi-  
nal termina com a consulta ao padre  
Cicero si poderiam prender Lampeão:

Colho estrofes:

O povo de Joazeiro  
Todos queriam saber  
Ali naquela cidade  
Lampeão que foi fazer  
De fato a sua presença  
Produziu a mais imensa  
Dúvida que se pode ter.

(.....)

Da polícia de Joazeiro  
Houve grande oposição  
Porque queriam prender  
O famoso Lampeão,  
Não poderam conseguir  
Porque precisavam **houvir**  
O padre Cicero Romão.

Disse o padre, nesse ponto  
Eu nada tenho a dizer  
Falsidade aquele homem  
Tambem não posso fazer  
Como é que eu vou maltratar  
Quem ajudou a livrar  
Nosso povo de morrer?

Todos olham bem p'ra êle  
Com muito odio e rancor  
Eu sou chefe da igreja  
Dei provas de bom pastor  
Não consinto violencia  
Tenham Santa **passiencia**  
Não posso ser traidor.

O que eu posso arranjar  
 Para não ser censurado  
 E' fazer por onde êle  
 Só ande aqui desarmado  
 E tomo conta do resto  
 Fasso dele um homem honesto  
 Pacato e moralizado.

O romance acaba aí, mas outro, dum anonimo, relata os **Conselhos do Padre Cicero a Lampeão**. Conselhos pacatos e duma sadia indecencia. Mas Lampeão recusa se regenerar porque "já tem cento e vinte mortes e está no crime empedernido". O padre insiste mais e a entrevista entre os dois herois acaba com estas moralidades sertanejas:

— Sr. padre eu continuo  
 No cangaço inda tres anos  
 Para poder por em prática  
 Do meu programa os planos  
 Depois, aqui voltarei  
 E então lhe confessarei  
 Todos meus crimes e danos.

Lampeão ao despedir-se,  
 O padre o abençoou:  
 Então êle mais dez cabras  
 Ao seu grupo incorporou,  
 Chegara lá com cinquenta  
 E ao sair tinha sessenta  
 Cabras a quem ele armou.

A regeneração de Virgulino preocupou especialmente o cantador Francisco Maraba. O seu romance **Noticias de Lampeão** afinal das contas é comovente e dum doloroso bom-senso. Mostra a impossibilidade dum cangaceiro se regenerar. Lampeão oferece vinte contos e uma bolsa cheia de esterlinas:

Para dá a um advogado  
 Que forgicasse um recado  
 P'ra livra-lo da cadeia.

Vende o rifle, constroi uma capelinha e funda uma bandinha:

Fez um terno de zabumba  
 Onde bate Zé Curumba  
 Depois do povo rezar.

Bota roçado e vazante  
 Num sítio lá de Belem  
 Disposto prá trabalhar.

E chega a se candidatar a deputado mas:

Sempre foi o Lampeão  
 Pelo Govêrno derrotado.

Coisa que, cá pra nós, certamente não sucederia no Nordeste, si as eleições fossem leais... Mas...

Acabar com Lampeão  
 E' a tendencia geral;  
 Faça ele uma justiça  
 E' levado sempre a mal,  
 E' atacado e se defende  
 Todo mundo compreende  
 A defeza é natural.

Toca de novo a caçada  
 Pega pega Lampeão  
 Foi um dia seu sossego  
 Segue atrás um batalhão  
 Deixou o santo e o zabumba  
 Meteu-se com Zé Curumba  
 Na catinga do sertão

Combatemos Lampeão  
 Mas é forçoso concluir  
 Quem estaria em seu lugar  
 Sem danado resistir  
 E quem acha a morte feita  
 Tira seu rasto da areia  
 P'ra ninguem o perseguir.

E' loucura do Govêrno  
 Querer prender Lampeão  
 Ele antes prefere a morte  
 Que ser levado a prisão  
 Mas enquanto êle viver  
 Paz alguma pode ter  
 O malogrado sertão.

Lampeão é um caso serio  
 P'ra muito se matutar  
 Uma charada diabolica

P'ra Satanaz decifrar  
Mas antes que venha a morte  
Cortar-lhe o fio da sorte  
Ele ha-de muito matar.

Parece que no sertão  
Por cima do taboleiro  
Até os mandacarús  
Protegem o cangaceiro  
Eis porquê a polficia  
Raramente tem notícia  
Dêsse grande mandingueiro.

O sertanejo infeliz  
Com a polficia e o cangaço  
E' quem sofre as consequencias  
Dizendo não sei que faço  
Si sirvo a polficia apanho  
Sirvo Lampeão levo banho  
Apanhando em qualquer passo.

Quanto á sublime maluquice de atacar Mossoró, ela foi fartamente cantada pelos cantadores potiguares, o já citado Limão mais Mariano Ranchinho. Diz o primeiro:

Alerta, rio-grandenses,  
Mostrai que sois patriota!...  
Vêde o local invadido,  
Sofrendo grande derrota!...  
Lampeão aonde passa  
Faz a maior desgraça  
Dá murro que descogota!...

E continua parolando e contando estupros como já falei. Mariano Ranchinho mais sobrio, principia com viva nitidez:

No dia treze de junho  
Quando a chuva no sertão,  
Caia forte alagando  
As grutas do socavão,  
Em busca de Mossoró  
Caminhava Lampeão.

O ataque foi feito sob uma chuva varada braba:

Naquela tremenda hora  
Acinzentou o nascente  
Caiu rouca trovoadas

Escureceu o horizonte  
Os trovões estremeciam  
Cordas de fogo desciam  
Era um vento impertinente

Não se divulgavam os tiros  
Porque o trovão gemia,  
O relampago faiscava  
Corda de fogo descia;  
A noite era tenebrosa  
Era uma vida penosa  
Que a cidade sofria

Com o que coincide Mariano Ranchinho deste jeito:

Antes disso os céus se abriram  
Em chuva torrencial  
Entre chispas de relampagos  
Jesus Cristo parecia  
Querer nos livrar do mal.

Cada tiro dos bandidos  
Vinha em resposta um trovão  
O mundo todo tremia  
Como si fôra um canhão  
E logo se escureceu  
Lampeão esmoreceu  
Foi perdendo sua ação.

Uma das tradições mais curiosas do cangaceirismo é o veso de combater cantando. E' costume antiquissimo e a êle não foge Lampeão. Já no ataque ao Apodi, vinte-e-oito cangaceiros de Lampeão

Entraram cantando estrofes  
Pelas tres da madrugada.

No ataque a Mossoró, a cantiga escolhida foi o côco "Mulé Rendeira," tradicional em todo o Nordeste.

Mormaço tocou corneta  
E os cabras rindo e cantando  
O samba "mulher rendeira"  
Foram saindo e atirando  
Té chegaram de repente  
Junto á igreja S. Vicente  
Aí a marcha parando.

A briga foi feia e os bandidos tiveram que recuar. Perderam nesse dia dois dos seus mais ferozes elemen-

tos, Colchete e Jararaca. Colchete ficou no campo da luta; Jararaca inda conseguiu fugir, mas abandonado pelos companheiros, sem força mais, foi dar numa casinha de beira estrada e aí morreu. Tanto o episodio desta morte como a descrição de Colchete são impressionantemente inventados por Mariano Ranchinho. Eis Colchete:

Eesse bandido era um negro  
Sujo, asqueroso e imundo;  
Um monstro da natureza  
Que Satan mandou ao mundo;  
Era baixo, grosso, e feio  
A boca de palmo e meio  
De olhar felino e profundo.

As pernas eram cambadas  
O corpo de Chimpanzé  
Orelhas dum burro mulo  
Um bolão era seu pé;  
O cabelo pixaím,  
Coberto de peste ruim  
Fedia como chulé.

Beijos de manta de carne  
Dentes de fera zangada,  
Barriga de come-longe  
Queixada torta e furada  
Unha comprida e sebenta  
Criatura mais nojenta  
Que Colchete não é gerada.

Lembra Gregorico de Matos ou Tolentino pelo vigor... E Mossoró ficou como a mais luminosa pabulagem de Lampeão e sua mais tremenda derrota.

Lampeão foi se meter  
A atacar o Mossoró  
Pensou que era Ceará  
Que a polícia tinha dó  
Quasi apanha de macaca  
E Colchete e Jararaca  
Esses ficaram no quichó.

Lampeão mesmo escapou por milagre. E corre de fato por todo o Nordeste que ele tem força fabulosa de feitiçaria, voa, tem dom de invisibilidade e de se transportar num se-

gundo a regiões distantissimas. Porém o fim dele já se sabe qual é, que

Essa história de milagre  
Eu tenho ouvido dizer  
Mas como sou caipora  
Nunca vi ninguém fazer.

Diziam que Antonio Silvino  
Tambem era feiticeiro  
Que passou dezoito anos  
Chefiando cangaceiro  
Foi bravo como um lião  
Mas hoje está na prisão  
Mansinho como um cordeiro.

Eu não gosto de abusar  
Do grande poder di-ino  
Porém o caminho é este  
Quem não souber eu ensino,  
Nessa tremenda questão  
Vai se dar com Lampeão  
O que se deu com Silvino.

LEOCADIO PEREIRA

#### Alguma Bibliografia sobre Lampeão

Folhetos de cordel:

1: João Martins de Athayde, **Lampeão foi cercado**; nenhuma indicação editorial; traz como data de autor, "Recife, 15 de julho de 1925".

2: João Martins de Athayde, **Como Lampeão entrou na Cidade de Joazeiro acompanhado de Cincoenta Cangaceiros** e como ofereceu seus serviços a Legalidade contra os Revoltosos; nenhuma indicação editorial; data de autor, "Recife, 12 de março de 1926".

3: João Martins de Athayde, **Lampeão no Tiroteio de Guariba**; recenseado por Leonardo Mota em **Sertão Alegre**, p. 48.

4: João Martins de Athayde, **Lampeão em Villa**; v. L. Mota, op. cit.

5: João Martins de Athayde, **Novas Proezas de Lampeão**; v. L. Mota, op. cit.

6: João Martins de Athayde, **Historia de um Soldado que milagrosa-**

mente escapou das unhas de Lampeão; v. L. Mota, op. cit.

7: Francisco Maraba, **Notícias de Lampeão**; Imp. na Papelaria Recife; data de autor, "Janeiro, 1929, Recife".

8: Mariano Ranchinho, **O Assalto de Lampeão a Mossoró onde foi derrotado**. Agencia Pernambucana, Natal, 1927.

9: Manoel Thomaz de Assis Limão, **Entrada do Reprobo Lampeão no Rio Grande do Norte**; Tip. d' O Progresso, Currais Novos, R. G. do Norte, 1927.

10: José Cordeiro, **A Vida Completa do celebre Lampeão**; (?).

11: XX, **Historia do Capitão Lampeão, desde o seu primeiro crime até a sua ida a Joazeiro**; no mesmo folheto vêm mais os romances, **Os Decretos de Lampeão, e, O Marco de Lampeão**; ed. F. C. Baptista, Paraíba.

12: XX, **Os Revoltosos no Nordeste**; folheto a que está ajuntado o romance **Os Novos Crimes de Lampeão**; ed. F. C. Baptista, Paraíba.

13: XX, **Conselhos do Padre Cicero a Lampeão**; ed. F. C. Baptista, Paraíba.

14: XX, **Historia do Bandoleiro Lampeão, 1923**; estudado por Gustavo Barroso, em **Almas de Lama e de Aço**, p. 98.

— Ainda quanto á literatura de cordeal, convem notar que em outras regiões do Brasil, que não o Nordeste, se publica de quando em quando um ou outro folheto ou cantiga, referente a Lampeão. No geral coisa lirica, de pura fantasia, seu nenhum valor etnografico. E o caso, por exemplo, do "romance policial cangaceiro dos misterios do Sertão", **Lampeão, Rei do Cangaço**, de Aurelio Pernambucano, editado em faciculos por Faverio Tittipaldi e C., do Rio de Janeiro, em 1927.

#### LITERATURA ERUDITA:

1: Erico de Almeida, **Lampeão, sua historia**; Imp. Official, Paraíba, 1926; registra numerosas estrofes de guerra de Lampeão e seu grupo, bem como da fôrça volante do sargento Kelé; relação nominal de 132 vítimas de Lampeão; e de 55 cangaceiros do grupo de Virgolino, mortos ou postos fóra de ação. Ha um intempestivo capítulo laudatorio ao ex-presidente Suassuna, da Paraíba, pelo que dizem a obra ter sido inspirada por esse chefe politico. Alguns chegam a afirmar que o livro foi escrito pelo proprio presidente, se aproveitando de dados colhidos por Erico de Almeida e Emidio Miranda...

2: Leonardo Mota, **No Tempo de Lampeão**; Off. Industrial Graphica, Rio de Janeiro, 1931; 70 páginas dedicadas a Lampeão.

3: Leonardo Motta, **Sertão Alegre**; Imp. Official de Minas, Belo Horizonte, 1928; traz um cap. sobre Lampeão em que transcreve muitas quadras sôltas e estrofes de romances sobre o cangaceiro.

4: Gustavo Barroso, **Almas de Lama e Aço**; Comp. Melhoramentos de S. Paulo, 1930: dois capitulos dedicados a Lampeão.

5: Ascenso Ferreira, **Catimbó**; typ. **Revista do Norte**, Recife, 1927; registrou pela primeira vez, em apêndice, a melodia do grito de guerra de Lampeão.

6: Mario de Andrade, **Ensaio sobre Musica Brasileira**; ed. Casa Chiarato, S. Paulo, 1928; traz o grito de guerra de Lampeão; um coco, texto e música, referente excusivamente a Lampeão; e o famoso coco **Mulé Rendêra** em duas variantes musicais e seus textos referentes a Lampeão.

L.P.

## Notas

JACKSON DE FIGUEIREDO: *Aevum*  
(Ed. da "A Ordem", Rio, 1932)

Tanto a crítica como o elogio do romance já foram feitos magistralmente pelo sr. Tristão de Ataíde, no prefácio. De modo que é sempre perigoso comentar-se esse *Aevum*, principalmente si tomamos da pena para discordar, como no meu caso... A questão é que o proprio sr. Ataíde é que me dá autorização para isso: "Todo o mundo vai criticar" (carta ao A., janeiro de 28, pgs. 18 et passim do pref.) Assim sendo, a possível inutilidade desta notícia desaparece....

Esse livro veio confirmar, mais uma vez, o quanto ha de falsamente humano em todas as auto-biografias que já se escreveram no planeta, desde as "Confissões" de S. Agostinho... E das acusações feitas ao livro pelo illustre ensaísta de Afonso Arinos (acusações em "sentido negativo", "menos" acusações) que eu subscreveria com ligeiras restrições na sua quasi totalidade, apenas uma de fato me impressiona, pois que é essa marca de coisa "forçada" justamente a característica maior do livro em questão.

*Aevum* apesar dessa despreocupação de estilo e plano determinados, que assinalam as obras improvisadas, é, de facto, "obra de uma vida" — conforme afirma o prefaciador — e é isso o que mais me entristece ao ter que falar do romance do morto querido.

Eu preferiria que a "idea" do livro estivesse em um ensaio. Jackson foi infeliz em escolher o romance para veículo de sua tése. O romance é uma forma perigosa como o quê e a anedóta escolhida é absolutamente inadaptavel ás considerações de ordem filosofica, moral e religiosa que provoca. Esse fato me faz lembrar uma discussão que presenciei numa roda de amigos, quando da morte do aviador italiano Del Prete. Um sujeito, citando os jornais, dizia que não era possível acreditar-se em morte mais belamente heroica, a que o outro (que era médico) retrucou: "E' que você não frequenta hospitais. Eu tenho assistido a mortes de indigentes infinitamente mais belas e heroicas. Só que humildes, anonimas, sem o estardalhaço da imprensa". Pode ser que achem diferente. Eu, por mim, acho parecidissimo. O caso passional de Antonio Severo é um dos mais vulgares do mundo, com a diferença que si o idem do brasileiro Francisco de Tal não assume a proporção de tragicidade dele é porque o individuo Francisco de Tal não sofre da perseguição do demonio da literatura... Ora, demos que o caso do bacharel Severo vivido seja interessante, escrito é um positivo desastre. E isso porque (a observação agudissima é de Couto de Barros) podemos contar a mais absurda história de amor a um sujeito que nunca amou e ele nos chamará de bêsta, fatalmente. Talvez seja esse o motivo porque Tristão de Ataíde previra que o ro-



mance não ia agradar. E' necessario que haja "correspondencia" entre autor e leitor sem o que toda obra será inutil, por mais perfeita que seja como fatura e inspiração. Eis porque, repito, preferiria ver sob outra fôrma essa dolorosa tragedia do Pecado que é a história de Antonio Severo.

E' um fato consumado: toda vez que um homem toma da pena para reconstituir um estado anteriormente vivido, faz, sem o perceber, literatura. Não ha associação de ideas que nos permita reconstituir um fato exatamente, tão grande é o numero de fatores que a prejudicam. Em geral tomamos os acontecimentos pela superficie, ficamos aí, e todo o estôfo interior, que julgamos real, não passa de uma reconstrução a frio (apesar do enorme esforço nosso) menos trabalhada pelos sentidos que pela imaginação. Está aí porque Montaigne costumava dizer que a imaginação é a maior inimiga da verdade...

Antonio Severo é uma figura falsa, um intoxicado de literatura. Daf a impossibilidade de expressar-se como "homem". Mas todo acontecimento humano só tem importancia si marcado pela nossa personalidade, sublime ou abjeta, não impede. Os fatos assim observados por nós nunca serão portanto exatos, mas **deformados segundo a nossa capacidade cultural**. Não são as interrogações que se fazem indice de nossa "inquietação" mas indice da nossa "curiosidade". Por isso cada qual as fará segundo a "base" que possuir para fazê-las. Um menino poderá indagar do Papai porque o leite é branco; eu perguntarei porque Deus existe. As perguntas de Antonio Severo são as perguntas que nós todos fazemos cada dia, cada um a seu modo. Sua tragedia não tem nada de "super-humano" e, talvez, seja humana apenas quanto a esse detalhe que a nivela com as outras...

Nós inventamos a palavra para

nos perdermos em seu mundo. Antonio Severo perdeu-se no mundo da literatura.

**Aevum** peca quasi sempre por esse lado. Percebe-se o gôsto da imagem arranjadinha, a toada oratoria. Ha periodos e mais periodos inuteis, carecendo ás vezes de sentido gramatical. Será que a "profundeza" do romance resida nisso?

Todas as "confissões" são assim. Mesmo que se tenha a coragem de desnudar-se a alma completamente, mostrá-la o que de fato é — em suas grandezas e miserias — nunca sai o que pretendemos. Rousseau usou da linguagem forte dos convencidos, é possivel que cresse mesmo estar representando exatamente os estados de sua vida. Entretanto só conseguiu dar corpo ás suas lembranças perdidas da meninice, com a fantasia creadora do homem de letras genial. O romancista crea os meandros da alma de seus personagens dentro da sua propria alma. Assim procedeu Jackson com relação a Antonio Severo, mas se realmente pretendeu retratar-se nele, falhou em seu intento. Antonio Severo nunca existiu.

Mas não é só a falsidade do depoimento de Antonio Severo que me faz achar o livro forçado por demais. E' que eu esperava uma coisa absolutamente notavel, o aparecimento do émulo brasileiro de Bernanos, segundo o que se dizia. A tecnica do romance, então, me decepcionou de fato. O "sentido" do livro, já insinuei, é exato, daria até um excelente ensaio á maneira dos que amava fazer esse outro grande espirito religioso que foi Moisés Marcondes (V. **Da alma critã em face do sofrimento**). Não sei mesmo si poderemos chamar **Aevum** de romance. Num romance vale (nem sempre, aliás, mas principalmente) a "realidade" dos detalhes. Uma história banal como a dos romances de Proust, por exemplo, podem interessar vivamente si ha verdade nos detalhes. Esse **Aevum**

falece também por esse lado. Nem um detalhe sensacional, nem uma anotação que nos obrigue a dizer: "tal e qual". Nada. As figuras aparecem porque o A. tem necessidade delas para completar o desfêcho. Depois falta aquela harmonia, aquela "unidade" da verdadeira novela, "unidade" que Machado de Assis representou tão bem na imagem da bola impelida que toca noutra, etc., creio que no **Quincas Borba**.

Maria Lucia, Angelica, Constança de Castro, até mesmo o tio Pedro, não fazem nada no livro. Movem-se unicamente em função de Severo que se movimenta.

O estilo é mal trabalhado, o "ritmo" da ação existe apenas na sucessão dos capítulos que ora nos levam a Petropolis, a casa de Maria Lucia, ora a Sta. Teresa, a casa do tio Pedro, ora a S. Paulo, numa viagem em que o nosso herói pretende voltar curado de sua paixão...

Concluindo: é um livro que vale em "sentido", pela "intenção" com que foi escrito. Como romance é absolutamente incompreensível, como página de psicologia possui meia duzia de notações verdadeiras de fato, mas como obra de arte — é um prodígio de literatura. E da má literatura, quasi gongorica, irritante, mal acabada.

R. F.

**ARTUR RAMOS: Os horizontes míticos do Negro da Baía** (extr. dos "Arquivos do Instituto Nina Rodrigues", Baía, 1932)

A morte prematura de Nina Rodrigues foi um golpe tremendo para a cultura brasileira. Nunca será demais repetir. O grande maranhense, com certeza uma das mais poderosas organizações de homem de ciência que já possuímos, morrendo aos quarenta e seis anos de idade deixou truncada uma obra de pesquisa, de revelação e desbravamento funda-

mental para o estudo do brasileiro. A mais de um capítulo da medicina-legal, da antropologia, da psicopatologia e da etnografia, a mais de um problema da raça, do negro e do mestiço, entre nós, ele imprimiu para sempre a feição original de seu espirito, ou norteando ou esclarecendo. Foi o fundador da medicina-legal brasileira. E nos seus trabalhos sobre a raça negra situou cientificamente o problema, reuniu enorme material e estabeleceu as bases para um vasto estudo que chegou a realizar em parte. De fato, quando Nina faleceu em Paris no ano de ... 1906, já estava concluído e mesmo quasi todo impresso o primeiro volume do **Problema da raça negra na America Portuguesa**, de que alguns capítulos foram publicados em jornais e revistas. Homero Pires, pesquisador incansável, conseguiu obter a parte impressa do volume e os originais da restante: possui assim o tomo completo com todos os documentos fotograficos coligidos pelo autor. A sua publicação será mais um serviço inestimável que a cultura brasileira ficará devendo ao biógrafo de Junqueira Freire.

Na Baía, onde foi professor, Nina Rodrigues fundou a escola que vem engrandecendo seu nome na medicina-legal. Principalmente aos baianos, portanto, cabe continuar a obra que o mestre deixou incompleta. E' o que compreendeu o autor dos **Horizontes míticos do Negro da Baía**, vice-diretor que é do Instituto Nina Rodrigues daquele Estado. Retomando o tema predileto do maranhense, publica neste folheto a introdução do estudo que tem em preparo. São palavras suas: "O problema, vasto e complexo, requer a intromissão de especialistas em varios dominios, na etnologia, no folclore, na psicopatologia, na psicanálise. Em nossos dias, nem só o material existente se distancia do colhido na época de Nina Rodrigues, em virtude das suas transformações

sucessivas, como ainda contamos com novos métodos de estudo surgidos das escolas contemporâneas da psicologia comparada. Esta recolta e este estudo pretendo continuar, como uma pequena contribuição, na medida de minhas forças, ao problema da raça negra no Brasil".

Artur Ramos, assim, partindo das observações de Nina e aproveitando as que Manuel Querino publicou em 1916, não se propõe somente a atualizá-las e completá-las. Na sua contribuição de pesquisa e interpretação se socorrerá ainda dos métodos que os estudos de Lévy-Bruhl fornecem à psicanálise. E desta última é ele um dos melhores conhecedores entre nós. Seus *Estudos de psicanálise* (já elogiados no n.º 5 desta revista por um competente) garantem por esse lado a profundidade e honestidade do trabalho que ora inicia.

Nesta introdução, depois de se referir resumidamente à influência do negro na América, o autor passa a estudar a mítica afro-baiana. Acentua a importância do feitiço na vida social brasileira e alinha explicando os orixás mais poderosos. A' lista dos apontados por Nina e Querino acrescenta alguns fetiches, orixás ou não. Demonstra a seguir, com transcrições de jornais, a vitalidade atual do feitiçismo iorubano na Baía, praticado em um sem número de candomblés. E entra então na parte mais interessante de seu trabalho, em que é maior a sua contribuição pessoal. Analisa primeiro a influência do catolicismo sobre o feitiçismo negro pela identificação dos orixás com os santos da Igreja e se refere ao candomblé de caboclo, "modalidade de simbiose religiosa a que Nina Rodrigues não fez no seu trabalho a menor referência, o que prova que a sua aparição é relativamente recente". Estuda depois o aspecto psicopatológico dos fenômenos de possessão fetichista, fenômenos que em sua maioria podem ser hoje incluídos "dentro do grande

síndrome de automatismo mental", ampliado por De Clérambault e melhor explicado por Desoille. Critica a teoria animista que levou Nina a considerar o "animismo difuso" como "a forma por excelência do fetichismo afro-baiano". E afastada a hipótese aventada pela escola antropológica inglesa para explicar as crenças religiosas e mágicas dos primitivos, passa a expor o método comparativo de Lévy-Bruhl, que é ao seu ver (conhecerá o autor as objeções e os estudos recentes de Olivier Leroy, por exemplo?) o único que pode dar aquele "conhecimento exato do estado mental dos homens no período mitológico" que o próprio Tylor julgava indispensável para nortear as "pesquisas sobre os processos de formação dos mitos". É a lei de participação, nome com que o autor de *Les fonctions mentales dans les sociétés inférieures* batizou o princípio que rege a mentalidade pre-lógica. Explana finalmente o ponto de vista da psicanálise que, ampliando o método comparativo de Lévy-Bruhl, "veiu trazer novas luzes à compreensão da alma primitiva". Vários mitos, mesmo depois da "fusão dos orixás iorubanos com os santos católicos", podem ser explicados graças à psicanálise: assim os de Iemanjá e Xangô. Na mitologia iorubana, com efeito, são manifestos "todos aqueles complexos primitivos derivados da situação edipiana".

Exercendo sua atividade científica na Baía, onde o material de observação é o mais rico e menos impuro, o professor Artur Ramos está nas condições de dar ao estudo do negro no Brasil, sua mentalidade, sua religião e suas práticas de magia, uma contribuição das mais originais e valiosas. E na esperança de que trabalho de tanta importância seja afinal enfeitado num volume é que chamamos a atenção do autor para o erro de revisão que se nota na p. 7 deste folheto de introdução. Af se lê que os mameucos (porque não mamalucos, como

vem escrito nos documentos do primeiro século?) são os produtos do cruzamento do negro com o índio, quando o são sabidamente do branco com o aborigene.

O. G.

**RAQUEL DE QUEIROZ: João Miguel,** romance (Schmidt Editor, Rio de Janeiro, 1932.)

E' curioso de observar o progresso que Raquel de Queiroz fez com este João Miguel, sobre *O Quinze*. Porque houve progresso e grande, muito embora o romance anterior seja mais impressionante. E permanece com mais importancia dentro da realidade brasileira, pelo fenomeno social que representa. *O Quinze* ficou de fato como um dos depoimentos mais viris e mais malestamentos sobre as secas nordestinas.

João Miguel estuda um ambiente de cadeia numa cidadinha de Interior. Si o caso se passa no Ceará, com pequenas mudanças de mais luzimento material, e mais amargura na gente, podia ter se passado em São Paulo. Num lugarejo de Minas, topei uma feita com uma cadeia extraordinariamente familiar, a que não faltava nem mesmo o assassino passando os dias fóra e só vindo dormir na prisão, que está no João Miguel.

João Miguel tem o vinho briguento, como é tradicional em brasileiro da gema. Bebe no primeiro capítulo e mata um homem. Vai prá correição e fica lá quasi tres anos á espera de julgamento. Afinal este chega, e João Miguel sai livre, acobertado pela "privação de sentidos"... do rabula que o defende. Sai livre e sai vazio, numa disponibilidade enorme, numa desoladora liberdade de futuro. E de presente. Raquel de Queiroz com uma discreção de mestre, nem lhe dá uma esperança de fixação sexual, entre a amante que perdeu, a vaga Angelica solteirona, filha de coronel, e a Filó

de toda a gente. Só no finzinho, Raquel de Queiroz hesita um bocado, no acêrto extraordinario com que escreve. Acaba o romance, dizendo que João Miguel, despedidas feitas na cadeia (e são perfeitissimas de análise e descrição essas despedidas) João Miguel "avançou para a Terra, para a Vida, para a Liberdade". E' um traço de eloquencia que me desgosta bem, gratuito, muito burguês e espectador. E muito pouco daquela esplendida simpatia com que Raquel de Queiroz se identifica tanto com os seus personagens, desaparece neles e sabe fruir a riqueza completa deles, como bondade e malvadeza. Como seres.

De fato a personagem do João Miguel é apenas um pretexto para pintar um ambiente e um grupo de indivíduos. Si o assassino está muito bem expresso pelos gestos que faz e psicologia deduzível desses gestos, não menos admiráveis são as mulheres que o cercam. Santa, Filó, dona Angelica, a mulher do milagreiro, são figuras desenhadas magistralmente. Os homens serão menos vivos talvez, mas o santeiro é ainda duma realidade excelente, e da mesma forma se movem com uma naturalidade impressionante, o coronel, o carcereiro e o cabo Salú. Cada um deles tem no livro o seu capítulo, ou momento de se mostrar vivendo; e com franqueza, não sei entre nós, de quem tenha dialogado com mais perfeição, com mais naturalidade nas falas e mais caracter, do que esta romancista forte.

O grande progresso de João Miguel sobre *O Quinze* é de ordem tecnica. As qualidades excepcionais que *O Quinze* revelara, agora se organizam muito melhor. Veio uma segurança nova de estilo, e uma arte de compor muito excepcional em nosso meio. De resto Raquel de Queiroz não tem imaginação, o que nós chamamos de imaginação neste país de condoreiros. Isso a salva. Os poucos versos que conheço dela são mediocres, pra não dizer, muito ruins. De forma que ela

cria revelando os dados do real, sem que a louca da casa, a louca estragadora da nossa casa brasileira, faça de João Miguel um Oliveiros de terceira classe. João Miguel é João Miguel mesmo, são todos os joões migueis ind Destinados, sem nenhuma organização moral tradicionalizada. Em literatura brasileira isso é quasi novo, esse realismo que é de fato o amor da verdade, pelo que ela possui de amargamente triste e utilitario.

Minha convicção é que João Miguel é um dos livros mais notaveis do Brasil como perfeição de fatura. Sob esse ponto-de-vista é já uma obra-prima. Agora sinto que Raquel de Queiroz espera pelos grandes assuntos pra fazer obras enormes. Mas este João Miguel é já indispensavel pra conhecimento da nossa terra. E fortalece uma literatura.

M. de A.

OSORIO DE OLIVEIRA: *Diario Romantico* (Editorial Atica, Lisbôa, 1932).

As epígrafes são sempre indiscretas. Revelam o verdadeiro temperamento de um artista. Porque é possível desviar-se o proprio genio num esforço cerebral de construção sôbre alicerces estabelecidos "a priori", mas ninguem domina a tendencia subconciente que emerge dessas citações sentimentais.

Osório de Oliveira abre seu *Diario* com um verso de Paul Valéry:

"A l'extrême de toute pensée est un soupir".

Ei-lo todo af na convicção de que o sentimento, a alma si preferirem, é a base da expressão literaria e até da filosofica. Só o fato de amar e sentir Paul Valéry estabelece, entre o autor desse despretençioso diario romantico e o leitor intelectual, uma simpatia amena que predispõe á leitura.

E' que Paul Valéry representa para

nosso espirito uma dicção cristalizada, pura, ao serviço de uma inteligencia sólida e de uma alma toda ela matizada de sutilezas. Entretanto o verso citado nada tem de Valéry. Musset o assinaria. Sainte Beuve tambem. Talvez Sully Prud'homme. Daf o perguntarmos: será mesmo Paul Valéry o patrono de Osorio de Oliveira? Ou terá ele apenas apreciado no grande poeta francês essa falha romantica que escorregou, por assim dizer, na geometria de sua obra? Parece-me girar a resposta em torno desta última alternativa.

Desde o prefácio o autor reage contra o espirito crítico, a inteligencia fria que analisa e que desveste. Quer voltar á natureza e ao sentimento, numa ambição muito lusa de musicalidade suave e de melancolica paixão. Logo após insurge-se contra a literatice daqueles que viciados pela arte não sabem mais sentir como o comum dos mortais. E prossegue através 144 páginas suas divagações filosofico-poeticas, entre lamurias e saudades, desabusado do público e da glória e desejoso tão somente de formar um círculo de amigos que o compreendam. Não era outra a linguagem de 1830. Ame soeur, âme soeur!

Não discutirei os assuntos abordados no *Diario*. Todos os pontos de vista se sustentam. Porém a argumentação deriva mais do coração que do cérebro. E' fraca. Fraseada. Puramente impressionista. A's vezes vulgar. Seria facil, por exemplo, rebater a tese tão ardorosamente defendida da incompatibilidade da arte com a sinceridade sentimental. Evidentemente a concepção de ser um sentir puro somente aquele que não toma forma artistica é absurda. O fato de criar um molde para o pensamento ou para a expressão da sensação não os diminue. Muito pelo contrario, só torna aquele mais claro e esta mais profunda. O primitivismo de dicção emocional não representa maior ou menor emoção porém

apenas cultura ou talento maiores ou menores. Mesmo porque, pelo raciocínio do autor o selvagem da Oceania fôra um homem muito mais admirável do que Paul Valéry, por exemplo. Já virou moda falar-se mal da literatura... por simples literatice. Nada mais irritante nem menos sincero. E esse talvez seja o defeito mais sensível do livro de Osório de Oliveira.

O estilo é simples, agradável, bem que sem grande elegância. Mais de reporter que de artista. Porém tem fôrça na afirmação e audácia. Algo de aventureiro recalcado por uma vida relativamente sedentária aflora dessas paginas empalidecidas. Uma sensibilidade também que se esforça por ser despreendida mas que a gente percebe intimidada.

E' um poeta seculo dezenove, no genero cansado dos que precederam os grandes revolucionarios, mal ajeitado á terrível época de hoje e que, não se entende bem por que cargas d'agua, preferiu a prosa ao verso. Fôra um fadista encantador si não houvera tentado o emolduramento de sua inspiração tranquila, quasi domestica, dentro do quadro grande demais da prosa. O livro ficou como certas gravuras pequeninas que alguém prendeu entre quatro largas tarjas douradas em volta de um imenso *passé-partout*.

Para o leitor brasileiro entretanto essas gravuras têm a miude real interesse. E' que o autor nos visitou e diz agora suas impressões de nossos homens. Graça Aranha, Ribeiro Couto e outros são comentados com simpatia e, o que talvez seja mais raro em quem não é da mesma terra, compreendidos. Aliás é digna de nota, em sua obra, a faculdade que evidencia de admirar os outros, diminuindo-se modestamente á sombra das amizades literarias.

Admirar é comungar com o criador. E' quasi que penetrar todo o senti-

do profundo da criação. Nada mais comovente nem que melhor revele uma alma de elite. Por isso aguardamos com ansiosa expectativa os novos trabalhos de Osório de Oliveira.

S. M.

DEMOSTENES MADUREIRA DE PINHO: *Oração de Formatura* (Of da Livr. Duas Americas, Baía, 1932).

Esta *Oração de Formatura* é mais uma prova de que á retórica os discursadores academicos substituem agora as ideias, boas ou más, porém ideias. Ou (como será mais justo no caso): ao lado das indefectíveis tiradas oratorias, alinham qualquer coisa de bem mais concreto, abordando problemas de direito, de política, de sociologia e assim por diante. O orador dos bacharelados baianos de 1932 é democrata decidido; bate-se pela constitucionalização imediata do país; confessa-se partidario do coletivismo como meio (são palavras suas) de "evitar a Ditadura proletaria, que é a ruína, a destruição do Estado"; acredita no "lema até hoje fementido de — Liberdade! Igualdade! Fraternidade!" e termina invocando o "Espírito Sideral de Rui Barbosa", que ele deseja para "estrêla tutelar dos nossos destinos".

O. G.

JOÃO ALPHONSUS: *Galinha Cega* (Ed. Os Amigos do Livro, Belo Horizonte, 1932).

Afinal João Alphonsus reuniu em livro os contos que, infelizmente com muita escassez, andou publicando pelas revistas de Minas. Mas si o livro ficou pequeno em tamanho, conserva em todas as suas páginas uma admirável qualidade, é um dos produtos fecundos da nossa prosa contemporanea. De resto João Alphonsus é

um estilista. Hoje inda é meio perigoso a gente empregar essa palavra, porquê sob o signo de Euclides da Cunha e de Coelho Neto, proliferou um estilismo pomposo feito de muita gratuidade lirica, flores e sonoridades de linguagem. Quem escrevia assim era estilista. Quem não escrevia assim, escrevia mal. Está errado. Mas, por outro lado, não aceito esse preconceito muito em moda e francês, que manda subtilmente conceber como estilo, aquele jeito de escritura, "tão discreto" dizem, que não chama a atenção sobre si. Os repórteres também escrevem de tal forma que ninguém põe reparo na maneira deles escreverem. O que não quer dizer que os repórteres sejam todos estilistas... Qualquer escritor, já não digo genial, mas apenas, que tenha alguma coisa pra contar, possui estilo proprio, maneira propria de dizer as coisas que pensa de maneira propria. E si nós caminhamos pra uma literatura de expressão social que busca expressar verdades e precisões gerais, não é mal que fique o estilo como sabor de individuo, agindo que nem suspiro fundo dentro do que pretende ser mais de todos que dum só.

João Alphonsus tem estilo proprio e delicioso. Uma liberdade vasta, habil porém, que lhe tornando a expressão muito comoda e brasileira, escapa com agilidade de certas expressões violentas, que, transpostas vivas da linguagem falada pra linguagem escrita, chocam demais. E não apenas chocam demais. São no geral expressões de vitalidade curta, frases, modismos e palavras-falenas, que morrem com o vício coletivo que as botou em circulação. Esse estilo despachado posto em moda pelo grupo moderno paulista, caiu no gôto da menina escrevedeira, que a clangorou por aí tudo, com uma tal deficiência de finalidade ou de justificação individualista de personalidade, que se tornou odiosa. Mas arejou mu-

to a escritura brasileira literaria, e nos deu algumas expressões estilísticas de primeira ordem, não agressivas, não criadoras duma nova "naturalidade", mas naturais de nascença. E' o caso de Antonio de Alcantara Machado, de Marques Rebelo, de Augusto Meyer, de Manuel Bandeira, já legitimos estilistas da nossa prosa despachada. E de João Alphonsus.

O que distingue ainda João Alphonsus é a acuidade de observação psicologica. Os personagens dos seus contos, si não possuem grande vivacidade objetiva, si são menos personagens que, desculpem, a Alma em si, na sua generalidade, os seus personagens são todos admiravelmente expressos como existencia interior. E é mesmo a expressão dessa existencia interior o que atrai mais João Alphonsus, e o leva a se desenrolar em monologos de expressividade admiravel. Essa vida com os seus botões poucas vezes teve entre nós uma realização literaria que iguale ao conto "O Homem na Sombra". Af João Alphonsus me parece que perdeu um romance. A idea basica, um revisor de jornal que se deixa viver, a psicologia, a vida interior do ser entreculto que atinge a mastigação de algum soneto pra revista, isso era um romance que João Alphonsus tinha nas mãos, e que foi pena encurtar assim. Si o que ficou é excelente, a peça não deixa de ser muito insatisfatoria como construção contistica, um bocado vaga, desmanchada.

O gôto pelas análises de alma, de preferencia á fixação viva de personagens e caracterização forte das suas tendencias principais por um fato que acontece: é mais propria do romance que do conto. Em João Alfonsus ha uma promessa grande de romancista, se percebe. Mas isso não quer dizer porém que as peças dêste Galinha Cega não estejam perfeitas como forma de conto. São todas contos legitimos; "O Homem na Sombra", apenas, fazendo a gente desejar uma coerencia mais logica de Ricardo com

a vida que tem, quero dizer: o prolongamento dessa vida.

Com o Galinha Cega, João Alphon-sus fixou o que prometia no grupo de Belo Horizonte. Grupo excepcional como valores individuais, em que pelo menos duas figuras notabilísimas se pode ver, uma na poesia, outra na prosa. Mas êsses escritores tímidos, isto é, orgulhosíssimos, escrevem pouco, num cultivo ensimesmado do valor. Como grupo vivem apagados, cegos como a galinha de João Alphon-sus, sem nenhuma eficiencia moral. Isso é uma grande pena.

M. de A.

#### AOS ASSINANTES E LEITORES DA REVISTA NOVA

O movimento de 9 de Julho impediu a publicação dos ns. 8 e 9 desta revista, a 15 de agosto e 15 de novembro, respetivamente. O presente fascículo compreende, assim, três números reunidos num só volume.

#### MARIO DE ANDRADE

Por motivos de ordem particular, Mario de Andrade deixou o posto que ocupava na direção da REVISTA NOVA, desde o seu primeiro numero. Esse afastamento, entretanto, não privará a revista da colaboração habitual do autor de "Macunaima", como se depreende do proprio sumario do presente número.

#### RECEBEMOS:

— Dionisio Silveira: "Revolução contra a Imprensa" (ed. Spinola & Fusco, Cataguazes, 1932);

— Ernani de Cunto: "Terra de Todos" (ed. Livr. do Globo, Pelotas, ... 1932);

— Eduardo Frieiro: "A ilusão literaria" (ed. "Os Amigos do Livro", Belo Horizonte, 1932, 6\$000);

— "La Vie Intellectuelle" (Juvisy, França), ns. de maio a agosto de 32;

— "Claridad" (Buenos Aires), ns. de abril a setembro de 32;

— "Monterrey" (Correo Literario de Alfonso Reyes, Rio), n. de março de 32;

— "Orto" (Manzanillo, Cuba), ns. de novembro e dezembro de 31;

— "Le Opere e I Giorni" (Genova, Italia), ns. de dezembro de 31 a junho de 32;

— "Brasil — Polonia" (Órgão da Soc. Polono — Brasileira, Rio) ns. de abril a julho de 32;

— "A Verdade" (Lisboa), n. 180 ano XII;

— "Portucale" (Lisboa), n. de março — junho de 32;

— "Ordo" (Maracaibo), t. I, ns. 2 a 4;

— "El Libro y El Pueblo" (Mexico), t. X, n. 5;

— "Nossa Revista" (Recife), ns. de maio e junho de 32;

— "O Pequenino" (Barquinha, Portugal), n. de julho de 32.

#### COLABORADORES DÊSTE NÚMERO:

Alberto Rangel — historiador e novelista pernambucano, autor de "Pedro I e a Marquesa de Santos" e "Inferno Verde".

Murilo Mendes — poeta mineiro, autor de "Poemas".

Francisco Isoldi — catedrático da Faculdade Paulista de Letras e Filosofia.

Luiz da Camara Cascudo — do Instituto Historico do Rio Grande do Norte.

João Pacheco — jovem prosador paulista, residente em Santos, ainda sem obra publicada.

Ermelino A. de Leão — do Instituto Historico e Geografico Brasileiro, autor de "Vultos do Passado Paulista".



# Brasiliãna

## 20 - Os segredos da exportação de bananas

“Sob o titulo acima recebemos de Londres a seguinte e interessante carta do Sr. Antonio Marinho:

Antes de mais nada devo explicar a razão de ser do titulo. Quando cheguei a Londres, em Janeiro do presente ano, encontrei os mais serios obstaculos por parte de grande número de firmas inglesas interessadas no comércio de bananas. Uma grande companhia inglesa, que possui vastas plantações no litoral paulista, conforme o uso do grupo a que é filiada, faz os maiores misterios dos seus negocios. Os auxiliares dessa firma, desde os mais modestos, ao que parece, têm ordem de estabelecer uma especie de cêrca de arame farpado, em tórno de todas as atividades da companhia. Por diversas vezes aqui em Londres tive oportunidade de observar isso. Os desembarques de bananas, mais parecem um contrabando que um negócio; todos os auxiliares têm medo de abrir a bôca para qualquer informação que seja. Assim é que, quando me aproximava de um cacho de bananas, imediatamente os empregados perguntavam o que eu queria, e davam a entender que tinha de me afastar. Logo após, um dos feitores vinha saber do empregado quem eu era, se eu o conhecia, o que queria, etc. De outra feita, fui ao escritorio de uma companhia que possuía uma linha de car-

gueiros frigorificos, os quais fazem transportes regulares de bananas para a Europa, e solicitei uma entrevista com um dos gerentes. Fui friamente recebido. Apesar de saberem eles quem eu era, pois o seu agente em Santos já tinha comunicado a minha ida para Londres, e o firme proposito da nossa firma de instalar uma filial aqui; apesar de se tratar de um futuro embarcador, todas as informações que pedi foram-me recusadas. Tratava-se de certas particularidades de temperatura e de transporte.

Perguntei a quem poderia recorrer sobre o assunto e a resposta foi que não sabiam informar. Todos esses incidentes, em vez de me desanimarem, pelo contrário me alegraram muito, porquanto se tornava interessante a minha aventura, se é que assim possa chamar, pois estando eu acostumado a grandes lutas com a natureza, e tendo saído sempre triunfante, não me haveria de assustar com um punhado de seres humanos. Tendo, graças á minha astucia e tenacidade, conseguido derrubar todas essas paredes, sem exceção de nenhuma, e penetrar em todos pormenores e segredos dêste negócio, animei-me a escrever esta serie de artigos, que só tem por fim tornar público tudo que ha com relação a esta materia, para que os meus compatriotas fiquem a par de tudo quanto se passa a respeito

em Londres. Eis o motivo por que escolhi semelhante titulo.

Referi-me a lutas com a natureza. Tenho a esclarecer esse ponto. Apesar de paulista, passei os dois ultimos anos no Rio de Janeiro, onde me dediquei com afinco, nas minhas horas vagas, á prática do alpinismo. No ano passado, consagrei todos os domingos, feriados, Carnaval, Semana Santa e férias, a desbravar serras e conquistar montanhas. Passei os meus quinze dias de férias nas Agulhas Negras, Itatiaia, onde fiz explorações e conquistas, lutando sempre com os maiores obstaculos, com abismos, cavernas, tempestades, etc. carregando sempre enorme pêso na mochila, padecendo fome e sede muitas vezes; e em muitas ocasiões a minha vida esteve suspensa por uma fragil moita de musgos. Pela primeira vez no Brasil, levei avante e sem nenhum auxilio, fiz marcas a tinta a oleo nas gargantas, cavernas, chaminés, etc., indicando o caminho que conduz ao ponto culminante das Agulhas Negras, 2.931 metros de altitude, dos dois lados numa extensão de cerca de trinta quilometros. Coloquei taboletas indicadoras, marquei e melhorei as picadas do caminho que conduz ao cume da Pedra da Gavea no Rio, conquistei, pela primeira vez, diversas montanhas da serra dos O'rgãos, isto é, pela primeira vez um ser humano conseguiu chegar a tais paragens; estive duas vezes no célebre Dedo de Deus, sem contar outros feitos de menor importancia. Portanto, aprofundar as minimas particularidades do comércio de banana, foi para mim apenas uma diversão.

Em principio de 1929, quando houve grande movimento no sentido de formação de fazendas de bananas, tendo eu regressado dos Estados Unidos, onde estive estudando e trabalhando (pois fui, durante seis meses, operario de uma das maiores fabricas de material electrico), querendo fazer qualquer coisa, resolvi tornar-

me um sitiante de banana. Nessa ocasião fiz os meus primeiros estudos sôbre a materia. Gastei cerca de três meses nesse trabalho. Esgotei toda a literatura que consegui obter nas livrarias de São Paulo, referente á banana.

Estive no litoral paulista, fazendo estudos e reconhecimentos; passei diversas semanas em sitios de amigos, aprendendo a parte prática. Com o auxilio das bibliotecas da Secretaria da Agricultura e Comissão Geografica e Geologica, compilei todos os dados possiveis sôbre as condições do litoral, calculei a média das chuvas, humidade, direção dos ventos, etc., analisei amostras de terra, estudei o problema de transporte, etc., pois queria fazer uma plantação scientifica modelar. Quis, entretanto, o capricho, pois sou um tanto tenaz, que não conseguisse comprar por insignificante diferença de preço o que eu queria. Fiquei contrariado, e a minha atenção se concentrou em outros negocios, abandonando eu por completo a idéa da banana.

No fim daquele ano, isto é, 1929, quando começou a crise do café, compreendi imediatamente a situação, e tive a impressão de que S. Paulo era uma bananeira que já déra cacho. Numa bela noite, depois do jantar, resolvi ir de mudança para o Rio; em menos de uma hora estava em plena estrada de rodagem, devorando sózinho a quilometragem do percurso. Dias depois, tinha conseguido ottimo emprêgo, numa companhia americana, na qual permaneci dois anos, até que a mesma reduziu os seus escriptorios de noventa por cento, sendo eu um dos ultimos a receber o bilhete azul.

Na madrugada do dia 26 de Dezembro de 1931, fui despertado por um telegrama urgente de S. Paulo; era de um amigo, hoje meu socio, que me pedia telefonasse com toda a brevidade para S. Paulo. Qual não foi o meu espanto, quando recebi o convite de embarcar imediatamente para Lon-

dres, num vapor cargueiro, acompanhando um carregamento de cerca de 6.000 cachos de bananas! Nessa mesma noite, embarquei para S. Paulo, discutimos o negócio e assentámos as bases para a formação de uma sociedade, visando, não só a exportação de frutas, como de todo e qualquer produto nacional. Dias depois, achava-me em alto mar, no rumo da Inglaterra. Se o convite tivesse chegado um pouco mais tarde, nada disso teria acontecido, pois estava no Rio nas vésperas de chegar a um acôrdo definitivo com uns amigos, para a formação de uma sociedade de exportação; naquele momento, porém, as frutas não eram o nosso principal produto.

Os dias que se sucederam depois que resolvi esse negocio, até ao momento da saída do vapor, foram de uma verdadeira correria. Passei a maior parte das noites nos trens da Central, viajando do Rio para S. Paulo e vice-versa. Nessas duas cidades, tratei de arranjar amostras de quasi todos os produtos nacionais, visitei todas as livrarias á cata de livros sobre os nossos produtos, consultei todo o arquivo e bibliotecas das repartições federais do Rio, á procura de relatórios e estatísticas que nos pudessem interessar, de modo que consegui trazer com a minha bagagem um bom mostruario e uma boa biblioteca com referencia ao que ha, inclusive catalogos telefonicos do Rio e S. Paulo, Guias Levi, mapas, etc. Enfim, o nosso escritorio aqui é uma verdadeira Camara de Comercio.

O nosso primeiro negócio que resultou num prejuizo total, foi um carregamento de 6.221 cachos de bananas, que eu trouxe no vapor "Corrientes". Sendo um vapor cargueiro, tive que ser incluído na lista da tripulação para poder viajar.

A primeira coisa que fiz, foi logo estudar os transportes em camaras frigorificas, especialmente com relação a frutas.

Fiquei muito amigo da officialidade toda, o engenheiro chefe imediatamente ensinou-me a manobrar com as camaras ventiladas, emprestou-me varios livros sobre refrigeração, etc. Eu descia todos os dias aos porões para observar as bananas, e eu mesmo no fim já fazia todas as manobras de mudança de direção e renovação de ar. O capitão deu-me tambem lições de pilotagem, assim como o radiotelegrafista. Sou bom marinheiro, nunca enjoei, e essa era a minha quarta travessia de oceano. Os vinte e um dias correram agradaveis e rapidos.

Em Londres, passava diariamente duas a tres horas por dia numa estufa de amadurecimento de banana, graças á gentileza de uma firma inglesa, fiz amizades com estivadores, carroceiros, compradores de banana, quitandeiros, e li todos os livros e relatorios sobre banana. Assim que chegava um vapor do Brasil com banana, ia imediatamente aos cáes, misturava-me á massa de trabalhadores e conseguia desse modo penetrar a bordo, onde ia diretamente á cabina do engenheiro chefe, apresentava-me e começava a discutir imediatamente assuntos tecnicos. Em poucos minutos estavamos bebendo whiskey na mais franca camaradagem. Foi assim que consegui ficar a par das menores minudencias dêste negócio.

....."

## II

"Damos a seguir a interessante e vasta carta que o Sr. Antonio Marinho nos remeteu de Londres, como garantia de suas observações sobre o assunto:

"As frutas brasileiras, principalmente a laranja e a banana, são indiscutivelmente as melhores do mundo. O que falta para que o commercio de frutas do Brasil seja desenvolvido convenientemente, é a organização. Infelizmente, esse commercio

está todo em mãos de ingleses que, na minha opinião, não têm muito método. Se, por acaso, os americanos do norte tivessem começado esse negócio, estaríamos muito mais adiantados. Não quero que interpretem as minhas palavras como se eu tivesse aversão ao povo inglês; pelo contrário, gosto imensamente da Inglaterra, estou completamente adaptado ao meio, e fixei residência permanente neste país.

Um amigo, brasileiro, atualmente em Londres, não se cansa de dizer que nunca viu povo tão preguiçoso como o inglês. Em parte, tem razão; o povo inglês é muito conservador e um tanto vagaroso. Os escritórios das firmas inglesas de Londres são muito antiquados, da era do Judas, como se costuma dizer aí no Brasil: moveis de aço e processos modernos de arquivos, etc., são coisas que se vêem muito raramente. Quando cheguei a Londres acostumado com os rápidos onibus do Rio, não tolerava os de Londres, verdadeiras tartarugas. Os trens subterrâneos daqui não são tão rápidos como os de Nova York; os restaurantes nem se fala; é uma dificuldade ser-se servido, e tudo muito devagar. Por esse motivo, acredito que, por preguiça, nenhuma das firmas inglesas estabelecidas no Brasil decidiu fazer o negócio de frutas diretamente; é muito mais confortável passar todo o negócio para outras firmas já existentes e cobrar uma comissão extra dos brasileiros, que são, na opinião deles, um povo preguiçoso e atrasado, incapaz de reagir contra esses abusos.

Para concretizar as minhas palavras vou dar um exemplo prático para que os meus patricios compreendam a atual situação deste comércio. Um proprietário tem um predio, o proprietário é o fazendeiro; querendo vender a propriedade, que no nosso caso é a fruta, entrega a mesma, verbalmente, a um "amigo", que é a firma inglesa do Brasil. Esse "amigo" diz que vai cobrar uma comissão,

geralmente 5 ou 7 por cento; diz ainda várias coisas impressivas, por exemplo: que tem que pagar o frete, o que é geralmente mentira, pois quem paga o frete é outro, etc. Esse "amigo" uma vez de posse da propriedade, dá a mesma para um corretor vender; o corretor, neste caso, é a firma especialista em frutas, com armazens, depositos, etc.; esse corretor vende e cobra a corretagem usual; e é o mesmo quem paga o frete, direitos etc.; de posse da conta de venda, o "amigo" vai ao proprietário do predio e diz: "Vendi o seu predio, aqui está a nota", e cobra, então, mais a comissão extra, conforme foi combinado previamente. O proprietário fica sem o predio, não sabe quem é o comprador, recebe um saldo reduzidissimo, quando o recebe, que mal cobre o custo da mercadoria. Esta é a exata posição do comércio de frutas do Brasil. É um abuso, que tem que acabar, e a que vou pôr um paradeiro. Assim, toda a fruta de uma das cooperativas de uma das nossas cidades do interior confiadas a mim, foi entregue a uma firma especialista daqui para vender; declarei porém, que positivamente não cobraria nenhuma comissão extra da cooperativa, nem tão pouco aumentaria a comissão usual, para ficar com a diferença; que o meu lucro tinha que sair da comissão usual, isto é, eles tinham que repartir comigo a porcentagem e sujeitar-se à minha mais rigorosa e energica fiscalização.

Essa firma concordou plenamente com tudo, e na proxima semana chegará o primeiro lote de 1.300 caixas de laranjas.

Felizmente, com a minha presença aqui, vai-se abrir nova era para o comercio de frutas do Brasil. Com os meus conhecimentos de refrigeração, devida organização e nova orientação que pretendo dar a este comércio, alimento muitas esperanças, e conseguirei dentro de um futuro muito pro-

ximo melhorar os transportes de fruta para a Europa.

.....

Tudo que tenho dito nestes artigos não são palavras, porêm fatos, que posso provar. As firmas inglesas geralmente dizem que têm mais de cem anos de existencia, que conhecem o negocio, etc. e que os estrangeiros que aqui chegam, têm a mania de querer saber mais do que eles e dar lições. Pois eu cheguei, fiquei sabendo mais que eles e dei lições a uma firma de mais de cem anos de existencia; a prova está na fotografia de toda a correspondencia trocada em Londres. Tive a precaução de assim proceder, para mostrar os fatos de modo indiscutivel.

Sou o homem mais imparcial que possa existir, mas quando estou com a razão, não hesito em defender por todos os meios a verdade. Nada me assusta. Basta para isso citar o que se passou comigo durante a revolução de Outubro. Estava incorporado num dos regimentos do Rio e, como de praxe, pousei no quartel na noite de 23 para 24. Na manhã de 24, quando estourou o movimento revolucionario vencedor, tive bastante coragem de enfrentar tudo, debaixo de uma atmosfera de terror, no meio de metralhadoras, canhões e granadas, prontas para entrarem em ação; com risco, talvez, de ser fuzilado de uma

hora para outra, recusei pegar em armas contra o govêrno então constituido. Fui recolhido sob custodia num dos alojamentos, e na primeira oportunidade que tive, fugi do quartel, desertando por completo do meu regimento; quando cheguei a casa, rasguei a minha farda, enojado de tudo que presenciei. Portanto, tendo eu que forçosamente competir com todas as firmas inglesas, antes que elles comecem o ataque, sou eu quem rompe as primeiras hostilidades. Estou aqui em Londres anotando toda a safra de laranja. Em cada vapor que chega, vou pessoalmente verificar o desembarque; quando não posso mando um dos meus auxiliares. E' obrigação de todos os brasileiros fazer com que o negocio de fruta fique em mãos de seus patricios, para evitar que aconteça o mesmo que com as companhias frigoríficas, electricas, etc. O Brasil possui tudo para ser o maior fornecedor de frutas do mundo inteiro; só falta coragem e organização. O tratamento que as firmas inglesas dispensam aos brasileiros, tem que acabar. Essa attitude ousada que estou tomando, é para o nosso proprio bem; é porêm preciso que todos os brasileiros me ajudem, pelos menos moralmente.

.....

(do "Jornal do Comércio", do Rio, de 22-4 e 8-5-932)



# REVISTA NOVA

## PUBLICOU NO N. 5

(fevereiro de 1932):

“Momento” — Eduardo Prado:  
“Manuel de Moraes” — Sergio  
Milliet: “Poemas” — Alberto  
Rangel: “Cruêra” (II) — Ri-  
beiro Couto: “Samuel” — Er-  
melindo A. de Leão: “O vilejo  
de Piratinin” — Martins de Al-  
meida: “Café, café e mais café”  
— Alfredo Ellis (Junior): “Po-  
pulações Paulistas” (IV) — José  
de Mesquita: “Corá” — Pedro  
Dantas: “Perspetivas” — Ama-  
deu Amaral Junior: “Supersti-  
ções do povo paulista” (III) —  
Notas de A. C. Couto de Barros,  
José de Almeida Camargo, Car-  
los Pinto Alves, Tacito de Almei-  
da, Amadeu Amaral Junior,  
Orestes Guimarães, Mario de An-  
drade e António de Alcântara  
Machado — Brasiliana — Re-  
senha.

## NO N. 6

(abril de 1932):

Visconde de Taunay: “Excer-  
ptos do *Diario*” — Augusto  
Meyer: “Poemas” — E. Roquet-  
te Pinto: “Fragmento do *Faus-  
to*” — Rodrigo M. F. de Andra-  
de: “O entêrro de seu Ernesto”

— Alfredo Ellis (Junior): “Po-  
pulações paulistas” (V) — Ma-  
rio de Andrade: “Menina de  
ôlho no fundo” — Pedro Dan-  
tas: “Perspetivas” — Pierre  
Guéguen: “Lasar Segall, pintor  
do Brasil” — Notas de Mario  
de Andrade, Leocadio Pereira  
e Orestes Guimarães — Brasi-  
liana — Resenha.

## NO N. 7

(junho de 1932):

“Momento” — “Extratos dos  
Arquivos Domesticos da Com-  
panhia de Jesus referentes a  
Manuel de Moraes” — Luiz  
Aranha: “Poema Giratorio” —  
Alcantara Machado: “Oração  
de Paraninfo” — Antonio Fi-  
gueiredo: “O socialismo e Sa-  
verio Nitti” — Mario de Andra-  
de: “Luiz Aranha ou a poesia  
preparatoriana” — Alfredo Ellis  
(Junior): “Populações Paulis-  
tas” (VI) — Marques Rebello:  
“Circo de coelhinhos” — Pe-  
dro Dantas: “Perspetivas” —  
António de Alcântara Machado:  
“Leopoldo Fróes” — Rodrigues  
de Carvalho: “Lingua Nacio-  
nal” (IV) — Sebastião Almeida  
Oliveira: “Superstições de Ta-  
nabi” — Notas de Mario de  
Andrade e Orestes Guimarães  
— Brasiliana — Resenha.

























